

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



O Leste perdido – os alemães entre expulsão, culpa e sofrimento no romance *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* de Arno Surminski

**ANA MARGARIDA DURÃES DO CARMO**

MESTRADO EM ESTUDOS ALEMÃES  
Estudos Comparados em Contexto de Expressão Alemã

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



O Leste perdido – os alemães entre expulsão, culpa e sofrimento no romance *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* de Arno Surminski

**ANA MARGARIDA DURÃES DO CARMO**

MESTRADO EM ESTUDOS ALEMÃES  
Estudos Comparados em Contexto de Expressão Alemã

Dissertação orientada pela Professora Doutora Anabela Rodrigues  
Drago Miguens Mendes e co-orientada pela Professora Doutora  
Teresa Rodrigues Cadete

2011

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar por agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Anabela Mendes, que aceitou acompanhar-me, salvando-me de um "sobressalto". Guardo o ano e meio do nosso trabalho conjunto como um período de muita aprendizagem, não apenas na área académica, mas também na área humana. Muito obrigada pela orientação firme e segura, a motivação, o apoio, a paciência, o carinho sincero e, sobretudo, a sua amizade. Não esquecerei as suas frases inspiradoras, no sentido de afastar todas as minhas "ideias peregrinas" e abrir o caminho de forma sistemática, fazendo exercícios de reflexão e criando um discurso autónomo, não menosprezando os "trabalhos de casa não integráveis" e que "os porcos são cor-de-rosa", como tal "podia começar como quisesse menos assim". Obrigada também pelos saborosos almoços e chazinhos, estes momentos acolhedores ficarão na minha memória, assim como aqueles em que a Professora Anabela me permitiu seguir viagens para outras paragens, por exemplo, com a Maria Gabriela Llansol, e ganhar alento para novas reescritas do trabalho.

Obrigada também à Professora Doutora Teresa Cadete, pela sua compreensão, e por ter aceitado desde logo seguir este percurso connosco, vigilante e sempre disponível.

Os meus sinceros agradecimentos à Oma Garbe, a fonte de onde bebi a ideia que neste trabalho apresento. Passados 22 anos, mantenho ainda bem presente a sua imagem dentro do Ford Fiesta, no caminho de regresso de Plön a Pinneberg, onde entusiasticamente me revelou a sua vida em jovem. Embora já sem a possibilidade de cozinhar uma *Hühnersuppe*, obrigada por se ter de imediato disponibilizado a conceder a entrevista que faz parte dos Anexos deste trabalho.

Ao escritor Arno Surminski, por ter redigido o livro que serviu de eco ao tema escolhido para o trabalho e, sobretudo, pelo acto de afecto demonstrado ao aceitar responder à entrevista que lhe fiz.

A Jürgen e Karin Muschketat, pelo interesse sempre demonstrado e pela possibilidade que me deram de me aproximar de *Vertriebene* em "carne e osso".

Ao Sr. Heinz Reich, pelo envio da sua compilação sobre a Prússia Oriental e por ter autorizado que dela retirasse o verso que se apresenta na epígrafe do trabalho.

À Eugénia, por me ter substituído nas lides domésticas, permitindo que eu me dedicasse a leituras e escritas profundas, com mais tempo e boa disposição.

Aos meus amigos, Ana Luísa Castel-branco e José Carlos Fernandes, reservo a mais profunda gratidão, sobretudo pelos quatro olhos suplementares que penetraram nestas páginas, em busca de inconsistências e falhas desde as primeiras linhas ao último ponto final. À "miga", pela leitura atenta e comentários, por ter acompanhado boa parte das versões e angústias do texto. Ao José Carlos, por todas as advertências e chamadas de atenção para me "furtar a problemas", para além de me ter despertado a consciência de que lançava fios que depois não agarrava e de me esquecer que "os chimpanzés por enquanto não escrevem romances e as toupeiras também não". Guardo com carinho as preciosas recomendações bibliográficas do José Carlos, foi ele que me levou a não "citar sempre Ther" e ainda hoje estou espantada por alguém ter tanta "curiosidade pela II Guerra Mundial e pelas suas engenhocas" e "décadas depois ainda distinguir um Focke-Wulf Fw 190 de um Focke-Wulf TA 152", embora reconhecendo ser "uma aptidão de duvidoso interesse prático"

Agradeço, destacando por último, ao Olli, à Lia e à Nina, a minha família. Não esqueço toda a paciência com que sempre me ouviram e toleraram, o consentimento das minhas ausências, físicas e mentais, acabando, por vezes, por ter de dar razão à Nina, "Não estás já farta da *Vertreibung*?". Mas espero que este trabalho também venha a abrir novos horizontes à Lia e à Nina. Ao Olli, pelas suas palavras de estímulo, o meu *Duden* ambulante e, sobretudo, o "técnico" sempre disponível, para todas as formatações e não só, sem as quais, o trabalho não teria o seu aspecto final. Só posso desejar que os três continuem sempre presentes, dando-me luz e força.

## RESUMO

Esta dissertação tem por objecto a análise literária da obra *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* de Arno Surminski, uma narrativa ficcional sobre a fuga e a expulsão de cidadãos alemães do antigo Leste germânico durante e após a Segunda Guerra Mundial. Este acontecimento dramático referencia uma das maiores migrações na História mundial e foi consequência do desmantelamento do território alemão nas suas fronteiras a Leste. Neste contexto, o romance de Arno Surminski descreve a aldeia fictícia de Jokehnen no território real da Prússia Oriental, uma das províncias perdidas pela Alemanha. Jokehnen é descrita no seu idílio rural e simplicidade, revelando o narrador autoral os sentimentos dos seus habitantes, como o sofrimento, a revolta e a nostalgia, à sombra da culpa na época do referido acontecimento histórico. Para melhor elucidar as diferentes fases deste processo e a vertente traumática que o mesmo englobou, a nível individual e colectivo, apresenta-se uma exposição aglutinadora que problematiza a contextualização histórica e política que levou à consequente atitude punitiva por parte de populações não-alemãs sobre os alemães que habitavam este Leste da Europa, e que encontra eco na obra de Arno Surminski. O trabalho fornece ainda uma visão do tratamento literário do assunto, que pode ser englobado num tipo diferenciado de literatura, a "*Vertreibungsliteratur*" [Literatura da Expulsão] e revela-se a forma como este tipo de literatura foi durante longos anos menosprezado pela teoria e crítica literárias no contexto de expressão alemã, embora a temática não tenha deixado de ser debatida em círculos privados e familiares, fazendo parte da memória dos que vivenciaram esta experiência.

Palavras-chave: Fuga e Expulsão Germânicas, Leste Alemão, Literatura da Expulsão, Arno Surminski, *Jokehnen*

## ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Masterarbeit analysiert das literarische Werk *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* von Arno Surminski, eine fiktionale Erzählung über die Flucht und die Vertreibung deutscher Staatsbürger aus dem ehemaligen deutschen Osten während und nach dem Zweiten Weltkrieg. Dieses dramatische Geschehen stellt eine der größten Migrationen in der Weltgeschichte dar und ist eine Folge der Verschiebung der Ostgrenzen des deutschen Gebietes. In diesem Kontext beschreibt der Roman von Arno Surminski das fiktive Dorf Jokehnen im realen Gebiet von Ostpreußen, eine der verlorenen ostdeutschen Provinzen. Jokehnen wird in seiner ländlichen Idylle und Einfachheit beschrieben, wobei der auktoriale Erzähler die Gefühle seiner Bewohner, wie Leiden, Auflehnung und Nostalgie, im Schatten der Schuld bei diesem historischen Geschehen darstellt. Zur besseren Erläuterung der verschiedenen Phasen dieses Vorgangs und der ihm innewohnenden traumatischen Aspekte, sowohl auf individuellem als auch auf kollektivem Niveau, wird eine agglutinierende Beschreibung, die den historischen und politischen Kontext problematisiert, der zur strafenden Vorgehensweise gegenüber den Deutschen, die die deutschen Ostgebiete bewohnten, durch die nicht-deutsche Bevölkerung führte und welche im Roman Arno Surminskis ihr Echo findet. Die Masterarbeit gibt zudem einen Gesamtüberblick über die literarische Behandlung der Thematik, welche in ein gesondertes Genre der Literatur, die *Vertreibungsliteratur*, einzuordnen ist, wobei offenbart wird, wie diese von der Germanistik jahrelang außer Acht gelassen wurde, obwohl die Thematik weiterhin in privaten, meist familiären Kreisen, durchaus angesprochen wurde, als Teil des Gedächtnisses derer, die diese Erfahrung durchmachen mussten.

Schlüsselworte: Flucht und Vertreibung der Deutschen, Ostgebiete, Vertreibungsliteratur, Arno Surminski, *Jokehnen*

## ÍNDICE

Introdução .....	7
Capítulo 1. Contextualização histórico-política.....	12
1.1. A expulsão dos alemães - um fenómeno de limpeza étnica.....	20
1.2. Política do nacional-socialismo precursora de uma futura migração forçada ..	25
1.3. A fuga e a expulsão dos alemães das províncias do antigo Leste alemão .....	30
1.4. Consequências fatais da Conferência de Potsdam .....	38
1.5. Os alemães como vítimas - um novo olhar sobre a História.....	43
Capítulo 2. A <i>Vertreibung</i> no contexto literário .....	48
2.1. Literatura da Expulsão – diferentes fases .....	52
2.2. Interpretação pela Germanística .....	55
Capítulo 3. <i>Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?</i> de Arno Surminski – o domínio literário de uma autobiografia traumática .....	60
3.1. Arno Surminski – Perfil biográfico.....	63
3.2. A escrita de Arno Surminski.....	64
3.3. O romance <i>Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?</i> de Arno Surminski – entre autenticidade e fantasia .....	67
3.4. Recepção, organização e estrutura narrativa de <i>Jokehnen</i> .....	72
3.4.1. O narrador autoral .....	75
3.4.2. O espaço e o tempo .....	76
3.4.3. O estilo do autor .....	81
3.5. Representação da História na ficção .....	85
3.6. Personagens – "tipos políticos" e as crianças em fuga em 1945.....	96
3.7. Prússia Oriental - "Heimat" e idílio nostálgico.....	107
Conclusão .....	111
Bibliografia .....	116
Índice onomástico .....	122
Anexos .....	124

## Introdução

"Am 19.01.1945 nahm sie Abschied von der Heimat.

Denn es hieß: "Sofort müsst ihr weg!"

Nach dieser Zeit nahm Ostpreußen großen Schad';  
denn nach Westen zogen die Flüchtlinge im Treck."

(Heinz Reich)<sup>1</sup>

[A 19.01.1945 da pátria ela se despediu.

O mote era então: "Têm de partir já!"

Grande dano depois a Prússia Oriental atingiu;  
pois para Ocidente seguiam em êxodo os refugiados de lá.]

Esta dissertação tem por objecto a análise literária da obra *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* de Arno Surminski, uma narrativa ficcional que apresenta a fuga e a expulsão de cidadãos alemães do antigo Leste germânico durante e após a Segunda Guerra Mundial.

Este acontecimento dramático referencia uma das maiores migrações na História mundial (Nawratil, 2007: 79) e foi consequência do desmantelamento do território alemão nas suas fronteiras a Leste, que culminou com a "transferência ordenada e humana das populações alemãs" decretada na Conferência de Potsdam de Julho de 1945 (Kossert, 2008: 31).

O interesse pessoal por este assunto teve o seu início em 1989, numa rua, Bodderberg, situada em Pinneberg, uma pequena cidade no Estado Federal de Schleswig-Holstein na Alemanha. Esta rua com ar pacato não era apenas demarcada pelos amplos espaços verdes à sua volta, tão característicos deste Estado alemão, mas sobretudo pelos edifícios outrora cinzentos que a preenchiam. As remodelações mais actuais destas edificações dão-lhe hoje outra cor, mas nelas ainda estão presentes os traços marcantes de uma construção de betão robusta e delatora do propósito apressado de albergue e novo abrigo: estes edifícios foram erguidos nos finais dos anos quarenta, início dos anos cinquenta, do século passado, para

---

<sup>1</sup> Heinz Reich, nascido em 14 de Agosto de 1943, na Prússia Oriental, é descendente de refugiados desta antiga província de Leste e um autodidacta que escreveu uma compilação de versos sobre a história da Prússia Oriental, intitulada "Im Land der Elche" [No país dos alces]. Em Janeiro de 2011, pedimos autorização a Heinz Reich para utilizar este verso, que está inscrito na página 14 dessa compilação, como epígrafe alógrafa deste trabalho.

alojar muitos alemães oriundos das antigas províncias do Leste (ver no Anexo I fotografias da Bodderberg em 1989 e à data de Fevereiro de 2011). Certamente que se as paredes falassem nos poderiam contar histórias de destinos trágicos de indivíduos que foram obrigados a abandonar os seus lares numa terra longínqua e para eles definitivamente perdida. Um exemplo de um destino destes é o de Eva Garbe, hoje com 94 anos de idade. As suas palavras, que se encontram gravadas num *cd* em anexo a este trabalho (Anexo III), são o testemunho real do sofrimento destas pessoas que foram obrigadas a passar por uma experiência de tal forma traumática que as marcou para sempre.

Visto este trabalho se situar no âmbito da literatura em contexto de expressão alemã, procuraram-se nesta área textos que ficcionalizassem vivências traumáticas semelhantes à de Eva Garbe e que apresentassem os sentimentos, como o sofrimento, a revolta, a nostalgia, à sombra da culpa, relacionados com a referida fuga e expulsão.

A presente procura levou ao encontro de dois textos *Alles Umsonst* de Walter Kempowski (2006) e *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* de Arno Surminski (1974). Encontrámo-nos perante dois processos de discursividade que tematizam e ficcionalizam o assunto em apreço com base em diferentes propostas e estratégias narratológicas: Walter Kempowski narra a partir do seu imaginário e recorre à memória colectiva; Arno Surminski, por ter vivido a experiência da *Vertreibung* [Expulsão], dá uma dimensão estética particular a uma autenticidade autobiográfica. Podemos afirmar que o romance de Kempowski nos fornece uma ficção com pendor histórico, assente num drama narrativo construído de uma forma consistente. Arno Surminski consegue transmitir-nos uma sensação real do território perdido que foi a Prússia Oriental, com a sua ruralidade, o seu dialecto, os pequenos dramas dos habitantes da aldeia fictícia de Jokehnen.

A nossa opção por uma monografia recaiu no romance de Arno Surminski, pelo interesse despertado pela forma como a realidade histórica nele foi incluída e também pelo facto de o texto *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* ser uma primeira estreia para o seu autor numa fase de rejuvenescimento da designada Literatura de Expulsão. O texto de Kempowski, com uma primeira edição em 2006, pode ser inserido numa série de textos literários com base na temática da fuga e da expulsão, publicados no final do século passado e no início deste. De entre estas obras, poderíamos salientar ainda,

a título de exemplo, pelo seu interesse e qualidade literária, *Im Krebsgang* (2002) de Günter Grass e *Himmelskörper* (2005) de Tanja Dückers, trabalhando ambos o tema do naufrágio do navio Wilhelm Gustloff no Mar Báltico, através da história de três gerações.

O corpo principal do presente trabalho é constituído por três capítulos que correspondem à contextualização da época conducente ao aparecimento da Literatura da Expulsão, à produção literária propriamente dita derivada desse contexto e à análise e interpretação do romance de Arno Surminski.

No Capítulo 1 criámos a contextualização que permitiu desenvolver de modo crítico as premissas para o tratamento do assunto literário relacionado com os acontecimentos decorrentes do processo histórico-político e social de fuga e expulsão de populações alemãs do Leste europeu para o Ocidente durante e após a Segunda Guerra Mundial. Dado que este assunto requeria um tratamento particular, pela complexidade das questões de natureza geográfica, histórico-política, social, cultural e linguística, que vieram a envolver as populações alemãs e não-alemãs da região designada, e que encontram eco na obra de Arno Surminski, considerou-se necessário dedicar-lhe uma exposição aglutinadora que as problematizasse. Relativamente à realidade geográfica, essencial como pano de fundo para o romance surminskiano, salienta-se a importância da organização e enquadramento territoriais como centro propício à análise em torno de uma região constituída pela Prússia Oriental que, juntamente com a Prússia Ocidental, a Silésia, Danzig (a actual Gdańsk), a Pomerânia e o Leste do Brandemburgo pertenciam ao antigo Reino da Prússia, extinto aquando das fronteiras definidas pelo Tratado de Versalhes de 28 de Junho de 1919.

Durante os trabalhos preliminares deste estudo avançámos para a pesquisa de materiais que pudessem elucidar sobre as motivações históricas e políticas que levaram à conseqüente atitude punitiva por parte de populações não germânicas sobre os alemães que habitavam este Leste da Europa. Na sequência dessa investigação foram encontrados inúmeros documentos e obras de referência no Arquivo Literário em Marbach, de onde se extraíram maioritariamente as explicações sobre a contextualização histórico-política apresentada neste capítulo do trabalho. Ainda neste capítulo referimos as diferentes fases do processo de fuga e de expulsão dos alemães e as respectivas repercussões na população civil. Para melhor elucidarmos o leitor sobre a vertente traumática que este processo englobou a nível individual, recolhemos, numa entrevista pessoal já referida, o testemunho de Eva Garbe

que aqui damos a conhecer. Sem descurarmos os efeitos causados pela agressiva e destruidora acção nacional-socialista em territórios não germânicos, apresentamos ainda um novo olhar sobre a História que nos leva a repensar a vida dos alemães também como vítimas da política nacional-socialista.

No Capítulo 2 fazemos alusão ao número elevado de narrativas de experiências, diários, peças de teatro, romances, contos e poemas sobre o tema da fuga, da expulsão e da perda da pátria no antigo Leste alemão que têm vindo a público desde os finais da década de 40 do século passado. É, todavia, na prosa narrativa, mais propriamente no romance, que este assunto tem sido mais desenvolvido. Existem antologias onde se comprova a existência desta vastidão de publicações, de entre elas destacámos neste capítulo, os trabalhos de Louis F. Helbig<sup>2</sup> que nos fornecem ainda uma visão sumária do tratamento literário do assunto. O mencionado autor reiterou a existência de um tipo diferenciado de literatura, a "*Vertreibungsliteratur*" [Literatura da Expulsão], que pode ser dividida em várias fases, igualmente analisadas no presente capítulo. Este tipo de literatura é assim designado por abarcar no seu âmbito a temática referida e os diversos aspectos com ela relacionados, como sejam a presença da descrição de uma determinada região e, mais particularmente, de uma província marcada por diversas especificidades e acometida de sentimentos pessoais de "pátria" associados a memórias de infância e do aconchego do lar (Schneiß, 1996: 11) e dos diferentes espaços socioculturais nela presentes. Revelamos neste capítulo que este tipo de literatura foi durante longos anos menosprezado pela teoria e crítica literárias no contexto de expressão alemã e apontámos os principais motivos para tal. Com a Queda do Muro de Berlim, a Germanística, assim como várias outras disciplinas, voltaram-se, no entanto, com afínco para este fenómeno histórico que se repercutiu na história social e cultural da Alemanha e que representou um drama social e humano.

O Capítulo 3 constitui o cerne do trabalho, a análise da estrutura do romance *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*, privilegiando uma interpretação da estratégia narrativa utilizada por Arno Surminski e procurando perceber os mecanismos e as tentativas com os quais este autor construiu a sua obra, nomeadamente a

---

<sup>2</sup> Este germanista de descendência germano-americana, proveniente da Silésia, publicou duas obras importantes que estão referenciadas na bibliografia do trabalho: "Das Flucht- und Vertreibungsgeschehen in Belletristik und Literaturforschung 1945-1985", in "Jahrbuch der Schlesischen Friedrich-Wilhelms-Universität zu Breslau", 27/1986 e a obra publicada posteriormente e que se baseia nesta *Der ungeheure Verlust. Flucht und Vertreibung in der deutschsprachigen Belletristik der Nachkriegszeit* (1988), Wiesbaden.

partir do ponto de vista das crianças. Neste capítulo fazemos um estudo crítico do romance, tendo por objectivo evidenciar a relação entre o discurso da História e o discurso ficcional e as diferentes percepções e captações desenvolvidas pelo seu autor. Na referida obra surminskiana procurámos as características específicas da paisagem, da língua, da cultura e da organização deste antigo território do Leste alemão, sob a ficcionalidade de *Joekhenen*. No discurso do romance problematizámos a inclusão da História e, em particular, os acontecimentos prévios ao processo da fuga e da expulsão e a forma como são relatados. Embora de aparente fácil leitura e compreensão *Joekhenen* dá-nos a conhecer como o assunto e tema podem ser assimilados pela literatura sem, contudo, deixarem de ser exigentes do ponto de vista da construção literária e da criação de uma ficcionalidade social e politicamente comprometida.

Por fim, numa conclusão, reunimos de forma breve as principais reflexões do nosso trabalho e reforçámos a ideia de que com ele se procurou sobretudo fazer uma crítica de uma dimensão literária da tragicidade de um destino humano. Nesta conclusão afirmamos que este trabalho pretende sobretudo contribuir para a reabilitação da temática da fuga e da expulsão na literatura de expressão alemã, assim como aspira a revelar o interesse pelas questões com ela relacionadas, como sejam, as repercussões traumáticas do fenómeno e a relação entre a História e a memória individual e colectiva. Sendo assim, o trabalho propôs-se despertar em leitores de outras áreas do conhecimento em ciências humanas (psicologia, sociologia, história, política, etnologia, antropologia) um sentimento de curiosidade intelectual por um tipo de literatura que seja capaz de incentivar um intercâmbio e um diálogo aberto sobre manifestações comportamentais do ser humano que continuam a merecer, tanto antes como hoje, a nossa mais arguta atenção. Foi com um intuito pedagógico que traduzimos todas as citações constantes na presente dissertação.

## Capítulo 1. Contextualização histórico-política

A fuga e a expulsão de mais de 12.000.000 de alemães das províncias do Leste alemão e das regiões de língua alemã da Europa de Leste e Sudoeste no final da Segunda Guerra Mundial (Lehmann, 1991: 7) representam uma das maiores migrações, senão a maior, na História da Europa, e pelo número citado, inferido consensualmente por múltiplos autores, podemos considerá-la um acontecimento inédito na História mundial.

Em termos quantitativos da população, esta expulsão foi mais significativa no "Leste alemão", ou melhor, numa área geográfica pertencente à Alemanha, e anteriormente ainda à Prússia, ocupada maioritariamente por alemães até ao final da Segunda Guerra Mundial. Antes de explicitarmos o significado de "Leste alemão", faremos uma breve excursão pela história desse Estado extinto, a Prússia. Na circunstância gostaríamos de destacar duas pequenas singularidades em torno da rememoração da Prússia. Num programa televisivo emitido pela Deutsche Welle-TV, em 21 de Julho de 2010, intitulado "Damals in Ostpreußen - Heimat und Verlust" [Antigamente na Prússia Oriental - Pátria e Perda], por altura da Exposição no Palácio de Charlottenburg em Berlim sobre os duzentos anos da morte da rainha Luísa da Prússia, escutaram-se as seguintes palavras: "ist verloren, aber es bleibt spannend!" [perdeu-se, mas continua empolgante!]. Já quase três décadas antes, na obra-catálogo da Exposição "Preussen - Versuch einer Bilanz" [Prússia – Procura de um balanço], exibida entre 15 de Agosto e 15 de Novembro de 1981 no Gropius-Bau em Berlim, se pudera ler: "Preußen ist alles andere als tot." (Stobbe *in* Korff, I, 1981: 19) [A Prússia está tudo menos morta.]. Estas frases fazem sentido se pensarmos que o Estado da Prússia deixou oficialmente de existir em 1947 (Wiegrefe *in* Augstein, 2007: 8), todavia a sua herança, sobretudo cultural, as suas marcas ainda hoje estão presentes na História da Alemanha e as exposições mencionadas são disso um comprovativo.

A breve excursão pela História deste extinto Estado leva-nos aos séculos XII a XIV, quando colonos alemães foram gradualmente impondo a sua influência e povoando a região a Leste do rio Vístula e fundaram ali 93 cidades e 1400 aldeias (de Zayas, 1986: 21). Esta região viria a fazer parte da Prússia, que teve a sua origem histórica na província de Brandemburgo, "Teil der trostlosen Ebene, die sich von den Niederlanden bis zum

Norden Polens erstreckte." (Clark, 2008: 21) [Parte da planície desconsolada que se estendia dos Países Baixos até ao Norte da Polónia.], ocupando, segundo o mesmo autor, cerca de 40.000 quilómetros quadrados. O marquesado de Brandemburgo tinha sido doado, no ano de 1415, pelo rei alemão Sigismundo (1368-1437) a Frederico von Hohenzollern, de uma família de riquíssimos nobres, vindo este a tornar-se o príncipe-eleitor de Brandemburgo Frederico I (Kroll *in* Augstein, 2007: 27). Brandemburgo, por sua vez, fazia parte do Sacro Império Romano Germânico, uma manta de retalhos de pequenos estados que, à data, se estendia pela Europa de língua alemã. Os Hohenzollern trabalharam intensivamente na consolidação e ampliação territorial do seu reino. No final do século XVII, o principado de Brandemburgo-Prússia era o segundo maior, a seguir ao da Áustria, e o seu príncipe Frederico III veio a ser nomeado "Rei da Prússia" (como Frederico I) em 18 de Janeiro de 1701 (Clark, 2008: 93). De salientar que este reino foi formando aos poucos uma elite homogénea (em que as uniões pelo casamento desempenharam um papel principal) e o seu exército constituiu um motor institucional muito importante. Não obstante, o destino da maioria das suas populações estava na agricultura (assim como o da maioria dos habitantes da Europa de língua alemã no século XVIII), e os campos eram trabalhados por camponeses súbditos de "senhores da terra" aristocratas num regime de feudalismo, denunciador das características autoritárias deste sistema agrário.

O Edicto de 9 de Outubro de 1807, cujas medidas seguiam a esteira da doutrina fisiocrática do Iluminismo tardio na Alemanha (a "Spät-Aufklärung"), veio alterar este regime e os "Untertanen" [súbditos] deveriam passar a designar-se de "Bürger des Staates" [cidadãos do Estado] (idem, *ibidem*: 385), no sentido da criação de uma sociedade política forte na Prússia. A Prússia continuava a ser, no início do século XIX, uma manta de retalhos, tanto do ponto de vista linguístico, como cultural. Somente no ano de 1876 o alemão foi declarado língua oficial de todas as partes componentes deste reino que, no período da Restauração, "(...) keine "Nation" im Sinne eines Volkes. (...) Es hat nie eine preußische Küche gegeben. Es gab auch keine spezifisch preußische Folklore, Sprache, Musik oder Kleidung (abgesehen von den Uniformen des Militärs.)" (idem, *ibidem*: 493) [(...) não era uma "nação" no sentido de um povo. (...) Nunca houvera uma cozinha prussiana. Também não havia um folclore, língua, música ou vestuário especificamente prussianos (excepto os uniformes dos militares.)]. A Constituição de 16 de Abril de 1871 (idem, *ibidem*: 635) definiu o novo Reino da Prússia como uma confederação de principados soberanos, pelo

que a única instituição que unia todos os prussianos era o seu Estado, sem que Bismarck<sup>3</sup> desistisse da ideia de ampliar e fortalecer a influência prussiana no maior número possível de territórios germânicos.

O nome da Prússia também está relacionado com o Iluminismo e a tolerância, sobretudo durante o reinado de Frederico II, o "Grande" (1740-1781), que, entre muitas medidas reformistas, encarregou Wilhelm von Humboldt<sup>4</sup> da renovação do sistema de educação, no sentido de um sistema público, gerador das bases das tendências actuais da pedagogia de uma Europa progressista. No século XIX, este Estado veio a assumir uma grande importância económica e era considerado o Estado mais poderoso do Império Alemão. Com a derrota na Primeira Guerra Mundial, o Reino da Prússia foi extinto com o Tratado de Versalhes e a República de Weimar foi obrigada a ceder territórios prussianos a Leste, a favor da Polónia. O Estado da Prússia foi definitivamente erradicado no final da Segunda Guerra Mundial, por, seguindo as palavras de um representante britânico do Conselho de Controlo Aliado, "(...) dass Preußen in den letzten 200 Jahren eine Bedrohung für die Sicherheit Europas dargestellt hat." (Clark, 2008: 766) [(...) que a Prússia representou nos últimos 200 anos uma ameaça para a segurança da Europa.].

A antiga Prússia alberga os antecedentes do "Leste alemão", a região onde a expulsão das populações germânicas teve o seu maior significado, e com esta expressão referimo-nos às províncias alemãs a Leste do rio Oder e Neiß: a Prússia Oriental, a Silésia, o Leste da Pomerânia, assim como o Leste de Brandemburgo que, em 1937, compunham mais de um terço do território germânico, englobando uma área de aproximadamente 110.000 quilómetros quadrados (Kuhn, 1987: 24).

---

<sup>3</sup> Otto Leopold Edvard von Bismarck-Schönhausen (1815-1898), nobre, diplomata e político, figura de destaque no século XIX na Prússia, unificou a Alemanha em 1871, após ter vencido várias guerras, tornando-se o primeiro chanceler do Império Alemão então formado (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Otto\\_von\\_Bismarck](http://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_von_Bismarck), acedido em 23 de Fevereiro de 2011).

<sup>4</sup> Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand, Barão von Humboldt (1767-1835), diplomata, filósofo, linguista, fundador da Universidade de Berlim, amigo de Goethe e de Schiller (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilhelm\\_von\\_Humboldt](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_von_Humboldt), acedido em 23 de Fevereiro de 2011).

O mapa<sup>5</sup>, que se segue, mostra como, no ano anteriormente citado, a cidade de Berlim ficava situada no centro da Alemanha, o que aconteceu até ao final da Segunda Guerra Mundial.



Como se caracterizavam individualmente estas antigas províncias germânicas em termos de população e dimensão territorial?<sup>6</sup>

A Prússia Oriental era a parte mais a nordeste do *Reich* alemão e, desde o Tratado de Versalhes de 1919, esta província estava separada do restante *Reich* pelo designado "corredor polaco". Esta estreita faixa de terra, onde se localizava a cidade de Danzig (actual Gdąnsk) com o seu governo autónomo, foi alvo de disputa e continuados atritos entre a Polónia e a Alemanha e pode ser considerada uma das causas para a eclosão da Segunda Guerra Mundial. A Prússia Ocidental tinha sido entregue ao Estado polaco,

<sup>5</sup> Fonte: © Stefan Walter, "Siedlungsgebiete von Deutschen außerhalb der Reichsgrenzen von 1937" in: Wilfried Rogasch et altri, 2006, *Erzwungene Wege Flucht und Vertreibung im Europa des 20. Jahrhunderts*, Berlin, Zentrum gegen Vertreibungen, Ausstellungskatalog, S.75.

<sup>6</sup> A informação que se segue sobre a caracterização das antigas províncias germânicas do "Leste Alemão" foi retirada da obra de Ekkehard Kuhn *Nicht Rache, nicht Vergeltung - Die deutschen Vertriebenen*, compilada em 1988 após o sucesso televisivo do filme "Das deutsche Nachkriegswunder – Leid und Leistung der Vertriebenen", exibido na ZDF em 3 de Novembro de 1985.

fundado no final da Primeira Grande Guerra. Com uma área de aproximadamente 39.000 quilómetros quadrados, a Prússia Oriental tinha apenas cerca de 2.500.000 habitantes. A capital da Prússia Oriental era Königsberg (actual Kaliningrado) e antes da Segunda Guerra Mundial esta cidade contava com 350.000 habitantes.

A Silésia, composta pela Baixa Silésia e pela Alta Silésia, possuía aproximadamente 33.000 quilómetros quadrados e com os seus 4.600.000 habitantes (em 1939) era a província alemã de Leste com mais população. Para além de ser a maior província em termos territoriais e populacionais, ela era também a mais importante economicamente. A capital, Breslau, era, com os seus 630.000 habitantes, a maior cidade alemã a Leste do rio Elba, a par de Berlim.

O Leste da Pomerânia possuía aproximadamente 1.900.000 habitantes e a capital era Stettin, com 380.000 habitantes (em 1939). Até 1945 esta cidade fora também o mais importante porto alemão do Mar Báltico. O rio Oder separava o Leste do Ocidente da Pomerânia que, na sua totalidade, tinha aproximadamente 38.000 quilómetros quadrados e com os seus 465 km de costa possuía a costa mais longa de todas as regiões alemãs.

O Leste de Brandemburgo, cerca de um terço desta província prussiana situava-se a Leste do rio Oder, ocupava 12.000 quilómetros quadrados e tinha perto de 640.000 habitantes. A par dos alemães residentes nestas províncias orientais, os alemães que habitavam as regiões de colonização da Europa de Leste e Sudoeste que, em 1937, não faziam parte do *Reich* alemão, também foram alvo desta expulsão. Tratava-se dos alemães que residiam nos Países Bálticos - Estónia, Letónia e Lituânia (criados como Estados independentes após a Primeira Guerra Mundial) -, na Polónia, Checoslováquia, Hungria, Roménia, Jugoslávia e na União Soviética.

Apresentamos em seguida um quadro que mostra a distribuição da população alemã pelas antigas províncias do Leste alemão, referidas anteriormente, assim como nas regiões de colonização no centro, leste e sudoeste da Europa, no início da Segunda Guerra Mundial.

Deutsche Bevölkerung in den deutschen Ostgebieten sowie in den deutschen Siedlungsgebieten in Mittel-, Ost- und Südosteuropa zu Beginn des Zweiten Weltkriegs*		
Länder, Landesteile, Provinzen (nach dem Gebietsstand vom 31. Dezember 1937)	Deutsche Bevölkerung (im September 1939)	
<b>Deutsche Ostgebiete gesamt</b>		9.955.000
Ostpreußen	2.473.000	
Pommern	1.884.000	
Ostbrandenburg	642.000	
Schlesien	4.576.000	
Freie Stadt Danzig	380.000	
<b>Baltische Staaten gesamt</b>		250.000
Estland	17.000	
Lettland	63.000	
Litauen (mit dem 1923 annektierten ostpreußischen Memelgebiet)	118.000	
Litauen (übriges Staatsgebiet)	52.000	
<b>Polen gesamt</b>		1.200.000
Posen-Westpreußen	335.000	
Ost-Oberschlesien	330.000	
östliches Teschener Schlesien	40.000	
Mittelpolen	360.000	
Woihynien	65.000	
Galizien	70.000	
<b>Tschechoslowakei gesamt</b>		3.544.000
Sudetendeutsche Gebiete	3.012.000	
übriges Böhmen und Mähren	259.000	
westliches Teschener Schlesien	67.000	
Hultschiner Ländchen	52.000	
Slowakei	130.000	
Karpato-Ukraine	24.000	
<b>Ungarn gesamt</b>		600.000
Westungarn	70.000	
Ungarisches Mittelgebirge	220.000	
Budapest	30.000	
Schwäbische Türkei	220.000	
Batschka und Banat	40.000	
übrige Gebiete	20.000	
<b>Rumänien gesamt</b>		782.000
Siebenbürgen gesamt	253.000	
Banat	274.000	
Sathmar/Bibor/Maramures	34.000	
Buchenland (Bukowina)	81.000	
Dobrudscha	15.000	
Bessarabien	93.000	
Alt-Rumänien	32.000	
<b>Jugoslawien gesamt</b>		536.000
Banat	126.000	
Batschka und Baranja	191.000	
Syrmien	72.000	
Slawonien	69.000	
Bosnien, Serbien, Herzegowina	30.000	
Kroatien	14.000	
Untersteiermark und Übermurgebiet	13.000	
Krain	6.000	
Gottschee	15.000	
<b>Sowjetunion gesamt</b>		1.400.000
Wolgagebiet	420.000	
Woihynien (Ost)	60.000	
übrige Ukraine	360.000	
Krim	60.000	
Nordkaukasus	100.000	
Südkaukasus	30.000	
übrige europäische Gebiete	160.000	
asiatische Gebiete	210.000	
<b>Gesamt</b>		18.267.000

\* Quelle: Gerhard Reichling: Die deutschen Vertriebenen in Zahlen. Teil I: Umsiedler, Verschleppte, Vertriebene, Aussiedler 1940-1995. Bonn 1995, S. 17.

Este quadro indica-nos um número total de aproximadamente 18.300.000 habitantes, sendo que nas províncias germânicas de Leste temos um número aproximado de 9.955.000 indivíduos, o que nos mostra uma ordem de grandeza significativa em termos de população

de língua alemã nestas regiões. Nele podemos constatar que a antiga província do Leste alemão que concentrava um maior número de população alemã era a Silésia, logo seguida pela Prússia Oriental. Relativamente às regiões de colonização, a União Soviética possuía o maior número de alemães, seguida da Polónia.

Pelos números expostos, podemos inferir que cidades como Breslau, Königsberg, Danzig e Stettin eram metrópoles importantes da Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial. No entanto, esta significativa parte da Alemanha muito rapidamente foi esquecida. Rudolph von Thadden, um historiador que se debruçou sobre as questões relacionadas com o Leste alemão e oriundo da Pomerânia, mostra a sua admiração pelo facto de o antigo Leste alemão ter sido erradicado da memória colectiva dos alemães em apenas uma geração:

"Versteht man unter deutschem Osten einfach die DDR, oder evoziert der Begriff noch die Vorstellungen, die man früher einmal mit ihm verband, nämlich Gedanken an deutsche Lebenswelten östlich von Oder und Neiße? Noch vor anderthalb Generationen lagen Leipzig und Dresden in Mitteldeutschland, nicht in Deutschlands Osten." (*apud* Kossert, 2008: 17) [Por Leste alemão entende-se simplesmente a RDA ou o conceito evoca ainda as representações que lhe estavam antigamente associadas, nomeadamente as reflexões sobre mundos vivenciais alemães a Leste dos rios Oder e Neiße? Ainda há apenas uma geração e meia atrás Leipzig e Dresden situavam-se no centro da Alemanha e não no Leste da Alemanha.].

De facto, a Alemanha chegou outrora até ao rio Memel e ainda até "Nimmersatt, wo das Reich sein Ende hat" [O lugar de Nimmersatt, onde o império tem o seu fim].<sup>7</sup> Este lugar, situado hoje na Lituânia, era a região mais a norte do *Reich*, na longínqua Prússia Oriental. Neste antigo Leste alemão residem, assim, as raízes dos mais de 12.000.000 de alemães expulsos destes diversos territórios integrados no mapa alemão, depois da Segunda Guerra Mundial.

A herança do Leste alemão permanece no imaginário germânico e no imaginário europeu. Se recordarmos nomes conhecidos de autores que nasceram neste Leste alemão histórico, a título de exemplo de uma longa lista, podemos referir Immanuel Kant (nascido na Prússia Oriental, 1724), E.T.A. Hoffmann (Berlim, 1776), Joseph von Eichendorff (Silésia do Norte, 1788), Alfred Döblin (Pomerânia, 1878), Rainer Maria Rilke (Praga, 1875), Günter

---

<sup>7</sup> Um verso ouvido antigamente, como afirma Walter Mayr no seu artigo "Kahlschlag rund um Tannenberg" publicado na obra *Die Erfindung der Deutschen*, 2007: 290. Pode traduzir-se "Nimmersatt" por "Comilão", com uma possível tradução do verso: "Comilão sem cessar, onde o Império acaba por terminar".

Grass (Gdańsk, 1927), Christa Wolf (Polónia, 1929). Podemos constatar como este antigo Leste alemão continua sobretudo a fazer parte da herança cultural alemã. As obras destes autores reflectem a complexidade e a heterogeneidade da cultura germânica que vai muito além das actuais fronteiras dos países de língua alemã. Estas obras evidenciam sobretudo a presença desta língua numa Europa de Leste e Central multicultural e mostram que histórica e culturalmente essa presença une os países de língua alemã a culturas e contextos da Europa de Leste. Falamos de uma união ao pensarmos que a vida em comum entre os habitantes destas regiões levou necessariamente a uma influência recíproca que se reflectiu na economia, na vida cultural, nos usos e costumes dos respectivos povos.

Como afirma Philipp Ther, na sua obra *Redrawing Nations*, pela sua dimensão, a expulsão de tantos alemães representa um dos casos mais notórios de migração forçada do século XX e pode ser considerada uma das mudanças demográficas mais radicais desde a Idade Média (Ther, 2001: 16). A título de exemplo podemos mencionar outros casos de migrações forçadas relevantes, como foram, em 1492, a expulsão dos judeus pelos Reis Católicos de Espanha, Fernando e Isabel, ou o estabelecimento dos Huguenotes na Prússia no final da Guerra dos Trinta Anos. Frederico Guilherme da Prússia acolheu esta "colónia" francesa, expulsa dos territórios em França por motivos religiosos, e ofereceu-lhe condições para promoverem novas iniciativas económicas e de integração no território da Prússia, em particular, na sua capital, a cidade de Berlim. Os Huguenotes vieram, assim, colonizar a região da Prússia-Brandemburgo, onde a sua população fora dizimada por epidemias e pelas consequências devastadoras da guerra que opusera confissões religiosas e casas reais em rivalidades dinásticas, territoriais e comerciais e tornaram-se verdadeiros prussianos.

Ao reflectirmos sobre estas migrações forçadas constatamos que se trata de um processo complexo, cuja chave de compreensão reside sobretudo na História, ou seja, na sua génese encontra-se sempre uma contextualização histórico-política que enforma todo o processo. Por conseguinte, na procura das razões que desencadearam a expulsão dos alemães nas regiões a Leste do Oder e Neiß, e com base na leitura de várias obras relacionadas com este assunto, deparamo-nos com dois factores histórico-políticos fundamentais, que serão desenvolvidos posteriormente em subcapítulos para a sua melhor elucidação:

- 1) a História da Europa Moderna, desde o final do séc. XVIII, com o surgir de várias formas de nacionalismo que assentavam num ideal de um Estado nacional homogéneo, tendo por vezes por base a noção de "limpeza étnica";
- 2) a política do nacional-socialismo, durante a Segunda Guerra Mundial, com as suas consequências criminosas, uma política de conquista, ocupação e destruição, baseada no racismo.

### **1.1. A expulsão dos alemães - um fenómeno de limpeza étnica**

Faz sentido, no presente contexto, recuarmos ao período do Iluminismo durante o século XVIII e dedicarmos uma particular atenção à função desempenhada pelo factor histórico-político como implementador, quer do despontar de diferentes nacionalismos, quer, posteriormente, no criar de condições propícias ao processo de expulsão de que nos ocuparemos ao longo deste estudo.

A concepção do Iluminismo caracterizou-se essencialmente por uma secularização do pensamento, do gosto e dos hábitos sociais, do exercício da política e da transformação de mentalidades. Em traços muito largos, esta transformação ideológica deu origem à separação dos poderes do Estado, consoante as suas funções no poder judiciário, legislativo e executivo (com base na teoria da ciência política desenvolvida sobretudo por Montesquieu em França, na sua obra "O Espírito das leis")<sup>8</sup> e a uma organização laica e burguesa da vida social, cultural, económica e política. Associada a esta progressiva secularização do mundo está a elevação do sentimento nacional como uma prioridade absoluta, como afirma o Professor Alberto Vara Branco no seu artigo "O Nacionalismo nos séculos XVIII, XIX e XX: o princípio construtivo da modernidade numa perspectiva histórico-filosófica. Um caso paradigmático: A Alemanha"<sup>9</sup>. Ainda segundo este autor, no sentido do preenchimento do vazio espiritual, assiste-se como que a uma transferência dos sentimentos colectivos para uma nova unidade e identidade, em que valores como a nação e a pátria se tornam primordiais. Estes valores estão na base do conceito do nacionalismo

---

<sup>8</sup> Informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_da\\_separa%C3%A7%C3%A3o\\_dos\\_poderes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_separa%C3%A7%C3%A3o_dos_poderes), acedido em 28 de Março de 2011.

<sup>9</sup> Artigo consultado no sítio <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium36/7.pdf>, acedido em 15 de Outubro de 2010.

como corrente doutrinária, afirmando o mesmo autor que este movimento descobriu a sua força nas transformações políticas e económicas registadas em França como uma resposta do povo à prepotência da realeza, assim como do clero e da nobreza (as duas ordens privilegiadas que integravam os Estados Gerais neste país).

Para corroborar esta ideia, recorreremos também a Anthony Smith que afirma que o movimento ideológico do nacionalismo, como pretensão de alcance da autonomia, unidade e identidade de uma nação, deriva dos novos discursos filosóficos, históricos e antropológicos que emergiram nos séculos XVII e XVIII na Europa (Smith, 1991: 74) e menciona os discursos proferidos por Montesquieu e Rousseau, nos quais, a título de exemplo, o último declara: "The first rule which we have to follow is that of national character: every people has, or must have, a character; if it lacks one, we must start by endowing it with one." (*apud*, idem, *ibidem*: 75). Podemos observar nesta afirmação a importância para este filósofo da necessidade de um distintivo característico e comum a toda um povo. Mas Smith menciona também a importância de Herder e Fichte nos séculos XVIII e XIX, um período em que pensadores e filósofos começaram a discutir as identidades de Estados baseadas nas diferentes línguas, na cultura e na partilha de valores comuns.

A filosofia de Johann Gottfried Herder, humanista religioso e estudioso da Faculdade de Teologia da Universidade de Königsberg (um grande centro cultural do século XVIII), surge neste contexto de mudança de mentalidades e veio reforçar a ideia de que uma comunidade tem a sua origem num desejo natural de um grupo de indivíduos que partilham historicamente uma mesma língua e cultura (Opitz, 1998: 126). Para Herder, o carácter interior da língua estava em estreita relação com a cultura e esta sua reflexão veio inscrever-se sobre um pano de fundo dominado por preocupações políticas e nacionalistas que compreendiam uma complexa relação entre o indivíduo, a sociedade, a língua e a cultura. No conjunto das suas recensões literárias compiladas nos *Fragmente über die neuere deutsche Literatur*, Herder apontou ainda uma falta de originalidade da literatura e dos costumes alemães que imitavam os estrangeiros e defendeu que uma originalidade germânica deveria ser implementada, vindo a ser posteriormente um dos principais teóricos

do fenómeno literário *Sturm und Drang*<sup>10</sup>. Este movimento literário e artístico, feito de medievalismo turbulento e de nacionalismo alemão místico (*apud*, Gil Costa, 1998: 101) (em que os exemplos da floresta alemã e do Reno são tópicos presentes), representou o gosto e a sensibilidade tipicamente alemãs (*idem*, *ibidem*: 101) e tinha por objectivo a concretização do desejo de desenvolvimento no ser humano de um pensamento autónomo e criativo que deveria ser complementado por uma linguagem individualizada, expressiva e actuante (*idem*, *ibidem*: 114). Esta linguagem característica deste movimento reflecte um excesso sentimental, apela a um efeito emotivo e denota a exaltação de valores de pendor nacionalista.

Smith cita igualmente Johann Gottlieb Fichte, como um outro exemplo importante de um filósofo que desenvolveu a ideia de um Estado nacional. Nos seus *Reden an die deutsche Nation* [Discursos à Nação Alemã], proferidos entre 13 de Dezembro de 1807 e 20 de Março de 1808, num país ocupado militarmente pelas tropas francesas, este professor na Universidade de Berlim veio também criar um conceito de nacionalismo fundado na existência de relações íntimas em torno de um território, consubstanciadas por uma língua, uma cultura e por tradições comuns assentes numa herança de valores sempre em rememoração e desenvolvidas como processo histórico, que atribuíam a essa constelação o valor de um órgão vivo, a nação. Podemos observar nestes seus discursos filosóficos um certo radicalismo de pendor nacionalista, quando Fichte escreve, por exemplo, no seu décimo terceiro discurso:

(...) Die ersten, ursprünglichen, und wahrhaft natürlichen Grenzen der Staaten sind ohne Zweifel ihre innern Grenzen. Was dieselbe Sprache redet, das ist schon vor aller menschlichen Kunst vorher durch die bloße Natur mit einer Menge von unsichtbaren Banden aneinandergeknüpft; es versteht sich untereinander, und ist fähig, sich immerfort klärer zu verständigen, es gehört zusammen, und ist natürlich Eins, und ein unzertrennliches Ganzes. (...) So saß die deutsche Nation, durch gemeinschaftliche Sprache und Denkart sattsam unter sich vereinigt, und scharf genug abgeschnitten von den anderen Völkern, in der Mitte von Europa da, als scheidender Wall nicht verwandter Stämme, zahlreich und tapfer genug, um ihre Grenzen gegen jeden fremden Anfall zu schützen (...). (Fichte, 2008: 211) [(...) As primeiras fronteiras dos Estados originais e verdadeiramente naturais são indubitavelmente as suas fronteiras internas.

---

<sup>10</sup> Informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Sturm\\_und\\_Drang](http://de.wikipedia.org/wiki/Sturm_und_Drang), acedido em 30 de Março de 2011.

Aqueles que falam a mesma língua estão através da mera natureza interligados por um grande número de laços invisíveis, muito antes do aparecimento de qualquer arte humana; entendem-se entre si e têm o poder de continuarem a fazer-se entender cada vez com mais clareza; pertencem uns aos outros e são pela sua mesma natureza um todo único e inseparável. (...) Assim, a nação alemã assentou bastante numa união em si através da língua e modo de pensar comum, e manteve-se separada de forma suficientemente forte dos outros povos, ali no Centro da Europa, como um dique divisor de tribos não aparentadas, suficientemente numeroso e valente para proteger as suas fronteiras contra todo e qualquer ataque estrangeiro (...)].

Esta citação confirma a construção por parte de Fichte de um discurso que incita a uma identidade nacional alemã com base sobretudo na partilha de uma mesma língua, um argumento apologético do direito à diferença dos alemães em relação a outros povos e que podemos considerar um discurso tipicamente nacionalista.

As posições defendidas por Herder e Fichte vêm mostrar que, embora a universalidade dos pressupostos do Iluminismo assente no princípio da igualdade de todos os homens, este lançou, simultaneamente, as bases para o reconhecimento da diferença, por exemplo, entre as línguas, as culturas e a História partilhadas por vários povos. A racionalidade em termos utópicos e abstractos defendida pelo pensamento das Luzes, em que o uso da razão, aliado ao experimentalismo, é fundamento para o conhecimento e a interpretação do mundo e da Natureza gerou, assim, o apelo ao direito à diferença, baseada no sexo, na religião, na língua, na cor dos indivíduos e possibilitou o discurso nacionalista moderno. Este discurso intenta a formação de Estados mais homogéneos, sobretudo do ponto de vista religioso, linguístico ou étnico, sendo que as minorias populacionais residentes nestes Estados, ao pretenderem uma separação do Estado nacional, tendem a adoptar atitudes de intolerância e representam uma ameaça para esse mesmo Estado. Desta forma podemos afirmar e resumir que a construção da ideia de nação durante o século XIX remete para um conceito cujos componentes essenciais são uma língua, um território e um grupo de indivíduos residentes nesse espaço com origens comuns e veio criar as condições para um exacerbar de sentimentos nacionalistas que levaram a conflitos étnicos, dos quais a "limpeza étnica" é o seu extremo.

Para a explicitação do termo "limpeza étnica" como conceito escolhemos a definição do historiador Philipp Ther na sua obra *Redrawing Nations*: "Ethnic Cleansing" is always directed at a particular ethnic group or nation perceived as harmful, and the goal is almost

always the complete removal of that group from a given territory." (Ther, 2001: 43). Na análise da expressão, este historiador menciona ainda que a "limpeza étnica" engloba em si várias "acções repressivas": a deportação (a transferência coerciva de populações minoritárias para regiões mais distantes dentro de um mesmo país), a expulsão (a retirada forçada de populações minoritárias, de um determinado grupo étnico, de um país para um outro país, de um determinado território) e o genocídio (a "chacina" em massa, com o propósito do extermínio total da população em causa).

Para explicar a limpeza étnica como fenómeno e a forma como esta assumiu grandes proporções, sobretudo durante e logo após as duas Grandes Guerras, recorremos ainda ao pensamento do mesmo historiador, quando, na obra citada, ele afirma que o fim da Primeira Grande Guerra, com a criação de novas fronteiras e com o surgimento de novos Estados, englobando novas minorias e novas maiorias, veio trazer a lume o problema das nacionalidades europeias. De facto, no final da Primeira Guerra, o Tratado de Versalhes em 1919 veio pôr fim aos impérios na Europa e, segundo o princípio proclamado da autodeterminação dos povos, cada nação teria o seu próprio Estado. No entanto, este princípio seria praticamente impossível de colocar em prática, sobretudo na Europa de Leste, visto esta região ser habitada por minorias étnicas, nacionais e religiosas, num autêntico mapa com a forma de um *patchwork*. Podemos ainda citar um outro autor, Niall Fergusson, que, na sua obra *The War of World*, afirma "Yet Central and Eastern Europe was only the most lethal of the "killing spaces" of the twentieth century (...) some of its key characteristics: a multi-ethnic population, shifting demographic balances and political fragmentation." (Fergusson, 2007: lix). Ainda segundo este autor, seria teoricamente possível que todos os diferentes grupos étnicos concordassem submeter as suas diferenças a uma nova identidade colectiva. Na prática, todavia, um grupo maioritário tentava proclamar sempre para si a propriedade exclusiva desse Estado-Nação e não resistia a discriminar os direitos dos grupos minoritários (idem, ibidem: 166). Assim sendo, seria inevitável que, sobretudo na Europa de Leste, se tivesse criado uma situação instável: algumas nações constituíram os seus próprios Estados, enquanto outras foram forçadas a viver sob as regras de outros. Referindo Ther na obra anteriormente citada, surgiu um conglomerado de grupos heterogéneos, em termos de nacionalidades, como alemães que ficaram a viver na Polónia e na Checoslováquia, ucranianos que ficaram sob as regras de polacos, ainda como os sérvios, os croatas e os eslovenos. Ther conclui que, no final da

Primeira Grande Guerra, na distribuição das novas regiões pelos Estados, as potências vencedoras procuraram apenas estabelecer acordos, determinar os rios que serviriam de fronteiras e elaborar mapas mais ordenados, mas menosprezaram um factor decisivo: os indivíduos e os seus interesses.

Podemos afirmar que a limpeza étnica, com as suas diferentes formas, se tornou um fenómeno recorrente nos inícios do século XX. Basta lembrarmo-nos do *pogrom* contra o povo arménio em 1909, após a queda do Império Otomano, e a vontade dos jovens turcos, que alcançaram o poder, de constituírem um Estado etnicamente homogéneo; ou as guerras nos Balcãs de 1912/1913 em que uma grande parte do Império Otomano foi anexada pelos Estados adjacentes, a Sérvia, a Bulgária e a Grécia; ou ainda o Tratado de Lausanne de 24 de Julho de 1923, que sancionou a fuga e a expulsão de cerca de 1.200.000 gregos e 400.000 turcos, numa "troca de religiões" que, apesar das suas consequências manifestamente negativas, foi utilizado posteriormente como modelo para justificar a expulsão das populações alemãs do Leste no final da Segunda Guerra Mundial.

Vimos, de forma sucinta, como a emergência do modelo do Estado-Nação como um ideal de organização política na Europa Central e Oriental gerou uma potencialidade para o conflito, levando a uma "limpeza étnica" que nos permite considerá-la um factor histórico-político fundamental na migração forçada das populações germânicas das regiões a Leste do Oder e Neißة.

### **1.2. Política do nacional-socialismo precursora de uma futura migração forçada**

A ditadura de Hitler, com a sua política de conquista e expansão, de ocupação e de destruição durante a Segunda Guerra Mundial, é considerada um factor histórico-político fundamental para explicar a catástrofe da expulsão dos alemães do antigo Leste.

No entanto, assim como a expulsão dos alemães tem os seus antecedentes na ideologia e na política do nacional-socialismo, também esta tem os seus antecedentes sobretudo no Tratado de Versalhes e na crise económica mundial que culminou com a Grande Depressão em 1929 e que persistiu durante a década de trinta do século passado. Theodor Heuss escreveu, em 1932, no seu livro *Hitlers Weg*: "Die Geburtsstunde der nationalsozialistischen Bewegung ist nicht München, sondern Versailles." (*apud* Kuhn,

1987: 35) [O despertar do movimento nacional-socialista não é Munique, mas Versalhes.]. O Tratado de Paz de Versalhes, no final da Primeira Guerra Mundial, veio determinar que a Alemanha fosse considerada culpada da guerra, forçando-a a aceitar as responsabilidades como causadora dessa guerra. A par do reembolso de enormes reparações, da ocupação militar da Renânia e da perda das colónias, a Alemanha teve de entregar um conjunto de regiões num total de cerca de 70.000 quilómetros quadrados.<sup>11</sup> A renúncia a estas regiões está relacionada com o estabelecimento de minorias de etnia alemã que aí permaneceram. Não podemos esquecer que estes alemães que viviam no Leste e Sudoeste da Europa foram sobretudo apontados como pertencendo ao povo que tinha perdido a guerra, o que levou a que, nestas regiões, agricultores alemães perdessem as suas terras, escolas alemãs fossem fechadas e quem não queria devolver a nacionalidade alemã ficasse de imediato ameaçado nesse país. A minoria alemã tinha de defender a sua independência face às ambições nacionais dos Estados onde se encontrava. Como consequência de uma crescente insatisfação face às condições políticas e económicas hostis, começaram a surgir movimentos radicais nacionalistas que, a partir de 1933, seguiram a esteira da política nacional-socialista com consequências devastadoras para estes alemães no final da Segunda Guerra Mundial.

Mas de que modo a política de ocupação e de evacuação nacional-socialista é precursora da futura migração forçada dos alemães do Leste da Europa?

O nosso olhar sobre a história e para os seus antecedentes leva-nos a começar pelos checos e, mais propriamente, pelo Acordo de Munique assinado em 29 de Setembro de 1938. De facto, após Adolf Hitler ter anexado a Áustria em 1938, os líderes das maiores potências da Europa, à época, o próprio Hitler, Chamberlain, Daladier e Mussolini assinam o Acordo de Munique que significou o culminar de uma conferência organizada por Hitler com o objectivo de discutir o futuro da Checoslováquia. Nesta conferência, a Checoslováquia seria obrigada a ceder à Alemanha a zona dos Sudetas, com base na promessa de Hitler de que a Alemanha não mais reivindicaria o território deste país. Em 15 de Março de 1939, Hitler desrespeita o tratado e ordena a invasão da restante Checoslováquia, sendo Praga ocupada pelas tropas alemãs e constituído o "Protectorado da Boémia e da Morávia". Desta

---

<sup>11</sup> A título de exemplo, a devolução dos territórios da Alsácia-Lorena à França, as províncias de Posen e da Prússia Ocidental à Polónia, a região da Sonderjütlandia à Dinamarca; a província do Sarre e a cidade de Danzig passariam para o controlo da Sociedade das Nações (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Versalhes\\_%281919%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Versalhes_%281919%29), acedido em 15 de Junho de 2010).

forma, a região anteriormente designada por Checoslováquia ficaria entregue ao domínio totalitário do Terceiro *Reich* com todas as consequências no domínio económico e outros para a sua população. Esta ocupação e a expulsão do povo checo estará na génese do desenvolvimento dos acontecimentos futuros, como nos diz Mathias Beer, no seu artigo "Die Vertreibung der Deutschen. Ursachen, Ablauf, Folgen" in "Flucht und Vertreibung Euopa zwischen 1939 und 1948":

"Anders als von Hitler öffentlichkeitswirksam beteuert, markierte "München" nicht das Ende, sondern stellte den Auftakt für das gewaltsame Verrücken von Grenzen und das Verschieben von Menschen in großem Maßstab in ganz Europa dar." (GEO, Beer, 2004: 28) [Contrariamente ao que Hitler afirmou ser publicamente eficaz, "Munique" não representava o fim, mas abriu portas à violenta alienação de fronteiras e à movimentação de pessoas em larga escala por toda a Europa.].

Depois do aniquilamento da Checoslováquia, uma outra política de ocupação por parte da Alemanha nacional-socialista, essencial para a compreensão do posterior fenómeno da expulsão, tem a ver com a Polónia. Como afirma Ther, na obra supracitada, logo depois de a União Soviética e de a Alemanha nacional-socialista terem assinado secretamente um acordo para dividir a Polónia em "esferas de interesse" (acordo celebrado em 23 de Agosto de 1939 em Moscovo pelo Ministro Soviético dos Negócios Estrangeiros Molotov e o seu homónimo Joachim von Ribbentrop e, como tal, também designado por Pacto Molotov-Ribbentrop ou ainda por Pacto Hitler-Estaline), o exército soviético deslocou-se para o Leste da Polónia e iniciou aí a prisão e a deportação em massa de cidadãos polacos, enviando-os para campos de trabalhos forçados na Sibéria, na Ásia Central Soviética e para a região Soviética do Ártico. Ther refere ainda que durante os cerca de 21 meses em que as tropas soviéticas ocuparam o Leste da Polónia, 1.500.000 pessoas de todas as nacionalidades, entre eles 600.000 polacos, foram deportados à força, sendo que mais de 100.000 morreram e pelo menos 30.000 polacos foram mortos a tiro pelas tropas em território polaco. Um número elevado de documentos, que têm vindo a ser publicados na Rússia e na Polónia, descreve estas expulsões e o destino de cidadãos de origem polaca.<sup>12</sup>

Mediante este pacto, a parte Leste da Polónia foi ocupada pelo Exército Vermelho e a parte Ocidental do país ficou dividida entre os territórios que foram anexados pela Alemanha e o

---

<sup>12</sup> A título de exemplo, Piotr Zaron, *Obozy jeńców polskich w ZSRR w latach 1939-1941* (London: Unicorn, 1994); Julian Siedlecki, *Losy Polaków w ZSRR w latach 1939-1986* (London: Gryf, 1987), (*apud* Kramer in Ther, 2001: Introduction).

*Generalgouvernement*<sup>13</sup> que caiu nas mãos das SS ("Schutzstaffel", a "Tropa de Protecção"), da SD ("Sicherheitsdienst", o "Serviço de Segurança") e da Gestapo (a "Polícia Secreta do Estado") que espalharam o terror em tudo o que era lugar. Convém lembrar que este pacto permitiu que Hitler tivesse concretizado o ataque à Polónia em 1 de Setembro de 1939, considerado o início da Segunda Guerra Mundial. Na perspectiva de Hitler, "havia ali territórios alemães a recuperar – a cidade de Danzig, a Prússia Ocidental e as antigas terras em torno de Posen – além do resto da fértil terra agrícola polaca para conquistar." (Rees, 2008: 23). Esta conquista militar da Polónia conduziu à deportação e à expulsão da população polaca e judia por parte da Alemanha. Segundo Heinz Nawratil, na sua obra *Schwarzbuch der Vertreibung 1945 bis 1948* pode ler-se "Noch schwieriger wird die Antwort, wenn man nach der Gesamtzahl von Hitlers polnischen Opfern fragt." (Nawratil, 2007: 147) [Ainda mais difícil será a resposta, quando nos questionarmos sobre o número total das vítimas polacas que Hitler fez.]. Este autor remete a dificuldade da apreensão do número de vítimas para a necessidade de se equacionar o problema através de uma retrospectiva histórica, uma vez que se trata de um problema muito complexo. Nawratil lembra que, em 1942, foram criados guetos e campos para judeus na Polónia, uma vez que este país era o Estado com a maior percentagem de população judia na Europa. Segundo o mesmo autor, os judeus na Europa de Leste não eram considerados uma comunidade religiosa, mas sim uma nacionalidade, uma vez que a sua língua materna não era o russo, o polaco ou uma língua semelhante, mas o "Jiddisch", um "dialecto" alemão da Idade Média.<sup>14</sup> Não podemos esquecer que a Alemanha nacional-socialista levou à morte de 6 milhões de judeus, vítimas da extinção em massa nos campos de concentração ou das acções dos batalhões da SD e das SS na Europa de Leste.

Podemos concluir que, ao mesmo tempo que a guerra progredia, a crueldade e a desumanidade da ocupação da Alemanha na Europa Central e de Leste se intensificava, "limpando", para utilizar a expressão anteriormente referida, muitos milhões de pessoas nesses territórios. Esta limpeza pode ser ainda considerada uma condição essencial para a

---

<sup>13</sup> Regiões na Polónia ocupadas pela *Wehrmacht* alemã, entre 1939 e 1945, dirigidas por um governador alemão residente em Cracóvia. Os cerca de 12.000.000 de habitantes aí residentes serviam como reservatório de mão-de-obra para a indústria e a agricultura alemãs (informação consultada no Glossário da obra GEO, 2004: 267).

<sup>14</sup> Esta língua é uma língua da família indo-europeia, pertencente ao sub-grupo germânico e foi adoptada pelos judeus da cultura azquenazita, particularmente na Europa Central e na Europa Oriental que, de forma simplificada, a escrevem utilizando os caracteres do alfabeto hebraico moderno (informação consultada no sítio <http://de.wikipedia.org/wiki/Jiddisch>, acedido em 24 de Maio de 2010).

germanização dos territórios conquistados. No seu discurso de 6 de Outubro de 1939, Hitler anunciou:

"Als wichtige Aufgabe aber: eine neue Ordnung, der ethnographischen Verhältnisse, das heißt, eine Umsiedlung der Nationalitäten, so dass sich am Abschluss der Entwicklung bessere Trennungslinien ergeben, als es heute der Fall ist. In diesem Sinne aber handelt es sich nicht nur um ein Problem, das auf den deutschen Raum beschränkt ist, sondern um eine Aufgabe, die viel weiter hinausgreift. Denn der ganze Osten und Südosten Europas ist zum Teil mit nicht haltbaren Splittern des deutschen Volkstums gefüllt. Gerade in ihnen liegt ein Grund und eine Ursache fortgesetzter zwischenstaatlicher Störungen." (GEO, Beer, 2004: 29) [Mas como tarefa importante: uma nova ordem das relações etnográficas, isto é, uma transferência das nacionalidades, por forma a haver no final do processo melhores linhas de separação do que aquelas que existem hoje. Neste sentido, porém, não se trata apenas de um problema que se limita ao espaço alemão, mas de uma tarefa que vai muito para além disso. Pois todo o Leste e Sudoeste da Europa estão em parte repletos de fragmentos insustentáveis do povo alemão. É precisamente neles que reside um motivo e uma causa para distúrbios contínuos entre Estados.].

De reparar que também Hitler utiliza aqui os argumentos evocados no Tratado de Lausanne<sup>15</sup>, assinado em 24 de Julho de 1923, que regulou a troca de populações entre a Grécia e a Turquia, com vista à homogeneização da população na Anatólia, para justificar os acordos de evacuação de populações.

Por outro lado, o *Führer* precisava de mais e novas pessoas para o seu império. Sob o lema *Heim ins Reich* [De regresso ao *Reich*] Hitler começou a fazer regressar os próprios alemães que centenas de anos antes tinham emigrado para a Rússia, os Balcãs e para o Sudoeste da Europa e deveriam agora vir ocupar as regiões polacas que Hitler tinha anexado ao seu *Reich*. Esta necessidade de *Lebensraum* [espaço vital]<sup>16</sup> do Estado nacional-socialista fez com que mais de um milhão de pessoas do Báltico e da Bessarábia,

---

<sup>15</sup> Com base na Ideia Megali (conceito de nacionalismo grego, que remota ao século XIX), o Primeiro Ministro Elefthérios Venizelos, auxiliado pela vitória dos Aliados na Primeira Guerra Mundial, ocupou o território da Anatólia, mas teve de retirar as suas tropas após os confrontos com o general turco Mustafa Kemal. A esta guerra, de 1919 a 1922, seguiu-se a fuga de grande parte da população cristã da Ásia Menor (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Megali\\_Idea](http://de.wikipedia.org/wiki/Megali_Idea), acedido em 19 de Janeiro de 2011).

<sup>16</sup> Conceito desenvolvido pelo geólogo e etnólogo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), numa tentativa de aplicar a teoria da selecção natural de Charles Darwin nas sociedades humanas e que veio a ser apropriado pela propaganda nacional-socialista, fornecendo-lhe as bases ideológicas para a "germanização" dos territórios a Leste (informação consultada no sítio [de.wikipedia.org/wiki/Lebensraum\\_im\\_Osten](http://de.wikipedia.org/wiki/Lebensraum_im_Osten), acedido em 19 de Janeiro de 2011).

da Galiza e da Transilvânia regressassem, assim, ao *Reich*. No panfleto político *Aufruf zur Umsiedlung* [Apelo à transferência] de 1940, podemos ler:

"Die Regierung des Deutschen Reiches und die Regierung der Union der Sozialistischen Sowjet-Republiken sind übereingekommen, dass die deutschstämmige Bevölkerung aus dem früher zum polnischen Staate gehörenden Gebiete der West-Ukraine und West-Weißrusslands frei und unbehindert auf deutschen Boden ausreisen kann, wenn sie den Wunsch dazu hat." (de Zayas, 1987: 53) [O Governo do *Reich* Alemão e o Governo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas acordaram que a população de origem alemã das regiões da Ucrânia Ocidental e da Bielorrússia Ocidental, que antigamente pertenciam ao Estado polaco, pode viajar para solo alemão, de forma livre e espontânea, se for esse o seu desejo.].

Estes alemães iriam ocupar as quintas e os terrenos cujos proprietários polacos tinham abandonado antes de serem obrigados a partir para a região do *Generalgouvernement*.

Esta política de violência desencadeada pela Alemanha nacional-socialista, que levou a uma guerra de aniquilamento total e à morte de perto de sessenta milhões de pessoas (forças armadas e civis), voltou-se, por fim, contra os próprios alemães. De que forma? Através da expulsão dos alemães da Europa de Leste. Como escreve de Zayas:

"Es sah anders aus für die Zivilbevölkerung Ostpreußens, Pommerns, Schlesiens, d.h., für jene, die nicht rechtzeitig flüchten konnten, die ansässige Bevölkerung, überwiegend Frauen, Greise und Kinder, dazu Hunderttausende Evakuierter aus den zerbombten Städten." (Idem, ibidem: 62) [As coisas foram diferentes para a população civil da Prússia Oriental, da Pomerânia, da Silésia, isto é, para todos os que não conseguiram fugir a tempo, a população local, sobretudo mulheres, idosos e crianças, para além de centenas de milhares de evacuados das cidades bombardeadas.].

### **1.3. A fuga e a expulsão dos alemães das províncias do antigo Leste alemão**

A fuga e a expulsão dos alemães das províncias do antigo Leste alemão foi um processo diversificado que podemos afirmar que começou com a sua evacuação durante a Segunda Guerra Mundial e durou até ao início dos anos cinquenta, aquando da conclusão das medidas de expulsão decretadas pela Conferência de Potsdam (realizada entre 17 de Julho e 2 de Agosto de 1945).

Este processo tomou diferentes formas, consoante a região de onde os alemães foram expulsos, pelo que há que considerar não só o momento cronológico da fuga e da expulsão, mas também a região de origem.

Tendo em consideração que o fenómeno da expulsão englobou períodos de maior e de menor intensidade, podemos dividi-lo em três fases principais, seguindo o exemplo de Andreas Kossert na sua obra *Kalte Heimat, die Geschichte der deutschen Vertriebenen nach 1945*:

"Der Exodus begann mit der Flucht vor der Sowjetarmee, es folgten sogenannte wilde Vertreibungen durch polnische und tschechoslowakische Machthaber, die vor Beginn der Grenzverhandlungen Fakten schaffen wollten; am Ende stand die vertraglich festgelegte Vertreibung nach dem Potsdamer Abkommen." (Kossert, 2008: 27) [O êxodo começou com a fuga do exército soviético, seguiram-se as chamadas expulsões selvagens por parte dos detentores do poder polacos e checoslovacos, que queriam reunir factos antes do início das negociações sobre as fronteiras e, por fim, a expulsão acabou por ser determinada por contrato após o Tratado de Potsdam.].

Podemos acrescentar que a fuga e a expulsão fizeram parte de um fenómeno que sofreu um aumento significativo quando o exército soviético fez escalar a sua contra-ofensiva, a partir de 1943, e avançou pela Europa de Leste e Central. As tropas soviéticas forçaram milhões de pessoas (sobretudo de etnia alemã) a abandonar os seus lares e a fugir nas mais degradantes condições.

São vários os autores que indicam os meses de Julho e Agosto de 1944 como o início da primeira fase da expulsão, como Beer refere:

"Spätestens nach der Niederlage der deutschen Truppen bei Stalingrad wurde Deutschland, das seine Fangarme auf ganz Europa gerichtet hatte, zum Gejagten. Noch bevor das Reichsgebiet Kriegsschauplatz wurde, führten die Reichsbehörden im Herbst des Jahres 1944 in den von ihnen kontrollierten Gebieten in großem Umfang Evakuierungen durch. Der schnelle Vorstoß der sowjetischen Truppen nach dem Frontwechsel Rumäniens im August 1944 war der Anlass dafür. Die erste Phase des deutschen Flüchtlings- und Vertriebenenproblems setzte ein." (GEO, Beer, 2004: 40) [Logo após a derrota das tropas alemãs em Estalinegrado, a Alemanha, que tinha estendido os seus tentáculos a toda a Europa, passou a ser a perseguida. Ainda antes do território do *Reich* se ter tornado palco de guerra, as autoridades do *Reich* fizeram evacuações em grande escala, no Outono do ano de 1944, nas regiões por elas controladas. O rápido ataque das tropas soviéticas após a mudança de frentes na

Roménia, em Agosto de 1944, deu-lhe o mote. A primeira fase do problema dos expulsos e refugiados alemães começara.].

Kossert também refere na obra citada que, em Julho de 1944, foram evacuados os habitantes que viviam do outro lado do rio Memel e em Outubro do mesmo ano as primeiras tropas soviéticas entraram na Prússia Oriental:

"Trotz des ausdrücklichen Verbots von Gauleiter Erich Koch machten die Zivilisten sich nun auf den Weg nach Westen, vor allem als die Schreckensmeldungen von Nemmersdorf, das am 21. Oktober 1944 nach sowjetischer Besetzung noch einmal von der deutschen Wehrmacht zurückerobert werden konnte, die Runde machten." (Kossert, 2008: 28) [Apesar da proibição expressa pelo chefe de distrito Erich Koch, os civis puseram-se a caminho para o Ocidente, sobretudo quando os avisos de terror provenientes de Nemmersdorf, que tinha sido mais uma vez reconquistada em 21 de Outubro de 1944 pelas forças armadas alemãs após a ocupação soviética, fizeram notícia.].

De facto, as imagens de horror publicadas pela propaganda nacional-socialista, após a reconquista pelas tropas alemãs, causaram o pânico na população civil que vivia na Prússia Oriental. Podemos dizer que com a onda de fuga desta província teve início o grande êxodo. A Prússia Oriental sofreu particularmente com o despovoamento, sendo que, no final de 1944, a população deste território diminuiu de 2.650.000 pessoas para 800.000, enquanto outras regiões puderam ainda manter, pelo menos, metade da sua população, como, por exemplo, a Silésia que tinha 2.500.000 dos praticamente 5.000.000 de habitantes (idem, ibidem: 30).

Uma vasta panorâmica do acontecimento da fuga e da expulsão na sua generalidade é-nos fornecida pela colectânea *Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa*. Esta colectânea, composta por cinco volumes e cuja publicação foi ordenada pelo *Bundesministerium für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte* [Ministério Federal para os Expulsos, Refugiados e Vítimas de Guerra] entre 1954 e 1961, contém uma recolha de milhares de testemunhos pessoais onde se encontram as marcas profundas que a fuga e a expulsão deixaram em milhões de biografias. É nesta colectânea que podemos ler, por exemplo, os testemunhos do primeiro massacre soviético em solo alemão, na localidade de Nemmersdorf, na Prússia Oriental:

"An dem ersten Gehöft, links von dieser Straße, stand ein Leiterwagen. An diesem waren vier nackte Frauen in gekreuzigter Stellung durch die Hände genagelt. (...)

Dieser Toten fehlte der halbe Kopf, der anscheinend mit einer Axt oder einem Spaten von oben nach dem Halse weggespalten war." (Kuhn, 1987: 62) [Na primeira quinta, à esquerda desta estrada, havia uma carroça. Dentro dela estavam quatro mulheres nuas umas sobre as outras e presas pelas mãos com pregos umas às outras como crucificadas. (...) A estes mortos faltava metade da cabeça, que me parecia ter sido mutilada com um machado ou um espato a partir de cima e até ao pescoço.].

Em meados de Janeiro de 1945, o exército soviético avançou para Ocidente numa grande ofensiva através do rio Vístula e novamente um elevado número de pessoas se pôs em movimento. As tropas alemãs praticamente não puderam oferecer resistência. Em 26 de Janeiro as tropas vermelhas alcançam Elbing e a albufeira *Frische Haff*, cortando a Prússia Oriental. A partir de então os refugiados alemães tiveram de ser evacuados pelo Mar Báltico. Por esta data, e ainda segundo Kossert, cerca de 4.000.000 a 5.000.000 de pessoas fugiram de Danzig, da Prússia Oriental e da Prússia Ocidental, da Baixa e da Alta Silésia, da Pomerânia e do Leste do Brandemburgo (Kossert, 2008: 28). Centenas de milhares de pessoas morreram por enfraquecimento, de epidemias, de fome e com frio, afundaram-se no Mar Báltico (de assinalar a tragédia no navio *Wilhelm Gustloff*), esvaíram-se em sangue após os bombardeamentos lançados pelos soviéticos e pelas forças aliadas (a destruição da cidade de Dresden é disso um exemplo), ou foram assassinadas na frente de combate, e muitas mulheres foram violadas pelos soldados russos (idem, ibidem: 28). De acordo com Kossert, estima-se que no final da guerra 1.900.000 alemãs tenham sido vítimas de violações por parte de soldados soviéticos. A maioria destas violações teve lugar nas regiões da expulsão na Prússia Oriental, no Leste do Brandemburgo, Pomerânia e Silésia (idem, ibidem: 40).

Em relação às regiões de colonização da Europa de Leste, Kossert aponta que 140.000 alemães da Eslováquia e praticamente todos os 95.000 alemães da Croácia foram para o país dos Sudetas ou para a Áustria (idem, ibidem: 37). Também no Outono de 1944 uma grande parte dos alemães fugiu da Jugoslávia, outros foram evacuados. Antes da Segunda Guerra Mundial, e como pudemos observar no quadro da página 17, cerca de 540.000 alemães residiam na Jugoslávia. Da Roménia foram evacuados cerca de 100.000 alemães entre o final de Agosto e o princípio de Outubro de 1944 (idem, ibidem: 37). A expulsão dos alemães da Hungria teve o seu início em Janeiro de 1946 e a partir das localidades situadas ao longo da fronteira com a Áustria (idem, ibidem: 38).

Após a capitulação da Alemanha, no dia 8 de Maio de 1945, a Checoslováquia e a Polónia começaram a expulsar os alemães que tinham permanecido no Leste. Estas expulsões ocorreram entre Maio e Julho de 1945, e são muitas vezes referidas como a segunda fase da expulsão, a fase das "expulsões selvagens". Podemos imaginar que aqueles indivíduos que haviam colaborado com os invasores nacional-socialistas tenham sofrido especial destaque num conjunto de acções violentas que foram praticadas espontaneamente pela população, desejosa de "legítima vingança". O exército polaco dera ordens para que "tratassem os alemães como eles nos tinham tratado a nós" (Ther, 2001: 54). Na *Dokumentation der Vertreibung* podemos ler:

"Am 23. Juni 1945 wurden wir nun vollkommen überraschend binnen zehn Minuten vom Polen ausgewiesen. Ich lebte damals wieder in meinem Haus, das ging immer hin und her, mal wurde man herausgeschmissen, dann wagte man sich wieder hinein, schaffte den schlimmsten Schmutz heraus, um dann doch bald wieder herausgeworfen zu werden." (GEO, Beer, 2004: 46-47) [No dia 23 de Junho de 1945 fomos expulsos da Polónia de forma totalmente surpreendente no espaço de dez minutos. Nessa altura eu voltara a viver na minha casa, e isso era sempre um vai-vem, às vezes éramos expulsos, depois atrevíamos-nos novamente a regressar, limpávamos a sujidade maior, para logo pouco tempo depois voltarmos a ser expulsos.]

Na Checoslováquia, foram postos em prática os "Decretos Beneš"<sup>17</sup>, elaborados uns anos antes pelo governo democrático exilado em Inglaterra, encabeçado pelo presidente Edvard Beneš, e fortemente apoiados pelo povo em geral. Neste país os alemães foram forçados a usar uma braçadeira branca com a letra "N" (para *Němec*, a palavra checa para designar alemão), à semelhança das braçadeiras amarelas com a estrela de David que os judeus tinham de usar na Alemanha sob o regime nacional-socialista. Esta fase das "expulsões selvagens" é caracterizada por um processo compulsivo que obrigou os alemães a abandonar de forma violenta e caótica os territórios que antes consideravam como pátria natural. Nos textos sobre a expulsão compilados na documentação citada podemos ler vários testemunhos pessoais sobre a evacuação nesta fase, que nos dão uma imagem da atitude punitiva por parte de populações não germânicas em relação aos alemães que habitavam o Leste da Europa:

---

<sup>17</sup> Série de leis criadas pelo governo em exílio da Checoslováquia durante a Segunda Guerra Mundial na ausência do Parlamento checo (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Decretos\\_de\\_Beneš](http://pt.wikipedia.org/wiki/Decretos_de_Beneš), acedido em 21 de Janeiro de 2011).

"Es gibt keine Milch für Säuglinge und Kleinkinder. Kein ziviler Arzt praktizierte mehr. Da kommen die jammernden Mütter mit den Kindern auf dem Arm in die Kasernen und betteln flehentlich um Milch für ihre Schützlinge. Das Herz hatte einem brechen mögen angesichts dieses Hundeelends." (*Dokumentation der Vertreibung*, Band 1: 58) [Não há leite para os bebés e as crianças. Já nenhum médico estava ao serviço. As mães lamentosas chegam às casernas com as crianças ao colo e imploram sem parar por leite para os que delas dependem. Era de partir o coração tanta miséria gritante.]

ou ainda:

"Am 25. Oktober Räumungsbefehl. (...) Nun begann für uns der Leidensweg. Es kamen Flüchtlinge, die schon 2 bis 3 Tage unter den Russen gewesen waren (...) Die erzählten von den furchtbarsten Greueln und flüchteten vorwärts." (*Dokumentation der Vertreibung*, Band 1: 78) [No dia 25 de Outubro, ordem de despejo. (...) Começara agora o nosso calvário. Chegavam fugitivos que já tinham estado sob o domínio dos russos 2 a 3 dias (...) Eles contavam as mais terríveis atrocidades e continuavam em fuga para diante.]

Os alemães que permaneceram na Europa Central e de Leste ficaram, assim, à mercê de criminosos, da administração local (russa, checa ou polaca), da polícia e do serviço de segurança. Não tinham direitos de propriedade e recebiam rações reduzidas. Há mesmo relatos de casos de violência extrema, incluindo tortura e homicídios, praticados indiscriminadamente, sem que fosse tida em conta a idade das vítimas. As atrocidades testemunhadas são de tal dimensão, que jovens pedem o fim da vida, como nos conta uma testemunha na mesma documentação:

"Hinter mir sagt ein junges Mädchen zu ihrem Vater: "Vater, erschieß mich!", "Ja, Vater", sagt der ungefähr 16-jährige Bruder, "Ich habe nichts mehr zu erwarten." Der Vater blickt seine Kinder an, die Tränen laufen ihm über das Gesicht, und er sagt mit ruhiger Stimme: "Wartet noch etwas, Kinder." Da kommt ein Offizier zu Pferd. (...) ich schließe die Augen, Schüsse knallen, und vor uns liegen die Armen." (*Dokumentation der Vertreibung*, Band 1: 28) [Atrás de mim, uma rapariga diz para o seu pai: "Pai, mata-me!", "Sim, pai", diz o irmão com talvez 16 anos, "Já não espero mais nada." O pai olha para os filhos, as lágrimas correm-lhe pela cara e ele diz com uma voz tranquila: "Esperem mais um pouco, filhos". Então chega um oficial a cavalo. (...) eu fecho os olhos, ouvem-se tiros e à nossa frente estão os pobres deitados.]

A terceira fase da expulsão dos alemães começou nos inícios de Agosto de 1945, como consequência da conferência realizada em Potsdam. Nesta cidade, as potências vencedoras tinham formulado um acordo, não só no respeitante às fronteiras, mas também quanto à

expulsão em massa dos alemães da Polónia, da Checoslováquia e da Hungria. Este acordo veio fornecer uma base legal à expulsão dos alemães destes países e será explicado mais pormenorizadamente no próximo subcapítulo.

O mapa<sup>18</sup> a seguir mostra-nos a expulsão dos alemães da Europa Central, de Leste e Sudoeste no final da Segunda Guerra Mundial, incluindo os movimentos das três fases mencionadas:



Eva Garbe, hoje com 94 anos de idade, é uma sobrevivente da expulsão, por ela vivida no Verão de 1945. Numa entrevista, que efectuámos no Natal de 2009, pedimos-lhe que nos relatasse o que a sua memória gravara e é ainda hoje capaz de transmitir. Nesta entrevista individual, com o carácter de uma conversa informal, foi permitido a Eva Garbe construir as respostas a questões abertas com as suas próprias palavras, seguindo unicamente um guião com o tema principal a ser explorado: como foi a sua expulsão? Eva Garbe emocionou-se de imediato: "Wenn man das alles so erzählt, da kommt man doch zu Tränen" [Quando se conta tudo assim, as lágrimas acabam por saltar].

---

<sup>18</sup> Fonte: © Stefan Walter, Berlin, "Die Vertreibung der Deutschen am Ende des Zweiten Weltkrieges aus Mittel-, Ost- und Südosteuropa" in: Wilfried Rogasch et altri, 2006, *Erzwungene Wege Flucht und Vertreibung im Europa des 20. Jahrhunderts*, Berlin, Zentrum gegen Vertreibungen, Ausstellungskatalog, S.76.

Eva Garbe começou por nos contar que, um ano antes da expulsão, tinha partido da cidade de Stettin, onde morava, para se juntar à mãe, que vivia em Boltenhagen, na Pomerânia, visto estar grávida. Nesta localidade habitavam um pequeno apartamento, com um quarto grande onde as mulheres dormiam. Desta habitação, recorda-se principalmente do grande fogão de sala, onde coziam o pão. Durante o decurso desse ano alojavam "por dois ou, no máximo, três dias" pessoas que vinham da Prússia Oriental e que procuravam abrigo, o que levava a que tivessem frequentemente de arrumar o apartamento de forma a conseguirem mais espaço livre para esses novos hóspedes passageiros. De salientar aqui a sua especial recordação de um homem que passou uma noite na cadeira de baloiço, "wie man das früher so hatte." [como se tinha antigamente]. Apesar da passagem destes "visitantes", nunca pensara que um dia seria a vez dela também ter de partir, embora ouvisse que "Der Russe kommt." [O Russo está a chegar.]. Até que esse dia chegou, no Verão de 1945. Numa madrugada, pelas seis e meia, sete da manhã, bateram violentamente à porta e foi-lhes dito que tinham de partir de imediato. Nada estava preparado para esta partida, e as mulheres e as crianças apenas tiveram tempo para ir buscar um carrinho de mão para guardarem casacos de Inverno e o pão e o toucinho que tinham no momento em casa. E agora: "Wo gehst du dann hin, wenn du dein Zuhause hast?" [Para onde é que vais, se tens o teu lar?]. A incógnita do caminho a seguir era uma constante. Em relação aos "russos", Eva Garbe recorda que, apesar dos receios das violações que se comentavam, a sua experiência retrata os russos como pessoas muito "ordentlich" [correctas] e que procuravam tratar das crianças, lançando pão para os carrinhos dos bebés. Puseram-se a caminho, nesta altura, três mulheres e quatro crianças até o acaso as ter levado a encontrar, num estábulo onde pernoitaram, mais uma irmã, Clara, com os seus 3 filhos. O dilema destas quatro mulheres e das suas sete crianças era agora unicamente saber para onde ir e como saciar a fome, pelo que as crianças eram muitas vezes enviadas para inspeccionar as caves de edifícios abandonados na esperança de encontrarem alguns alimentos. Caminharam dias seguidos, dormindo ao relento, até que um dia alguém se lembrou de um familiar que trabalhava numa quinta na localidade de Ribbeck (situada posteriormente na República Democrática da Alemanha). Aqui encontraram um agricultor que viu, nesse grupo, mão-de-obra para os trabalhos na sua propriedade e albergou-os, nuns aposentos onde posteriormente "até casas-de-banho foram construídas". Eva Garbe constata durante a conversa que tinham tido muita sorte. No que se refere ao nacional-socialismo, o factor antecedente causador da sua

expulsão, Eva Garbe menciona que as pessoas simples do campo não sabiam o que era o "Partido" e, como tal, os judeus "gehörten dazu" [faziam parte [da população]], apesar de obterem notícias pela rádio, que, "felizmente", possuíam.

O relato de Eva Garbe mostra-nos a forma como esta sua experiência do passado ficou armazenada na sua memória individual. Esta capacidade que o ser humano possui de processar eventos passados não pode ser dissociada do fenómeno afectivo que lhe subjaz e não podemos esquecer que a recordação é uma reconstrução selectiva do sucedido. Todavia, esta sua informação fica registada e deve ser retida como uma experiência válida e englobada num processo mais vasto, comum a um colectivo.

#### **1.4. Consequências fatais da Conferência de Potsdam**

Como referido anteriormente, a terceira fase da expulsão dos milhões de alemães da Europa Central e de Leste, especialmente da Polónia e da Checoslováquia, foi explicitamente autorizada pelas três grandes potências vencedoras, os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha e a União Soviética, quando assinaram a Declaração de Potsdam no dia 26 de Julho de 1945.

Esta declaração resultou da conferência realizada entre 17 de Julho e 2 de Agosto de 1945, onde os vitoriosos aliados da Segunda Guerra Mundial, nomeadamente Winston Churchill, Harry Truman e Josef Estaline, decidiram o estabelecimento da ordem do pós-guerra, os assuntos relacionados com a redacção e a aprovação entre todos os tratados de paz, e pretenderam contornar os efeitos da guerra, seguindo sobretudo as medidas que "notwendig sind, damit Deutschland niemals mehr seine Nachbarn oder die Erhaltung des Friedens in der ganzen Welt bedrohen kann." (GEO, Glossar, 2004: 270) [sejam necessárias para que a Alemanha nunca mais possa ameaçar os seus vizinhos ou a manutenção da paz em todo o mundo.].

A par de uma série de determinações políticas e de instruções para a implementação de um processo democrático e a correspondente reorganização da Alemanha, ficaram igualmente estipuladas nesta declaração alterações territoriais, segundo o glossário da obra "Flucht und Vertreibung" (idem, ibidem: 270):

- 1) entrega de Königsberg e da Prússia Oriental à União Soviética;

- 2) subordinação das regiões alemãs a Leste da Linha Oder-Neiße (linha de demarcação entre os antigos territórios alemães a Leste e a restante Alemanha estipulada neste Tratado), incluindo a cidade de Danzig (actualmente Gdańsk) à administração do Estado polaco;
- 3) expulsão da população alemã da Polónia, da Checoslováquia e da Hungria e a sua evacuação para a Alemanha "in ordnungsgemäßer und humaner Weise" [de forma ordenada e humana];

Relativamente ao ponto 3, a declaração continha uma secção inteira, a secção XIII, com o título "Ordnungsgemäße Überführung deutscher Bevölkerungsteile" [Transferência ordenada de partes da população alemã] dedicada ao que ficou eufemisticamente apelidado de "a transferência ordenada das populações", onde se regista o seguinte:

"Die drei Regierungen (...) erkennen an, dass die Überführung der deutschen Bevölkerung oder Bestandteile derselben, die in Polen, der Tschechoslowakei und Ungarn zurückgeblieben sind, nach Deutschland durchgeführt werden muss. Sie stimmen darin überein, dass jede derartige Überführung, die stattfinden wird, in ordnungsgemäßer und humaner Weise erfolgen soll." (Grube, Richter, 1980: Anexo) [Os três governos (...) reconhecem que a transferência da população alemã ou partes desta, que tenha permanecido na Polónia, Checoslováquia e Hungria tem de ser efectuada para a Alemanha. Eles concordam ainda que toda a transferência deste género, que vier a ocorrer, terá de se lhe seguir de forma ordenada e humana.].

De acordo com o que fora oficialmente estabelecido, a retirada dos alemães da Polónia, Checoslováquia e Hungria teria de ser feita o mais rapidamente possível, mas, repetimos, de "forma ordenada e humana". Duvida-se que uma migração forçada possa ser alguma vez "humana", mas podemos afirmar que, em todo o caso, os Aliados fracassaram na garantia de uma "transferência ordenada". Como se pode retirar de um testemunho da *Dokumentation der Vertreibung* sobre "Plünderung eines Rotkreuztransportes im August 1945" [Saque de um transporte da Cruz Vermelha em Agosto de 1945] (Band 2: 657-658), aquilo que sucedeu a milhões de pessoas, que foram violentamente desenraizadas e atormentadas, não ocorreu de forma alguma "ordenada". Como escreve Kuhn:

"Die Schilderungen der Zeugen dieser Zeit beweisen deutlich, dass Gewalttaten, Plünderungen und Willkürakte aller Art fort dauerten. Die von Oder und Neiße entfernt wohnenden Ostdeutschen wurden auf den Bahnhöfen zusammengetrieben und in Viehwaggons verfrachtet, in denen sie oft wochenlang von einem Abstellgleis

aufs andere rangiert wurden. Viele starben, alle hungerten." (Idem, ibidem: 132) [As descrições das testemunhas desta altura provam de forma evidente que as atrocidades, saques e actos arbitrários de todo o género continuavam. Os alemães de Leste que viviam nos longínquos Oder e Neiße eram recolhidos nas estações de caminho de ferro e despachados em vagões para transporte de gado, onde durante semanas a fio eram ordenados de plataforma em plataforma. Muitos morreram, todos passaram fome.]

Apesar de pretenderem que a migração forçada se fizesse de forma mais "ordenada", na verdade, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não tencionavam terminar com a limpeza étnica. Os políticos responsáveis nos EUA e no Reino Unido pensaram solucionar, deste modo, o problema das minorias nacionais, consideradas uma fonte de conflitos e instabilidade. Somente através da formação de Estados-Nação homogéneos, o conflito étnico na Europa teria o seu fim e, como tal, a transferência involuntária das populações após a guerra foi entendida como a única forma de acalmar a violência e garantir a paz a longo prazo. As potências aliadas ocidentais utilizaram como modelo para a evacuação obrigatória em massa o Acordo de Lausanne de 1923, já mencionado nas páginas 25 e 29 deste trabalho. Este acordo tinha mostrado o seu lado prático quando turcos e gregos decidiram trocar as suas minorias. O termo "troca" pode mesmo levar a minorar a intensidade do sofrimento causado ao milhão de gregos e turcos, forçados a emigrar, para além de pensarmos nos que pereceram nestas expulsões recíprocas. Os efeitos políticos deste "modelo" tornaram-se desastrosos, trazendo esta "solução radical" realmente consequências muito graves no final da Segunda Guerra Mundial para a população civil.

No final deste conflito mundial assistimos também a uma alteração do exercício de poder, que tem a ver com uma nova constelação do poder na Europa relacionado com a forma como a União Soviética passou a ocupar um lugar de destaque na Europa Central e de Leste (Ther, 2001: 7). Este lugar de destaque advém principalmente do facto de a derrota da Alemanha ter aberto um vazio de poder nesta região da Europa, vazio esse que a União Soviética se prontificou a preencher, consolidando desse modo o seu estatuto de potência a Leste. Como refere Ther, durante os dois últimos anos da Segunda Guerra Mundial, tropas e tanques soviéticos ocuparam as terras que tinham sido atacadas pela Alemanha nos finais dos anos trinta e no início dos anos quarenta. Esta presença esmagadora da União Soviética na Europa Central e de Leste foi crucial para o estabelecimento das novas fronteiras políticas, aliado a uma nova definição das fronteiras soviéticas com a Polónia, a Hungria, a Checoslováquia, a Roménia e a Finlândia e a anexação formal dos três países bálticos

(idem, ibidem: 7). A União Soviética recuperou as antigas fronteiras do anterior império czarista, um objectivo há muito ansiado por Estaline. Esta nova delineação de fronteiras esteve ligada a uma deslocação de populações muito relevante, podendo afirmar-se que também Estaline avançou muito rapidamente com uma limpeza étnica, tanto dentro das fronteiras da União Soviética como no resto da Europa de Leste, como afirma Laurence Rees: "Estaline deixou uma Europa de Leste dominada pela União Soviética." (Rees, 2010: 445).

O aumento de prestígio e de poder conquistado pela União Soviética, favorecido pelas forças Aliadas, teve a sua origem no facto de este país ter sofrido uma grande parte das vítimas da guerra de agressão nacional-socialista. Este prestígio permitiu à União Soviética manter para além do final da Guerra, nas negociações com os Aliados, a sua parte territorial alcançada com o Pacto Hitler-Estaline. Pelos territórios entregues à União Soviética, a Polónia deveria ser compensada a Ocidente, o que tinha ficado estipulado na Conferência de Ialta (de 4 de Fevereiro a 11 de Fevereiro de 1945), a conferência que mais contribuiu para a "sovietização" da Europa a leste dos rios Oder e Neiß. Nesta conferência, em que participaram Winston Churchill, Josef Estaline e Franklin Roosevelt, ficou decidido que a Alemanha seria dividida, no final da Segunda Guerra, em zonas de ocupação britânica, americana, soviética e francesa, e as fronteiras da Polónia seriam "deslocadas para Ocidente". De facto, a Polónia deveria ter sido compensada mediante a concessão de regiões "consideráveis" a Norte e a Ocidente, às custas da Alemanha, por ter sido o país causador e perdedor da Guerra. Não nos é difícil imaginar o que esta nova delimitação de fronteiras veio provocar em termos de evacuação, fuga e expulsão das populações aí residentes.

A par dos motivos políticos mencionados, uma razão decisiva para a expulsão dos alemães do Leste da Europa está sobretudo relacionada com o facto de o nacional-socialismo ter semeado o racismo e o nacionalismo exacerbado e agora ser a vez da Alemanha colher a ira das suas vítimas (Kossert, 2008: 32). Trata-se aqui da designada "Teoria da culpa colectiva", segundo Nawratil:

"Was blieb, war die Kollektivschuldtheorie, die nach dem Krieg heftig diskutiert wurde. Wesentlicher Inhalt dieser Hypothese ist der Vorwurf, "die Deutschen" hätten 1) Hitler gewählt, obwohl sie wussten, was die Wahl bedeutete; 2) sie hätten den Weltkrieg herbeigewünscht und 3) die Judenverfolgung und andere Verbrechen aktiv gefördert

oder zumindest gebilligt; 4) insgesamt seien sie blinde Gefolgsleute Hitlers gewesen und hätten es unterlassen, Hitler rechtzeitig zu stürzen." (Nawratil, 2007: 119) [O que ficou foi a teoria da culpa colectiva que foi energicamente debatida após a guerra. O conteúdo essencial desta hipótese é a censura de que "os alemães" tinham 1) eleito Hitler, apesar de saberem o que significaria essa eleição; 2) tinham almejado a guerra mundial e 3) incentivado activamente a perseguição aos Judeus ou pelo menos tinham-na consentido; 4) no seu todo tinham sido adeptos cegos de Hitler e não fizeram com que Hitler caísse atempadamente.].

Não podemos ainda esquecer que o extermínio em massa dos judeus no território ocupado pelos nacional-socialistas também tinha feito crescer uma fúria e revolta contra a Alemanha, que fez desvanecer quaisquer hesitações que os líderes ocidentais pudessem ter na sua proposta de expulsão de milhões de alemães da Polónia Ocidental e da Checoslováquia. Pelo exposto podemos concluir que a maioria da população alemã foi considerada culpada e teria de colher a tempestade da vingança.

Em suma, em Potsdam, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a União Soviética decidiram expulsar 12.000.000 de alemães, 2.100.000 polacos e algumas centenas de milhares de ucranianos, finlandeses e húngaros, assim como um grande número de povos de outras nações. A nova redefinição de fronteiras evidencia que, em 1948, a Europa Central e de Leste era composta, na sua maioria e pela primeira vez na História, por Estados-Nação homogéneos (Ther, 2001: 57). Ainda segundo o historiador Philipp Ther, enquanto um terço da população polaca anterior à guerra era composta por minorias nacionais, em 1948, 95% dos seus habitantes eram polacos católicos. Quanto à população da Checoslováquia, enquanto em 1938 apenas dois terços da sua população eram checos e eslovacos, em 1948 o país era 94% checo e eslovaco, ao mesmo tempo que a Ucrânia se tornava pela primeira vez na História num estado em que os ucranianos estavam em maioria (idem, ibidem: 57).

O encontro dos "três grandes", numa tentativa de solucionar os problemas causados por uma guerra bárbara e num esforço para evitar a violência no futuro e garantir a paz, resultou, no entanto, numa catástrofe humanitária. Sobretudo mulheres, idosos e crianças esperavam, dia e noite, muitas vezes sem nada para comer e beber. De realçar que os homens se encontravam na guerra, pelo que "das grausame Geschehen wurde zur "Stunde der Frauen", (...), sie mussten, begleitet von Alten und Kindern, die Notsituation irgendwie bewältigen." (in "Staatsfeind "Umsiedler"", Spiegel Special: 114) [o acontecimento terrível tornou-se na "hora das mulheres", (...) acompanhadas dos idosos e das crianças, elas

tiveram de ultrapassar de alguma forma a situação de miséria.]. Ninguém sabia qual o destino exacto dos transportes, sobretudo ferroviários. Só estavam certos que a direcção era apenas uma: o Ocidente.

Concordamos com Ther quando afirma que para além do tremendo sofrimento das pessoas e famílias, as migrações forçadas também trouxeram consequências a longo prazo para as economias e as sociedades dos Estados que nelas estiveram envolvidos (Ther, 2001: 57). Não estamos a exagerar quando asseveramos que uma pessoa que deixou a Europa Central e de Leste, antes da Segunda Guerra Mundial, muito dificilmente a reconheceria no período do pós-guerra. Basta lembrar que a maioria dos judeus foi assassinada pelos nazis e muitos sobreviventes emigraram para vários países, como Israel ou os EUA e as minorias alemãs foram pratica e completamente eliminadas, incluindo a população a Leste dos rios Oder e Neiß.

### **1.5. Os alemães como vítimas - um novo olhar sobre a História**

Os factos da História levam-nos a concluir que o estabelecimento das ditaduras na Alemanha e na União Soviética fez com que a limpeza étnica e o genocídio atingissem uma escala nunca antes vista no mundo. Embora cientes de quem iniciou a Segunda Guerra Mundial, Hitler, e com o consentimento de muitos alemães, não podemos, no entanto, pensar que a expulsão dos alemães da Europa de Leste e Sudoeste (como vimos, uma das maiores "limpezas étnicas" da História contemporânea), possa ter uma justificação moral. Ao considerarmos uma expulsão como a destituição de um indivíduo da sua pátria, do seu lugar de origem, e se pensarmos no que essa destituição representa para esse indivíduo em termos de perda da sua identidade, poderemos, de facto, considerá-la algo criminoso e sempre uma injustiça, face ao que dificilmente poderá prevalecer um raciocínio lógico.

"Wir haben nie bezweifelt, dass das deutsche Volk im Griff Hitlers viel zu viele Täter, Mittäter und Mitläufer hatte. Das ist aber kein Grund, der deutschen Opfer, die es eben auch gab, nicht zu gedenken." (*apud* Glotz, 2005: 36) [Nunca duvidámos que o povo alemão sob o domínio de Hitler tivesse demasiados criminosos, colaboradores e oportunistas. Mas isto não é razão para não se pensar nas vítimas alemãs, que também as houve.]. Esta frase faz-nos lembrar que os alemães foram acusados, no âmbito da "teoria da culpa colectiva" mencionada anteriormente, de serem responsáveis pelo regime

nacional-socialista, independentemente do seu comportamento durante esses anos ou da sua culpa pessoal, mas não devemos fechar os olhos perante o sofrimento dos alemães causado pela fuga e pela expulsão. Podemos ainda citar o germanista Rüdiger Safranski que, na entrevista dada ao FAZ em 19 de Março de 2006, nos conta: "Es muss auch klar sein: Ein Verbrechen hört nicht auf, ein Verbrechen zu sein, wenn es in Reaktion auf ein anderes Verbrechen begangen wurde. Man muss die Dinge beim Namen nennen, das gehört zur geistigen Hygiene." [Também tem de ficar claro: um crime não deixa de ser um crime, mesmo quando é cometido como reacção a um outro crime. Temos de chamar as coisas pelos nomes, isto faz parte da higiene mental.]. Devemos, assim, deitar um novo olhar sobre a História e ver também os alemães como vítimas. Mas como é que a História tem visto esta questão?

Certamente que nos anos logo a seguir ao final da Segunda Guerra Mundial, as feridas emocionais não eram tidas em conta, tratava-se muito mais de uma luta pela pura sobrevivência. Mas assim que a integração dos milhões de expulsos na população foi dada como terminada, o que podemos apontar como tendo ocorrido a partir dos anos cinquenta, as feridas psíquicas não podiam ser mais abafadas. Estas feridas passaram a fazer parte da memória das pessoas, das famílias, de grupos, ou seja, constituíram uma memória individual e comunicativa, como uma forma de memória colectiva que não pode ser rasurada.

Podemos afirmar que nos anos cinquenta se deu uma especial atenção aos *Vertriebene*, os expulsos, tendo em consideração que os partidos políticos procuraram a sua integração, inclusive através da "Charta der deutschen Heimatvertriebenen" [Carta dos expatriados alemães], publicada em Estugarda, em 5 de Agosto de 1950, e que estabelecia os direitos e os deveres dos expatriados. A título de exemplo, no ponto 1 desta Carta podemos ler: "Wir Heimatvertriebenen verzichten auf Rache und Vergeltung." (Kossert, 2008: 150) [Nós, expatriados, renunciamos à vingança e a compensações.]. (No Anexo II a este trabalho podemos observar três "Ausweis für Vertriebene und Flüchtlinge" [Passaporte para expulsos e refugiados] passados pelas entidades em Pinneberg, uma cidade na República Federal da Alemanha nos anos cinquenta).

De realçar que a atenção prestada a este grupo não foi igual nas duas Alemanhas então recentemente criadas. Segundo Bernd Faulenbach, no seu artigo na obra "Flucht und

Vertreibung", podemos notar que na República Federal da Alemanha existia um consenso na apreciação da expulsão como uma injustiça e o apoio ao regresso às regiões no Leste, ao mesmo tempo que os esforços políticos se orientavam no sentido da integração dos expulsos na sociedade (GEO, Faulenbach, 2004: 226). De facto, durante os anos cinquenta, desenvolveu-se um vasto sistema de comunicação e de associação dos expulsos, que se reuniam regularmente neste país e reclamavam reparações pelas perdas e danos sofridos. Além disso, dominava um complicado processo de integração, que não excluía tensões entre os novos e os antigos habitantes.

Na República Democrática da Alemanha, pelo contrário, começou por se apelidar eufemisticamente os expulsos de *Übersiedler* [emigrados], para se evidenciar o sucesso da sua política de "assimilação" e já nos anos cinquenta se pretendia delimitar este grupo. A fuga e a expulsão passaram a ser consideradas como um tema tabu, que durou até à queda do Muro em 1989. Durante este período, a Leste, na RDA, na União Soviética e na Polónia, acusavam-se os grupos e as associações de expulsos que viviam no Ocidente de pretenderem fomentar o revanchismo.

Podemos assim afirmar que, por esta altura, na RDA o tema seria considerado tabu e na Alemanha Ocidental as trágicas experiências dos expulsos passaram a ser tema público e as memórias da tragédia foram documentadas, como podemos constatar através da obra anteriormente citada, a *Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus dem Osten*, resultado de um grande projecto científico a cargo do *Vertriebenenministerium* e onde estão reunidos cerca de 10.000 testemunhos que estão hoje arquivados (GEO, 2004: 227).

Na antiga República Federal da Alemanha, com a mudança de geração e o passar do tempo, a consciência histórica começou também a alterar-se. Se as recordações do Terceiro *Reich* e o sofrimento dos alemães no período após a guerra tinham estado em primeiro plano durante os anos cinquenta, a partir dos anos sessenta o interesse dos alemães ocidentais passou a concentrar-se muito mais nos crimes do nacional-socialismo, sobretudo no Holocausto. Esta temática constituiu o centro da discussão científica, pelo que o sofrimento do povo alemão, bem como o dos expulsos, figurou num plano secundário. Os acontecimentos e as experiências da fuga e da expulsão, assim como a perda da pátria, encontraram uma menor ressonância e foram debatidos em círculos familiares, fazendo apenas parte da memória dos que por esta experiência haviam passado, assim como dos

seus familiares. Nos anos sessenta e setenta os expulsos começaram, de facto, a ser vistos de outra forma pela política e pela sociedade da República Federal da Alemanha: por um lado, o processo de integração era considerado um dos grandes feitos da democracia alemã, e dava-se como terminado, por outro lado, as pretensões da restituição das antigas fronteiras da Alemanha pareciam tão ilusórias como imaginar o regresso à antiga pátria.

Para esta mudança de atitude muito contribuiu a "nova política de Leste" preconizada por Willy Brandt com a coligação sócio-liberal a partir de 1969. Esta nova política reconhecia as fronteiras criadas após a Segunda Guerra Mundial e era fortemente contestada pelas associações de expulsos, passando estas a ser apontadas por se oporem à política de harmonia e de reconciliação com o Leste. Tudo isto fez com que, aos poucos, o tema da fuga e da expulsão passasse para segundo plano na consciência pública e na forma como passou a ser estudado.

Nos anos oitenta, a mudança de política com Helmut Kohl, apesar de membro de outro partido político (a CDU, *Christlich Demokratische Union Deutschlands*, o partido da União Democrática Cristã) prosseguiu a "nova política de Leste" de Willy Brandt e Helmut Schmidt. A partir desta década começou também a surgir uma literatura com base na recordação da pátria e das pessoas, nos acontecimentos do pós-guerra e na reconciliação com a Polónia, como veremos no capítulo seguinte. Esta tendência acentuou-se pelo facto de a geração que tinha presenciado a expulsão ter começado a desaparecer e por se ter passado a dar atenção às influências que esse acontecimento tinha exercido nas famílias, o que vem a ser fortalecido pela reunificação em 1990.

Nos anos noventa, o assunto retomou novo alento não só na ex-RDA, onde, como referido, tinha sido tabu até então, como também na República Federal da Alemanha. O facto de a fronteira a Leste ter sido reconhecida, com a conseqüente reconciliação com esses vizinhos, proporcionou que o tema da fuga e expulsão deixasse de ter de ser evitado e a temática foi redescoberta e debatida pelos meios de comunicação social. O assunto passou a ser interessante não só para historiadores, como também para investigadores em outras áreas, nomeadamente na área das ciências sociais, chegando-se à conclusão de que não se podia menosprezar a experiência de sofrimento passada por milhões de pessoas.

No início do nosso milénio, as longas discussões e os vários artigos presentes no jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* em torno da fundação do *Zentrum gegen Vertreibungen*

[Centro contra Expulsões], em Berlim (registados na Bibliografia deste trabalho), assim como os artigos compilados no caderno *Flucht und Vertreibung in europäischer Perspektive*, editado em 2003 por Jürgen Danyel e Philipp Ther, comprovam que o assunto não deixou de ser delicado e tem sido alvo de uma vasta polémica na Alemanha. Ainda mais recentemente, o simpósio internacional intitulado *Flucht, Vertreibung, "Ethnische Säuberung" Eine Herausforderung für Museums-und Ausstellungsarbeit weltweit* [Fuga, Expulsão e "Limpeza étnica" Um desafio para o trabalho de museus e exposições no mundo inteiro], que teve lugar entre 16 e 18 de Setembro de 2010 no *Deutsches Historisches Museum* em Berlim, assim como o fórum internacional para a discussão de um conceito para a exposição da *Stiftung Flucht, Vertreibung, Versöhnung* [Fundação Fuga, Expulsão, Reconciliação] anunciado nos jornais *Frankfurter Rundschau* e *Süddeutsche Zeitung* de 28 de Outubro de 2010, são outros exemplos de como não se trata de matéria do passado, mas um reavivar do mesmo, não tanto na memória individual, mas muito mais numa memória colectiva.

Estamos certos de que, pela dimensão e horrores atingidos, o Holocausto manterá uma posição de supremacia quando nos referimos à Segunda Guerra Mundial, no entanto, o sofrimento causado aos próprios alemães durante o Terceiro *Reich*, e muito particularmente durante as expulsões no final da Guerra, também deverá constar de um processo de *Vergangenheitsbewältigung*, a tão debatida forma de os alemães lidarem com o passado.

## **Capítulo 2. A *Vertreibung* no contexto literário**

Ao analisarmos o assunto da *Vertreibung* no contexto da literatura, deparamo-nos com um elevado conjunto de textos literários, nos quais a fuga e a expulsão dos milhões de pessoas do Leste da Europa representam um elemento constitutivo e estruturante. As várias antologias analisadas (cujos títulos serão mencionados no decorrer da nossa dilucidação) levam-nos a aperceber esta temática como constituinte de um discurso histórico e cultural distintivo de um tipo autónomo de literatura, a *Vertreibungsliteratur* (doravante apelidada de Literatura da Expulsão).

Entre as obras consultadas para este estudo salientamos o rigoroso e esforçado trabalho de Axel Dornemann, *Flucht und Vertreibung aus den ehemaligen deutschen Ostgebieten in Prosaliteratur und Erlebnisbericht seit 1945: eine annotierte Bibliographie*, editado em 2005. Trata-se de uma criteriosa compilação sistemática do material publicado sobre a temática da Literatura da Expulsão até à referida data, e onde se apontam cerca de 2000 títulos (quantidade que nos é também indicada por um outro autor, Björn Schaal na sua obra *Jenseits von Oder und Lethe*), excluindo textos dramáticos e líricos. Nesta antologia a ordem cronológica, de acordo com os anos de publicação das obras anotadas, leva-nos a constatar a presença de um crescente interesse científico e crítico por este tipo de literatura.

Numa outra antologia, a obra *Vertrieben... Literarische Zeugnisse von Flucht und Vertreibung Eine Auswahl aus Romanen, Erzählungen, Gedichten, Tagebüchern und Zeichnungen der Jahre 1945-1985*, compilada por Ernst-Edmund Keil, em 1985, o autor refere que este trabalho representa o resultado de uma recolha e de uma selecção de documentos, que se encontravam ainda incompletos, uma vez que o confronto literário com o acontecimento relevante da expulsão ainda prosseguia à data da mencionada publicação.

Como podemos constatar, uma série de novas publicações, sobretudo a partir dos anos oitenta, corrobora o facto de que o assunto da *Vertreibung* vem sendo recorrente no âmbito da literatura e que se mantém ainda, na primeira década deste novo milénio, muito actual e relevante. Em que temas apostam os autores que se interessam por escrever a partir de uma realidade problematizável através da literatura, mas que nem por isso, ou talvez por isso, se

manifesta como uma das poucas possibilidades de equacionar hoje o não-dito? Segundo o último autor, esta literatura centra-se em questões como: pátria e identidade, guerra e paz, culpa e penitência, reconciliação e compreensão, direitos humanos e justiça, e relacionam-se, sobretudo, com uma nova ordem para a paz (Keil, 1985: 9).

Para melhor explicitar os temas próprios da Literatura da Expulsão recorreremos ao trabalho efectuado pelo mencionado Louis Ferdinand Helbig que, na sua obra *Der ungeheure Verlust* (primeira edição em 1988), nos relata o seguinte:

"Zur Vertreibungsliteratur gehören Werke der genannten Genres, verfasst von Autoren, die noch im Osten veröffentlicht haben, schon im Westen aufgewachsen sind oder sich ohne persönliche Bindungen an den Osten einzelne Beispiele des Themas "Flucht und Vertreibung" erarbeitet haben. Zu diesem Aspekten gehören: die Erfahrungen und Erlebnisse in der Zeit unmittelbar vor der Verwirklichung in das militärische Geschehen; die Kampfhandlungen selbst; Flucht; Erleiden von Terror- und Racheakten, Hunger, Festnahme, Verschleppung, Enteignung; das Lebens als Deutsche unter sowjetischer, polnischer bzw. tschechoslowakischer Militär- und später Zivilverwaltung; "wilde Vertreibung", "Aussiedlung", "Transfer", Vertreibung; Die Erfahrung des Heimatverlusts, Ankunft im Westen; Eingliederung; Erinnerung an die alte Heimat; "Wiederbegegnung." (Helbig, 1986: 238) [Da Literatura da Expulsão fazem parte obras do género mencionado, redigidas por autores que publicaram ainda no Leste, que já cresceram no Ocidente ou que, sem ligações pessoais ao Leste, trabalharam para dar exemplos soltos do tema "Fuga e Expulsão". Incluem-se nestes casos: as experiências e vivências no período imediatamente antes da concretização do acontecimento militar, as próprias operações militares, fuga, sofrimento causado por actos de terror e de vingança, fome, detenção, rapto, expropriação; a vida como alemão sob a administração militar e mais tarde civil soviética, polaca e/ou checoslovaca; "expulsão selvagem", "evacuação", "transferência", expulsão; a experiência da perda da pátria, chegada ao Ocidente; integração; lembrança da antiga pátria; "reencontro".].

Pelo exposto podemos inferir que a Literatura da Expulsão encerra uma temática bem definida. Ainda segundo o mesmo autor, este género de obras pode ser relacionado com os dois tipos de literatura associados à Segunda Guerra Mundial, nomeadamente a Literatura do Holocausto e a Literatura de Exílio<sup>19</sup>. Convém ainda lembrar, neste contexto, a postura adoptada por alguns autores e artistas na época do nacional-socialismo que optaram por um

---

<sup>19</sup> Este tipo de literatura tem a sua base na fuga e na expulsão do Terceiro *Reich* de escritores que, na sua maioria, optaram pela emigração (não só para outros países da Europa, como também para o mundo inteiro) pouco antes ou pouco depois da tomada de poder pelos nacional-socialistas.

"exílio interior" (a designada "Innere Emigration"), embora não saindo da Alemanha. Estes escritores reuniam-se com semelhantes no sentido de debaterem em conjunto a sua oposição ao regime chefiado por Hitler e manifestavam por meio da arte de escrever a sua resistência pessoal.

Para além dos três tipos de literatura mencionados se centrarem num período histórico comum, mais propriamente naquele em que esteve activo o nacional-socialismo e durante o qual se desencadeou, prosseguiu e terminou a guerra, uma outra razão fundamental que nos leva a estabelecer uma comparação entre eles é o facto de os seus autores utilizarem a escrita como um modo de ultrapassar as vivências traumáticas. "Alle diese Literaturen sind Erlebnis- und Erinnerungsliteraturen." (Idem, ibidem: 18) [Todas estas literaturas são literaturas de vivências e de memórias.]. Neste contexto parece-nos oportuno realçar o seguinte: as formas de representação de exílio narradas na literatura mencionada tiveram o seu início nos anos 30 e terminaram para a maioria dos autores ainda antes de 1950, com o hipotético regresso aos países de expressão alemã. A expulsão teve, como vimos, o seu começo a partir da contra-ofensiva soviética em meados de 1944, atingiu o seu auge em 1945-46 e perdurou ainda por muitos anos. Uma diferença fundamental reside ainda no facto de, no caso da expulsão, nunca ter havido um retorno definitivo às origens. Viajar para as regiões da expulsão representa apenas um "reencontro" temporário com uma terra perdida.

Essencialmente estes três tipos de literatura que equacionam uma relação dos autores com um sentimento compulsivo de partida podem ser incorporados pela ideia de *Bewältigung der unbewältigten Vergangenheit*, a referida tentativa do povo alemão em superar o pesado passado, tão debatida no pós-guerra nos meios de comunicação social e em outras instâncias políticas e culturais. O autor referido, Ferdinand Helbig, vai ainda mais longe, para nos dizer:

"Kommt es nicht zur Sprache, auf der Bühne der Politik oder in den Medien von Kunst und Literatur, so führt solches Erleben in der Koexistenz der Völker zu traumatischen Komplexen und oft genug zu Kurzschlusshandlungen. Die Geschichte zeigt dies immer wieder. Literatur über Flucht und Vertreibung, wie Literatur des Exils oder des Holocaust, ist der Versuch seitens der Schreibenden, einer Abklärung und Überwindung dieser Komplexe den Weg zu bereiten." (Idem, ibidem: 32) [Se não é abordada, na cena política ou nos meios de comunicação ligados à arte e à literatura, uma vivência destas provoca então complexos traumáticos na coexistência dos povos e muitas vezes conduz

a ações repentinas. A História mostra isto constantemente. A Literatura sobre a Fuga e a Expulsão, assim como a Literatura do Exílio ou do Holocausto, é a tentativa, por parte dos que sobre elas escrevem, de preparar o caminho para o esclarecimento e o domínio destas complexidades.].

Certamente que os complexos traumáticos que Ferdinand Helbig menciona aqui estão também relacionados com os complexos de "estado afectivo colectivo", que Alexander e Margarete Mitscherlich referem na sua obra *Die Unfähigkeit zu trauern* (editada primeiramente em 1967) e que têm de ser primeiro "neutralizados" individualmente. Estes autores asseveram que estes estados, como os relacionados com o nacional-socialismo, "(...) wirken lange nach, und zwar auf alle, die durch Sprache, Erziehung und affektive Bindungen von solchen Geschehen betroffen wurden." (Mitscherlich, 1967: 57) [(...) produzem os seus efeitos durante muito tempo e sobre todos os que foram atingidos pelo acontecimento através da língua, educação e relações afectivas.]. A reconciliação com o passado só poderá concretizar-se realmente através de uma análise profunda do acontecimento em si, o confronto com os erros cometidos, num combate sério contra o esquecimento do passado, no sentido de uma aprendizagem através da História, pelo que há que recorrer a um trabalho de memória, sem a qual qualquer reavaliação destes processos traumáticos não poderá servir de propedêutica para futuras gerações. Neste contexto, podemos ainda citar Richard von Weizsäcker, o antigo Presidente da Alemanha, que, ao proferir o seu famoso discurso<sup>20</sup>, por ocasião do 40º aniversário da Segunda Guerra Mundial, afirmou que "quem fecha os olhos perante o passado ficará cego para o presente", visto o passado não poder ser rasurado nem alterado, mas ajuda na construção do presente.

Ainda relativamente aos três tipos de literatura mencionados, e recorrendo ao que defende o germanista Ferdinand Helbig, para além das semelhanças possíveis entre estas literaturas, uma grande diferença se verifica entre elas e que reside na forma como o estudo das suas temáticas tem vindo a ser abordado por diferentes disciplinas. No pós-guerra, a atenção por parte das ciências históricas e mesmo da sociologia sobre as questões da expulsão está relacionada com o nacional-socialismo e sobretudo com o problema da integração no

---

<sup>20</sup> Este discurso pode ser acedido na sua íntegra em [http://www.klett.de/sixcms/media.php/229/350450\\_0068\\_Weizsaecker\\_Weltkrieg.pdf](http://www.klett.de/sixcms/media.php/229/350450_0068_Weizsaecker_Weltkrieg.pdf).

Ocidente.<sup>21</sup> No caso da Literatura da Expulsão, a que nos interessa particularmente, podemos constatar que são vários os autores que insistem na parca existência de estudos científicos, incluindo essa ausência o desinteresse por parte da Germanística sobre a questão do "Leste perdido" e da perda da pátria. A sua opinião é unânime quando referem "Verallgemeinernd kann festgestellt werden, dass Vertreibung und Heimatverlust in den ersten Nachkriegsjahren literarisch kaum thematisiert worden sind." (Beyersdorf, 1999: 11) [De um modo geral, pode afirmar-se que a expulsão e a perda da pátria praticamente não foram tematizadas nos primeiros anos do pós-guerra.].

### **2.1. Literatura da Expulsão – diferentes fases**

O germanista Ferdinand Helbig foi um dos primeiros autores a debruçar-se sobre a ideia de Literatura da Expulsão e a considerá-la um género autónomo com características próprias, chegando à conclusão de que este tipo de obras pode ser abrangido por uma periodização de três fases: uma primeira etapa, a *Erlebnisphase* [fase da vivência], de 1949 a 1955, imediatamente após o final da Segunda Guerra Mundial, durante a qual se observa a descrição de destinos e vivências pessoais e, como tal, prevalecem os diários e as crónicas, sem grandes ambições literárias, sobre outras formas. Um segundo momento, a *Dokumentationsphase* [fase da documentação], que nasceu a partir de cerca de 1950. Lembramos aqui a importância da colectânea *Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa* mencionada no capítulo anterior, cuja publicação, como vimos, foi ordenada pelo *Bundesministerium für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte* [Ministério Federal para os Expulsos, Refugiados e Vítimas de Guerra], entre 1954 e 1961. Esta documentação assenta numa compilação de acontecimentos verídicos relatados por testemunhas e que não chega nunca a adquirir o estatuto de texto literário, não passando, por isso, de relatos mais ou menos credíveis como memória individual e colectiva e com um intuito histórico. A par destes documentos encontramos textos elaborados pela *Erlebnisgeneration*, a geração de quem passou pela situação traumática e sente necessidade de escrever para expressar o sofrimento de que padeceu.

---

<sup>21</sup> Algumas obras são disto exemplo, como Gerhard Ziemer, (1973) *Deutscher Exodus. Vertreibung und Eingliederung von fünfzehn Millionen Ost-deutschen*; Hans Schoenberg, (1970) *Germans from the East. A Study of their migration, Resettlement, and Subsequent Group History since 1945*; ou ainda Alfred M. De Zayas (1977) *The Anglo-Americans and the Expulsion of the Germans. Background, Execution, Consequences* (Helbig, 1989: 21).

Um terceiro e último momento regista-se a partir de 1975 e até ao presente, segundo Ferdinand Helbig, a *dichterische Phase* [fase poética]. De facto, a partir dos anos setenta aumenta a publicação de vários textos ficcionais e autobiográficos dedicados a este tipo de literatura. Nesta fase prevalece o romance que se evidencia como a forma literária por excelência para o relato da expulsão. Muitos dos romances escritos e publicados por volta dos finais dos anos setenta e durante a década de oitenta surgem após a viagem dos seus autores aos locais da juventude no antigo Leste. Trata-se de uma literatura fortemente marcada por essas viagens e experiências de revisitação memorial. É também desta terceira fase que datam as narrativas de escritores como Christine Brückner, Arno Surminski e Leonie Ossowski, por exemplo, sobre vivências associadas às províncias perdidas do Leste e que dizem respeito a milhões de pessoas nelas envolvidas (Helbig, 1989: 85 e Schneiß, 1996: 11), o que significa que a recepção deste tipo de textos poderá ter sido assinalável.

Considerando esta evolução por etapas no processo de escrita sobre a fuga e a expulsão, sobretudo a partir da década de setenta, verifica-se, de facto, que este tipo de obras jamais poderá ser alvo de omissão no âmbito do *corpus* literário de expressão alemã. Não podemos também apontar como uma possível razão para esta omissão o diminuto valor estético das obras, uma vez que nomes importantes da literatura de expressão alemã se dedicaram a este assunto. Convém lembrar a trilogia<sup>22</sup> do Prémio Nobel da Literatura, Günter Grass que, já em 1959, publicara *Die Blechtrommel* [O Tambor]<sup>23</sup>, um romance muito significativo e importante, quer do ponto de vista da organização do discurso literário, quer do modo como o autor articula a sua narrativa em torno do acontecimento verídico de expulsão dos habitantes de Danzig.

Durante as três fases da Literatura da Expulsão, apontadas por Ferdinand Helbig, apesar da existência de numerosas obras ficcionais e autobiográficas sobre o assunto, sobretudo durante a terceira fase mencionada, essas obras foram praticamente ignoradas pela crítica e pela teoria literária, como referido. As razões de tal ostracismo serão explicadas no subcapítulo seguinte. Esta constatada omissão vigorou até ao final dos anos oitenta, mais particularmente até à reunificação das duas Alemanhas, em 1989, altura em que passamos a assistir a uma viragem no entendimento e recepção da designada Literatura da Expulsão,

---

<sup>22</sup> Desta trilogia fazem parte: *Die Blechtrommel* (1959), *Katz und Maus* (1961) e *Hundejahre* (1963). O conjunto dos três romances deve-se ao facto de a acção ser passada na mesma cidade, Danzig.

<sup>23</sup> Romance com várias traduções para o português, como *Tambor de lata* de Helena Topa, (2009), Dom Quixote, Lisboa.

ou seja, a partir da década de oitenta, a informação estatística relativamente à publicação de obras sobre esta temática é elucidativa em termos de progressão ascendente. Vejamos o que escreve Axel Dornemann na introdução da sua bibliografia anotada:

"Setzt man die etwa 130 Einzelveröffentlichungen des Jahrzehnts 1951 bis 1960 als einen Wert von 100 Prozent an – zwischen 1946 und 1950 sind etwa 50 Publikationen feststellbar –, so fällt er in der Dekade danach sogar auf 81 Prozent ab und bleibt auch zwischen 1971 bis 1980 unter dem Wert von 100 (97), während von den 1980er Jahren an über das Jahrzehnt der 1990er und des ersten im neuen Jahrtausend (die Jahre 2001 bis 2004 aufs Jahrzehnt hochgerechnet) die Kurve exorbitant ansteigt, und zwar von 200 über 284 bis hin zu 354 Prozent!" (Dornemann, 2005: Einleitung VII) [Se estimarmos as cerca de 130 publicações individuais da década de 1951 a 1960 com um valor percentual de 100 – entre 1946 e 1950 assinalam-se talvez 50 publicações –, este valor desce na década seguinte até aos 81 % e permanece também entre 1971 e 1980 inferior a 100% (97), enquanto que a partir dos anos oitenta, e ao longo dos anos noventa e nos primeiros anos do novo milénio (elevando-se os anos de 2001 a 2004 a uma década) a curva sobe de forma exorbitante, passando de 200% até 284% se não mesmo atingindo os 354%!].

Atendendo ao facto de a evolução da curva ser tão acentuada, e considerando a mudança operada no tratamento da temática em termos de interesse para o debate público, podemos dizer que assistimos à génese de uma viragem na produção e na recepção deste tipo de literatura e, como tal, consideramos necessário acrescentar uma quarta fase às já referidas e defendidas por Ferdinand Helbig. Esta quarta fase, que apelidaremos de "fase da identidade", teve início por altura do acontecimento histórico marcante que foi a "Queda do Muro" e perdura até ao momento presente. A denominação "identidade" relaciona-se com o principal propósito dos escritores nela enquadrados, que procuram um mais profundo conhecimento de si próprios, no sentido de uma afirmação identitária que, já bem distanciada dos acontecimentos que deram origem a uma literatura sobre a fuga e a expulsão, não esquece nem se furta ao confronto com um contexto memorial traumático.

No subcapítulo seguinte passaremos a analisar as razões pelas quais, durante vários anos, estas obras não atraíram qualquer particular atenção nem da teoria nem da crítica literárias, apesar de poderem de algum modo pertencer ao cânone da literatura alemã do pós-guerra. É um facto que o conjunto destas obras não foi debatido pela Germanística como narrativas sobre a fuga e a expulsão, principalmente por motivos políticos, sociais e psicológicos impedirem a sua exposição no seio da opinião pública, como seguidamente se verá.

## 2.2. Interpretação pela Germanística

Vários autores, como, por exemplo, Björn Schaal na sua obra *Jenseits von Oder und Lethe Flucht, Vertreibung und Heimatverlust in Erzähltexten nach 1945*, mencionam a falta de apreço da Germanística pela temática primeira do nosso estudo em termos literários, manifestada sobretudo até à Queda do Muro de Berlim em 1989 (Schaal, 2006: 1). Temos de lembrar que, sobretudo durante os anos sessenta e setenta, os acordos de Leste marcados pela *Ostpolitik* [Política de Leste] do chanceler Willy Brandt levaram a que esta temática fosse evitada, uma vez que, por estas duas décadas, quem pretendesse lembrar a pátria que tivera de abandonar, seria acusado de revanchismo. Certamente que também aqui pesava a culpa alemã nos actos horrendos associados ao domínio do nacional-socialismo e na responsabilização alemã pela Segunda Guerra Mundial (a "teoria da culpa colectiva" referida no capítulo anterior), muito empolada também pela Geração de 68 e o seu ideário sócio-político. Neste contexto recorremos ainda à expressão "Political Correctness", utilizada pelo autor Arno Surminski<sup>24</sup>, referida pelo mesmo como a causadora também do silêncio relativamente a este "drama de dimensões bíblicas" (Surminski *in* GEO, 2004: 6) e justificando-a com o facto de não ser adequado para vozes alemãs pronunciarem-se a favor de vítimas inocentes no seio da sua população depois de tudo o que aconteceu em nome alemão. Podemos afirmar que embora a temática fosse matéria de vários romances, a sua discussão não era desejável em termos públicos, mantendo-se os assuntos relacionadas com a "antiga pátria e a sua perda" debatidos com um certo saudosismo apenas em círculos privados (GEO, 2004: 228), o que sucedia, por exemplo, nas associações territoriais que uniam os interesses das distintas antigas províncias do Leste (as *Landsmannschaften*).

Ainda relativamente à afirmação de que a temática da expulsão foi omitida em termos literários, sobretudo nos anos logo após a Guerra, temos de pensar que num país que fora devastado, os interesses residiam muito mais na preocupação com a sua reconstrução e com a reconciliação com os países vizinhos, do que a escrita sobre o sofrimento dos grupos que viveram numa região derrotada, ocupada e destruída. De salientar que estes grupos vieram contribuir fortemente para a célere recuperação da antiga República Federal da Alemanha, e mais propriamente das regiões onde a mão-de-obra era mais necessária e onde

---

<sup>24</sup> Este autor utiliza esta expressão no seu artigo intitulado "Schweigen ist keine Antwort" [O silêncio não é resposta] que serviu de introdução à obra *Flucht und Vertreibung Europa zwischen 1939 und 1948* (2004) GEO G + J Redaktion, Hamburg, Ellert & Richter Verlag.

os refugiados e os expulsos tinham sido alojados. Podemos referir que o "milagre económico" da Alemanha Ocidental, ocorrido em tão curto espaço de tempo, ficou grandemente a dever-se a esta vaga de pessoas que para aí se deslocaram e aí se estabeleceram. Não houve uma proibição formal para que esses realojados não relatassem experiências dolorosas e inesquecíveis por que tinham passado (prevaleceu o sentimento democrático), no entanto, pelos motivos políticos, sociais e psicológicos apontados, essa exposição não era desejável no seio da opinião pública.

Na antiga República Democrática Alemã, as antologias referidas apontam para uma publicação ainda mais diminuta de obras sobre a temática da Fuga e da Expulsão e podemos depreender que este tipo de literatura também permaneceu desconhecido nesta parte da Alemanha. A título de exemplo, na ex-RDA, a entrada do Exército Vermelho nas antigas províncias do Leste alemão foi vista como uma libertação da população e os seus actos, que hoje podemos inferir como criminosos, nunca foram apontados como tal. Por outro lado, na União Soviética os soldados alemães eram considerados criminosos de guerra, e o termo *Vertreibung* foi um termo suprimido do vocabulário oficial desse lado da Alemanha e substituído pelo termo *Umsiedlung* [relojamento], e conseqüentemente, os expulsos passaram a ser designados de *Umsiedler* [relojados].

Em suma, nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial a reconstrução estava em primeiro lugar e podemos afirmar que houve uma preocupação em esquecer os traumas por parte da geração que os vivenciou. A mudança das gerações, ou seja, a presente geração dos netos e bisnetos dispõe hoje da distância temporal e emocional que permite que estes jovens relatem a história das suas famílias expulsas e das suas raízes e que se dediquem aos temas do sofrimento causado pela Guerra, da tristeza, dor e perda da pátria. Esta nova geração de escritores, uma vez que totalmente separada dos crimes do Terceiro *Reich*, está apta para avaliar os acontecimentos passados de uma forma mais objectiva e procura demonstrar através da literatura que é possível lembrar os refugiados alemães de Leste sem negar ou minimizar a culpa do nacional-socialismo na Alemanha. De salientar ainda mais uma vez que estes novos autores estão livres de qualquer atribuição de culpa pessoal e de revanchismo e podem ser enquadrados numa geração que, como afirma Arno Surminski, já não quer ficar calada: "Eine selbstbewusste Generation ist herangewachsen und nimmt sich das Recht, nicht mehr zu schweigen." (Idem, ibidem: 10) [Cresceu uma geração consciente de si mesma e que usa o direito de nunca mais se calar.].

A partir da Queda do Muro, e com o conseqüente desmoronamento dos regimes socialistas do bloco de Leste, a migração em massa dos alemães do Leste deixou igualmente de estar no centro dos confrontos ideológicos entre o Leste e o Ocidente. Este assunto passou a poder ser estudado em termos interdisciplinares, quer pela História (até pela progressiva abertura de arquivos relacionados com esta época e cujo acesso estivera anteriormente vedado) quer pelas diversas ciências humanas e sociais. A partir da década de noventa do século passado a poetização do passado constante nas narrativas da perda da pátria no Leste passou igualmente a ser alvo de profundo estudo por parte da teoria literária. Este estudo incide principalmente sobre o "displacement" (Schaal, 2006: 5) (a "deslocação" no sentido de um desenraizamento) da população alemã que é narrado de forma evidente nessas obras. Esta deslocação leva a repensar e a definir o termo "pátria" e incita a um confronto com a forma como este termo é construído no discurso narrativo (idem, ibidem: 5). Isto significa que, no âmbito da teoria literária, não está em causa o estudo das narrativas sobre a perda da pátria relacionadas apenas com o acontecimento histórico concreto passado pelos alemães no Leste, mas estas narrativas são tomadas como exemplo de um discurso sobre uma deslocação, ou melhor ainda, onde se pode analisar uma separação violenta de um lugar de origem, mais concretamente, de um espaço geográfico concebido como "pátria" e definido por uma segurança e pelo afecto. O autor Björn Schaal apresenta, igualmente neste contexto, uma crítica, apontando para uma falta de investigação, por parte da teoria literária, no sentido de uma análise sistemática de estruturas narrativas da "Literatura da perda da pátria do Leste alemão" (assim designou este autor a Literatura da Expulsão) (idem, ibidem: 12). Na elucidação deste comentário, o autor afirma que as pesquisas existentes se orientam quase exclusivamente sobre o plano dos conteúdos narrados (Reis e Lopes, 2002: 111), a história, mas ignoram o plano de expressão desses mesmos conteúdos, o conjunto dos elementos linguísticos que sustentam essa história e que é designado por discurso (Schaal, 2006: 13).

A investigação por parte da crítica literária sobre a produção escrita relacionada com a fuga e a expulsão também contribui fortemente para o despertar do interesse por estas obras, o que, por sua vez, leva a uma maior receptividade pelas mesmas. Para ilustrar esta

afirmação, tomamos o exemplo da escritora Christa Wolf<sup>25</sup> e do seu romance *Kindheitsmuster*, um romance considerado como um exemplo de Literatura da Expulsão (apud Gumpert, 2005: 112), no qual, entre outros aspectos, a autora indaga: "*Wie sind wir so geworden, wie wir heute sind*" [Como é que nos tornámos naquilo que somos hoje]. Ao analisarmos esta interrogação apercebemo-nos do significado da literatura enquanto meio para representar a memória colectiva e as identidades. Uma análise literária destes romances desperta, assim, o interesse também por esta mesma questão.

Podemos salientar ainda a importância dada pela Germanística ao romance *Im Krebsgang*<sup>26</sup> de Günter Grass (Prémio Nobel da Literatura em 1999), publicado em 2002. Este romance é considerado Literatura da Expulsão, uma vez que nele é abordado o drama sofrido por milhares de refugiados do Leste alemão, aquando do naufrágio do navio *Wilhelm Gustloff*. A teoria literária em contexto de expressão alemã debateu e analisou amplamente esta obra e os artigos publicados no seu âmbito<sup>27</sup> despertaram igualmente a curiosidade por este romance. Quarenta anos depois de "O Tambor", Grass demonstra que é possível reconhecer tanto a questão da culpa alemã como a identificação com as vítimas e o sofrimento alemão do final da Segunda Guerra Mundial. Além disso, pela polémica em torno da obra debatida por intelectuais, meios de comunicação e público em geral pode observar-se que o tema estava a "renascer".

Ao designarmos uma quarta fase da Literatura da Expulsão, como referimos e apelidámos de "fase da identidade", e onde nos encontramos presentemente, pretendemos com ela que a crueldade não seja esquecida. Trata-se de uma forma de apelo para que esta "grande catástrofe" do século XX não se volte a repetir. Numa perspectiva mais optimista, estimamos que a atenção centrada neste tipo de literatura, também por apresentar uma forte

---

<sup>25</sup> Christa Wolf é uma escritora alemã que nasceu em 1929 em Landsberg an der Warthe, hoje uma cidade situada na Polónia (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Christa\\_Wolf](http://de.wikipedia.org/wiki/Christa_Wolf), acedido em 02 de Abril de 2011).

<sup>26</sup> Tradução para o português de Maria Antonieta Mendonça (2003), *A passo de caranguejo*, Lisboa, Editorial Notícias.

<sup>27</sup> Os seguintes artigos comprovam a análise e crítica literárias que incidiram sobre o romance: "Die Entdeckung der deutschen Kriegsoffer in der Gegenwartsliteratur. Eine Studie zu der Novelle *Im Krebsgang* von Günter Grass und ihrer Vorgeschichte" [A descoberta das vítimas de guerra alemãs na literatura contemporânea. Um estudo da novela *A Passo de Caranguejo* de Günter Grass e a sua história] (2003), in "Literatur für Leser", S. 182-197, de Adolf Höfer; "Weil die Geschichte nicht aufhört: Günter Grass's *Im Krebsgang*" ["Porque a história não acaba": *A Passo de Caranguejo* de Günter Grass] (2004) in "German Life and Letters", S. 472-487, de Elizabeth Dye; ou, por último, "Landscape, Seascapes, Cyberscapes: Narrative Strategies to dredge up the Past in Günter Grass's Novella *Im Krebsgang*", (2004) in: "Gegenwartsliteratur. Ein germanistisches Jahrbuch", S. 143-168, de Jill E. Twark.

componente humanística, poderá inclusive contribuir para uma paz mais duradoura na Europa, tal como afirma o autor Arno Surminski "(...) über diese Dinge zu sprechen, gehört auch zur Friedensforschung." (Surminski, 1980: 72) [(...) falar sobre estas coisas também faz parte da pesquisa para a paz.], para além de uma tentativa de reconciliação com todos os países vizinhos envolvidos no turbulento final da Segunda Guerra Mundial.

Estas obras literárias são sobretudo testemunhos artísticos, para além de, com elas, aprendermos e tentarmos compreender o que se passou na História, e para tal, citamos:

"Flüchtlinge sind paradigmatische Gestalten unseres Jahrhunderts. In ihren Biographien haben sich die schrecklichen Wechselfälle unserer Zeit wie im Brennglas niedergeschlagen. Wer ein Flüchtlingsschicksal studiert, lernt mehr und anderes als aus historischen Lehrbüchern. Wer unsere Zeit darstellen möchte, ist mit der Lebensgeschichte eines Flüchtlings nicht schlecht beraten." (*apud* Dornemann, 2005: X) [Os refugiados são figuras paradigmáticas do nosso século. As suas biografias reflectem como uma lupa as mais horrendas vicissitudes da nossa época. Quem estuda o destino de um refugiado, aprende mais e de forma diferente do que a partir de manuais de história. Quem pretenda dar a conhecer a nossa época, não será mal aconselhado pela história de vida de um refugiado.].

A análise e interpretação do romance de Arno Surminski, *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*, que propomos no âmbito deste estudo serão apresentadas no próximo capítulo como uma hipótese de diálogo com um tipo de literatura que, inspirada nas vicissitudes de um tempo de Guerra, pretende criar espaço para ensinamentos futuros, reforçando a convicção de que esta temática continua a ser pertinente.

### **Capítulo 3. *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* de Arno Surminski – o domínio literário de uma autobiografia traumática**

O objecto central deste trabalho de investigação, constituído pelo enunciado romance de Arno Surminski, será alvo de um tratamento particular no que diz respeito à exposição das e reflexão sobre as questões relacionadas com a fuga e a expulsão dos alemães do Leste perdido.

A nossa opção por um romance baseou-se no facto deste ser o género literário mais em evidência no quadro da Literatura da Expulsão. Este texto de Arno Surminski reflecte a experiência que resultou de um tempo de rememoração comum a muitos escritores alemães com os seus lugares de origem. São justamente estas viagens dos autores aos locais da sua infância e juventude no Leste, com a posterior publicação de textos ficcionais e autobiográficos, que marcam a chamada *dichterische Phase* [fase poética], na qual se inclui o nosso autor.

Arno Surminski parte de uma vivência traumática e recorre à própria experiência para, por meio de um narrador autoral, nos relatar os sentimentos e as ambiguidades do protagonista Hermann (a título de exemplo, entre o tempo de espera pelos pais e a tomada de conhecimento de que eles não regressam, entre a tristeza e a procura de brincadeiras e aventuras para a transpor), evidenciando um carácter fortemente autobiográfico. A forma poética e sensível, irónica e atilada, como os acontecimentos são relatados, indicia que o escritor passou pela experiência traumatizante como foi a fuga e a expulsão e a elas sobreviveu, refazendo a sua vida,<sup>28</sup> para além de ter efectuado um profundo trabalho de pesquisa.

São vários os traços que evidenciam este carácter autobiográfico da obra *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*. Podemos salientar, entre outros aspectos, a posição geográfica do local fictício Jokehnen e o protagonista Hermann

---

<sup>28</sup> Esta informação pode ser atestada na obra de Beyersdorf, relativamente à biografia do escritor, a qual foi, por sua vez, recolhida no Munzinger-Archiv, em 1996, na editora Ullstein-Verlag e fornecida pelo próprio Arno Surminski (Beyersdorf, 1999: 5).

Steputat. Jokehnen é um lugar de ficção localizado no concelho de Rastenburg, "im Herzen Ostpreußens" (7)<sup>29</sup> [no coração da Prússia Oriental], ao lado de outras localidades nesse mesmo concelho com existência real e que assinalam a presença no romance das aldeias vizinhas de Marienthal, Wolfshagen e Skandlack, e também nas suas proximidades, ainda Drengfurth, Angerburg e o lago Mauersee. Arno Surminski nasceu na aldeia de Jäglack (atenda-se à letra inicial que nos pode levar a sentir uma similaridade dos nomes Jokehnen e Jäglack), na mesma região geográfica do protagonista do seu romance. A menção exacta e a descrição pormenorizada das localidades levam-nos a afirmar que o autor conhece muito bem estes locais, mais exactamente, o espaço da acção em termos geográficos, a Prússia Oriental. Em Jokehnen nasce, no mesmo mês e ano que Arno Surminski (Agosto de 1934), a personagem principal Hermann Steputat, cujos pais, tal como os de Surminski, são deportados para a Sibéria.

Arno Surminski inscreve uma parte importante da sua vida em *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*, sendo este texto literário citado e assumido pelo próprio escritor como uma obra "muito autobiográfica", como referido numa entrevista feita por Hermann Beyersdorf<sup>30</sup>. *Jokehnen* preenche os requisitos apontados pela teorização literária como marcas deste subgénero literário, como sejam: tratar-se de uma narrativa em prosa sobre a história de uma vida individualizada e em destaque; haver uma identificação entre o autor (cujo nome remete para uma pessoa real), o narrador e o protagonista, constituindo-se, deste modo, uma perspectiva retrospectiva da narrativa (relativamente a factos passados).<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> A edição utilizada na análise foi a de 2003, Arno Surminski *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*, Berlin, Ullstein Buchverlage GmbH (edição de bolso). As indicações das páginas serão doravante assinaladas apenas com o respectivo algarismo entre parênteses curvos.

<sup>30</sup> Este autor elaborou, a par de vários artigos, um trabalho compilado em 1999 sob o título *Erinnerte Heimat, Ostpreußen im literarischen Werk von Arno Surminski*, Wiesbaden, Harrassowitz, para, segundo ele, e apresentado no prefácio dessa obra, colmatar a falta de uma análise detalhada sobre a obra de Arno Surminski.

<sup>31</sup> Estas características são referidas na obra de Martina Wagner-Egelhaaf *Autobiographie* que, para a definição deste género literário, recorre a Philippe Lejeune (autor nascido em 1938, um professor universitário francês, especialista em autobiografia, que, para além de ter fundado, em 1992, a "Association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique", editou em 1973 *Le pacte autobiographique*). Martina Wagner-Egelhaaf aponta que a autobiografia é uma "Rückblickende Prosaerzählung einer tatsächlichen Person über ihre eigene Existenz, wenn sie den Nachdruck auf ihr persönliches Leben und insbesondere auf die Geschichte ihrer Persönlichkeit legt." (*apud* Lejeune, 1994: 14) [Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando evidencia a sua vida pessoal e sobretudo a história da sua personalidade.]

Para assegurar a veracidade dos aspectos desenvolvidos na sua narrativa, o autor procedeu a uma selecção do emaranhado de tempos, pessoas, lugares, sentimentos e experiências e recorreu à sua memória, recriando um texto com base num testemunho histórico e real, mas aliando-lhe uma motivação estética, ou seja, entregando-se a um rigoroso trabalho com a linguagem, inspirando nela liberdade e beleza, tornando-o, deste modo, numa obra literária. A memória referida constitui o que podemos designar por "memória autobiográfica", área que tem vindo a ser analisada pela psicologia, como aponta Martina Wagner-Egelhaaf (Wagner-Egelhaaf, 2005: 87), e cujos estudos neste âmbito têm concluído que um acontecimento possui maiores probabilidades de ser conservado na memória se for algo exemplar e extraordinário, se estiver associado a determinadas consequências para o indivíduo em causa, ou se ocorrer inesperadamente, ou ainda se puder ser aliado a uma emoção em particular. Todos estes aspectos são notórios em Arno Surminski, pelo que podemos concluir tratar-se este romance de uma autobiografia traumática.

Se pensarmos que a finalidade de qualquer romance é o Homem, visto o Homem ser um auto-narrador do fenómeno literário, ou seja, ele é reproduzido na narração e é, simultaneamente, o seu destinatário, estamos de acordo com Helmut Motekat quando escreve:

"Steht in einem neuen Zeitalter der Mensch in einer durch Katastrophen, Entdeckungen, technische oder soziale Umschichtungen veränderten Welt, so muss der Autor versuchen, die veränderte Welt und in ihr das andersgewordene Menschenbild mit den Mitteln und Möglichkeiten seiner Erzählkunst zu vergegenwärtigen." (Motekat, 1967: 55) [Quando o Homem se encontra numa nova era, num mundo modificado por catástrofes, descobrimentos, revoluções técnicas ou sociais, então o autor tem de evocar com os meios e as possibilidades da arte de narrar esse mundo modificado e a imagem do Homem que nele se tornou diferente.].

É precisamente o que acontece com o romance que apresentamos: o autor Arno Surminski foi buscar o passado flagelado pela catástrofe da fuga e da expulsão e dá-nos uma imagem do Homem por elas afectado. Uma imagem do território perdido da Prússia de Leste, das cadências no espaço rural, e a vida nesse meio, com os pequenos dramas da ruralidade, o seu dialecto, as excentricidades das suas gentes, e é tudo isto que conduz à especificidade da obra de Surminski. Mediante a reconstrução dos acontecimentos históricos, o autor leva-nos a procurar um entendimento do passado, no sentido de questionar o presente.

### **3.1. Arno Surminski – Perfil biográfico**

Arno Surminski nasceu em 20 de Agosto de 1934, na aldeia de Jäglack, na Prússia Oriental. Após a invasão soviética desta província, os seus pais foram deportados para a União Soviética em 1945 (a par da expulsão e da transferência das populações alemãs para o Ocidente, os russos também procederam à deportação de alemães principalmente para a Sibéria, para trabalhos forçados) e Arno, com onze anos de idade, ficou à sua própria mercê e cuidado na região, entretanto, estabelecida sob administração polaca. Posteriormente, Surminski foi expulso desta região com a remanescente população alemã para a Alemanha a Ocidente da fronteira do rio Oder-Neiße e, após a permanência em campos de refugiados no Brandemburgo e na Turíngia, Arno Surminski foi recebido em 1947 em Trittau, Schleswig-Holstein, por uma família de refugiados da sua terra natal com muitas outras crianças. Foi nesta província na República Federal da Alemanha que Arno Surminski viveu o período do pós-guerra e a seguir à conclusão da escola tirou um curso de auxiliar num escritório de advogados onde permaneceu até 1955, data em que emigrou com três amigos para o Canadá. Neste país exerceu diversos ofícios, entre eles principalmente o de lenhador. Em 1957, regressou à Alemanha, voltou a trabalhar num escritório de advogados e depois como empregado numa companhia de seguros. A partir de 1972 foi jornalista, dedicando-se a assuntos de economia e de seguros, e desde o sucesso dos seus romances tem vindo a consagrar-se unicamente à escrita.

Arno Surminski é casado e tem três filhos: Marc, Katja e Swenja. Reside actualmente em Hamburgo-Barmbek e possui uma casa com um terreno de 25.000 metros quadrados situada directamente no Canal do Mar do Norte com o Mar Báltico (Beyersdorf, 1999: 6).

Como escritor, Arno Surminski publicou diversos romances, nos quais o destino da Prússia Oriental se destaca como um tema importante, podendo ser considerado um dos autores mais conhecidos no que diz respeito à fuga, à expulsão e à perda da pátria no antigo Leste Europeu. Contudo, o autor não gosta que lhe seja atribuída a expressão "Vertriebenen-Schriftsteller" [autor sobre a expulsão]. Numa entrevista que realizámos em Agosto de 2010, questionámos precisamente o escritor sobre esta afirmação e Arno Surminski explicitou que na Alemanha a expressão tem uma conotação negativa, sendo utilizada

como "einem Atemzug mit Revanchismus und Ewig-Gestrigen" [um sopro de revanchismo e de ontem eterno].<sup>32</sup>

Arno Surminski recebeu em 1978 o prémio "Andreas Gryphius" (prémio atribuído a textos publicados de escritores e tradutores que reflectem sobre a cultura e a histórias alemãs no Centro, Leste e Sudoeste Europeu e que contribuam, assim, para o entendimento entre os alemães e os vizinhos de Leste). Este prémio foi suprimido no âmbito de medidas de contenção financeira em 2000).<sup>33</sup> Em 1982 o autor foi agraciado com o prémio de cultura da "Landsmannschaft Ostpreußen" e em 13 de Outubro de 2008 foi-lhe outorgado o prémio "Hannelore Greve Literaturpreis 2008" (prémio atribuído desde 2004, de dois em dois anos, pela associação de autores da cidade de Hamburgo a "prestações excepcionais no campo da literatura de expressão alemã").<sup>34</sup>

### 3.2. A escrita de Arno Surminski

O romance *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*, com uma primeira edição em 1974, foi a estreia literária do autor, depois de ter publicado vários contos em jornais e revistas. Este primeiro romance faz parte do que o autor em cima referido, Hermann Ernst Beyersdorf, designou por "Ostpreußische Trilogie" [trilogia leste-prussiana] (Beyersdorf, 1999: 5), composta por *Jokehnen*, *Kudenow oder An fremden Wassern* (uma continuação directa da acção de *Jokehnen* e publicado em 1978) e *Fremdes Land oder Als die Freiheit noch zu haben war* (que veio a lume em 1980 e que descreve a partida do protagonista para o Canadá, para fugir à Alemanha do pós-guerra).<sup>35</sup> Estes três romances foram igualmente adaptados para a televisão, sendo que *Jokehnen* foi exibido na televisão estatal, nomeadamente na ZDF, como uma série dividida em três partes, com várias referências em jornais e revistas publicadas à data.<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> Entrevista elaborada por Ana do Carmo, enviada por *e-mail* e respondida pelo escritor Arno Surminski, por carta, em 11 de Agosto de 2010. Ver a digitalização desta entrevista no Anexo IV desta dissertação.

<sup>33</sup> Informação consultada no sítio <http://de.wikipedia.org/wiki/Andreas-Gryphius-Preis>, acedido em 24 de Janeiro de 2011.

<sup>34</sup> Informação consultada no sítio <http://de.wikipedia.org/wiki/Hannelore-Greve-Literaturpreis>, acedido em 24 de Janeiro de 2011.

<sup>35</sup> Descrição recolhida no sítio <http://www.amazon.de/> sobre a apresentação deste livro, acedido em 24 de Janeiro de 2011.

<sup>36</sup> Cf. artigos de Benningh (03.07.1987), Busch (26.06.1987), Thieringer (25.07.1987), Karsten (25.06.1997) que constam na Bibliografia deste trabalho.

Outros romances se seguiram, apenas a título de exemplo, em 1989, *Grunowen oder Das vergangene Leben* e, em 1993, o romance *Kein schöner Land* sobre a reunificação alemã. O último romance publicado de Arno Surminski data de 15 de Agosto de 2010 e intitula-se *Winter Fünfundvierzig oder Die Frauen von Palmnicken*, uma "grande epopeia do espaço maltratado do Mar Báltico", para utilizar as palavras de Ulrich Baron no artigo que escreveu em 20 de Novembro de 2010, no suplemento "Literarische Welt" sobre a publicação deste romance. Esta frase de Baron faz sentido, por esta obra representar mais uma narrativa que tem como pano de fundo esse mar que tantos destinos abarcou, podendo ser considerado um cemitério de navios e, no caso deste livro, o facto de a acção decorrer numa praia do Báltico, onde foram assassinadas quatro judias, após a sua passagem pelo campo de concentração de Auschwitz.

A observação dos títulos dos vários romances levou-nos a indagar o porquê da repetição da conjunção coordenativa disjuntiva "oder" [ou]. O autor conta, na entrevista efectuada pela autora da presente dissertação, que a forma estilística partiu do seu editor à data da primeira edição, que teve a ideia de dotar o título de "*Jokehnen*" com um "Oder-Titel" [um título com um "ou"] e que este se tornou um hábito, para além de, um título com um "ou" ser mais expressivo. Segundo as palavras do próprio autor, tudo o que está para além do "ou" incita a questões e sugestões.

"Schreiben ist mir ein Lebensbedürfnis" [Escrever é para mim uma necessidade vital] conta-nos ainda Arno Surminski nessa entrevista efectuada no Verão de 2010. De facto, a sua obra é vasta e abarca não só "Flucht, Verschleppung, Vergewaltigung und all den anderen Schrecken des Kriegsendes" [fuga, rapto, violação e todos os outros horrores do final da Guerra], mas também encontramos enredos passados no Canadá, nos EUA e na Suíça. Estes foram, aliás, locais de passagem do autor, locais autênticos que dão lugar à fantasia.

Os locais da acção de *Jokehnen* são autênticos, com excepção da pequena aldeia que, como referido, é uma criação literária do autor. Esta passagem da autenticidade para a fantasia também está patente nas múltiplas pequenas histórias escritas pelo autor, que se encontram compiladas em vários volumes, nomeadamente as cerca de cinquenta narrativas sobre a Prússia Oriental, compiladas na obra *Aus dem Nest gefallen*<sup>37</sup>, que fornecem as impressões

---

<sup>37</sup> Surminski, Arno, 2009, *Aus dem Nest gefallen, Geschichten aus Ostpreußen*, Berlin, Ullstein Buchverlage.

da terra onde o autor passou a sua infância e onde encontramos vários destinos individuais relatados num estilo sóbrio, apelando, porém, pouco à comoção. Em Arno Surminski avulta uma profunda compreensão da vida das pessoas mais humildes desta região: "Die masurischen Menschen erfanden die Langsamkeit und das Fluchen. (...) Auch liegt es ihnen mehr, Fische zu fangen und Rehböcke zu jagen, als die Felder zu bestellen." (*Aus dem Nest gefallen*: 52) [As pessoas da Masúria descobriram a vagarosidade e a blasfêmia. (...) Também estão mais predispostas a pescar peixes e caçar corços do que a semear os campos.]. Para além de nos transmitir a beleza da paisagem entre o território do rio Memel e a Masúria: "Masuren ist ja ein schönes Stück Erde." (Idem, *ibidem*: 293) [A Masúria é, pois, um bonito pedaço de terra.]. Esta mesma opção estilística revela-se ainda nas vinte pequenas histórias da obra *Der Winter der Tiere*<sup>38</sup>, uma ponte do presente para o passado:

"Die Züge fahren über die Ströme, die sie kannten. Die Wolga brannte nicht mehr, der Don war wieder still, die Newa führte kein Eis, der Memel hatten sie den Namen genommen, und schließlich der San, an dem es begonnen hatte. Als der Zug die gedachte Linie überfuhr, die sie für eine Grenze hielten, begannen sie zu singen. Aber es waren die Lieder einer vergangenen Zeit, die niemand mehr hören konnte." (Surminski, *Winter der Tiere*: 222) [Os comboios passavam sobre os rios que eles conheciam. O Volga já não ardia, o Donau estava novamente tranquilo, o Neva já não transportava gelo, ao Memel tinham mudado o nome e, por último, o San, onde tudo tinha começado. Quando o comboio passou pela linha que eles haviam tomado por fronteira, começaram a cantar. am, porém, as canções de um tempo passado que já ninguém conseguia ouvir.].

Neste contexto refira-se ainda *Besuch aus Stralsund*<sup>39</sup> onde, com ironia e humor, o autor relata o quotidiano das pessoas no Leste e no Ocidente, sujeitas à ocorrência de eventos extraordinários, como a história "Old Danish Silver" (Surminski, *Besuch aus Stralsund*: 59) em que uma septuagenária alemã encontra numa loja de velharias na Dinamarca os talheres de prata com as iniciais do seu pai, que tinham sido roubados por um seu antigo apaixonado dinamarquês no ano de 1945, quando ambos tinham 20 anos.

O confronto com uma vasta obra atinente a pequenas histórias leva-nos também a inserir o autor na constelação literária das *Kurzgeschichten*, que têm uma longa tradição na literatura de expressão alemã. Na citada entrevista, o autor confirmou que Heinrich Böll,

---

<sup>38</sup> Surminski, Arno, 2004, *Der Winter der Tiere, Erzählungen*, Berlin, Ullstein Buchverlage.

<sup>39</sup> Surminski, Arno, 2001, *Besuch aus Stralsund*, Berlin, Ullstein Buchverlage.

Wolfgang Borchert, Siegfried Lenz, mas sobretudo o americano Ernest Hemingway, o incitaram a escrever estas histórias curtas.

### **3.3. O romance *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* de Arno Surminski – entre autenticidade e fantasia**

O romance de Arno Surminski começa com o nascimento de Hermann Steputat e relata-nos a história e o destino deste herói, assim como a história da aldeia na Prússia Oriental onde o protagonista vive entre os anos de 1934 e 1945. Em Dezembro de 1945, o pequeno Hermann, à data com onze anos de idade, é um dos poucos a sobreviver à viagem "von Ostpreußen nach Deutschland" (462) [da Prússia Oriental para a Alemanha].

Logo no início da narrativa é-nos evidenciada, embora de forma simbólica, a ligação entre a História Mundial - a autenticidade - e a história da pequena aldeia no Leste da Prússia - a fantasia: o protagonista Hermann Steputat nasce a 2 de Agosto de 1934, o dia da morte de Paul von Hindenburg (cf. 16). Este marechal foi uma figura importante para a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, salientando-se a sua vitória na Batalha de Tannenberg<sup>40</sup> na fronteira russa. Mais importante do que estes seus feitos militares foi o facto de Paul von Hindenburg ter sido eleito, em 1925, Presidente da República da Alemanha e, ainda no contexto da República de Weimar, ter sido reeleito em 1932. No sistema de modelo parlamentar democrático, e como Presidente da República, Hindenburg nomeou Hitler, em 30 de Janeiro de 1933, chanceler responsável pelo poder executivo. Desde esta data Hindenburg entregou o governo da Alemanha nas mãos de Adolf Hitler, abrindo-lhe assim as portas para o exercício dos seus poderes ditatoriais.<sup>41</sup> A morte de Hindenburg, assinalada no romance, vem confirmar o advir de uma nova fase de governação na Alemanha, da qual Hermann Steputat virá a ser testemunha. Além disso, a morte de Hindenburg representa para os habitantes da aldeia o receio da Prússia Oriental

---

<sup>40</sup> A Batalha de Tannenberg foi um combate da Primeira Guerra Mundial, decisivo entre as forças do Império Russo e o Império Alemão (comandadas por Paul von Hindenburg), travado na Prússia Oriental e que resultou na quase completa destruição do 2º Exército Russo (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Schlacht\\_bei\\_Tannenberg\\_%281914%29](http://de.wikipedia.org/wiki/Schlacht_bei_Tannenberg_%281914%29), acedido em 8 de Fevereiro de 2011).

<sup>41</sup> Paul von Hindenburg nomeou Adolf Hitler para chanceler, seguindo a recomendação de Franz von Papen, chanceler de Junho de 1932 a Novembro de 1932, este último com uma posição dúbia em relação ao nacional-socialismo, uma vez que lutou contra os nazis, mas após a sua ascensão ao poder foi um dos seus aliados incondicionais (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Franz\\_von\\_Papen](http://de.wikipedia.org/wiki/Franz_von_Papen), acedido em 5 de Abril de 2011).

voltar a ser invadida pelas tropas soviéticas "Die Kosaken werden wiederkommen", jammerte die Markowsche und begann zu heulen." (13) ["Os cossacos hão-de voltar" lamentou-se a Markowsche e começou a choramingar.].

A partir da perspectiva da criança, como protagonista, o narrador relata o que o herói sente, observa, vive e reflecte em relação a uma realidade, que é o mundo das suas vivências, e sobre o comportamento dos adultos em seu redor e a conjuntura política da sua época. O narrador descreve um mundo rural em que o tempo parece ter parado, uma vez que a Jokehnen, uma "kleinen, schmutzigen Dorf Ostpreußens" (109) [aldeia pequena, suja da Prússia Oriental], tudo chega com atraso, mesmo os efeitos e as consequências do nacional-socialismo e da guerra que começam por ser, durante muito tempo, percebidos ao longe.

Na edição analisada para este trabalho, o romance é composto por 493 páginas, das quais a descrição ficcional da realidade, que é rica em acontecimentos, percorre mais de metade da obra. O anteriormente referido autor Ernst Beyersdorf, numa nota de rodapé (idem, ibidem: 33), indica que 63% do romance, nomeadamente as primeiras 311 páginas da versão em questão, contêm a história que antecede a apresentação da fuga de Jokehnen e 37%, podemos considerar a última terça parte do romance, descreve os acontecimentos que atingiram o máximo do horror a partir de Janeiro de 1945: a fuga sem sucesso dos habitantes de Jokehnen da contra-ofensiva soviética, a destruição total da aldeia, que ia ficando praticamente despovoada e a vivência horrível dos últimos sobreviventes sob a ocupação soviética, a expulsão destes poucos sobreviventes e o seu transporte em vagões de mercadorias da Prússia Oriental para a antiga zona soviética, a Sibéria (deportação) ou para o Ocidente da Alemanha (expulsão).

É também a partir da perspectiva das crianças que o nacional-socialismo, o factor e a expressão da autenticidade, do real, nos é dado a conhecer. De que forma? Hermann, o seu amigo Peter e as outras crianças vivem e mostram-nos esse período como se de uma brincadeira se tratasse: os pequenos amigos cantam, sobretudo na escola, as canções do nacional-socialismo, como "Das Büblein auf dem Eise" (133), a "Afrikalied" (156), "Und die Morgenfrühe, das ist unsere Zeit" (163), "Zehn tausend Mann, die zogen ins Manöver" (62), vêem os filmes projectados nesta altura, como "Reitet für Deutschland" (173), "Calais sturmreif" e "Eine Nacht in Venedig" (174) ou ainda "Die goldene Stadt" (267), lêem as

aventuras de Karl May<sup>42</sup>, a série Tecumseh de Fritz Steuben<sup>43</sup> (176) e os poemas de Robert Reinick<sup>44</sup>.

O narrador fornece-nos uma imagem perspicaz da forma como as crianças estavam fascinadas: "Natürlich gab es auch Blumen, Vögel und Schmetterlinge. Aber was sind schon zarte Anemonen, wenn dem Mann von Vionville durch die Trompete ins Herz geschossen wird? Oder wenn der Alte Fritz über das Schlachtfeld von Leuthen reitet?" (106) [É óbvio que também havia flores, pássaros e borboletas. Mas o que é que são anémons delicadas quando o Homem de Vionville é disparado contra os corações pelo trompete? Ou quando o "Velho Fritz" cavalga sobre o campo de batalha de Leuthen?]. O "Homem de Vionville" remete aqui simbolicamente para os versos do poema patriótico "Die Trompete von Vionville" de Ferdinand Freiligrath, inspirados na vitória dos alemães na Guerra Franco-Prussiana (Batalha de Vionville em 16 de Agosto de 1870). O poema serviu de fonte de inspiração ao escritor que o transformou, fornecendo-lhe uma dimensão humana actuante e mais profunda. O "Velho Fritz" é uma referência a Frederico II da Prússia, também designado "Frederico o Grande", igualmente uma figura heróica na História da Alemanha, por ter saído vencedor em várias das batalhas da Guerra dos Sete Anos, assumindo então a Prússia no sec. XVIII um estatuto de poder político-militar entre os estados alemães e lançando assim as bases para o futuro Império Alemão.

O encantamento das crianças manteve-se por largo tempo, mesmo quando o rumo dos destinos da guerra se alterou e os adultos começaram aos poucos a ponderar a hipótese de fuga, como podemos ver neste excerto de *Jokehnen*:

"Auf der Angerburger Chaussee kamen Hermann und Peter schon am frühen Morgen Flüchtlingswagen entgegen. (...) "Warum der nach Westen fährt?" wunderte sich Hermann. "Das ist doch scheißegal", meinte Peter. Er konnte nicht begreifen, warum Hermann herumgrübelte, dass ein Panzer nach Westen fährt, obwohl im Osten geschossen wird. Peter dachte nur an die Kekse und Bonbons, die es in den Baracken der Drengfurter Vorstadt gab." (294) ["Já de manhã cedo Hermann e Peter cruzavam-se

---

<sup>42</sup> Karl May (1842-1912) foi um escritor alemão de romances de aventura, muitos deles sobre o índio "Winnetou" e as suas aventuras contadas pelo narrador Old Shatterhand (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Karl\\_May](http://de.wikipedia.org/wiki/Karl_May), acessado em 21 de Fevereiro de 2011).

<sup>43</sup> Fritz Steuben é o pseudónimo de Erhard Wittek (1898-1981) que compilou contos de indianos, oito deles conhecidos pelo nome: a "série de Tecumseh" (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Fritz\\_Steuben](http://de.wikipedia.org/wiki/Fritz_Steuben), acessado em 21 de Fevereiro de 2011).

<sup>44</sup> Robert Reinick (1805-1852) foi um poeta e pintor alemão (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Reinick](http://de.wikipedia.org/wiki/Robert_Reinick), acessado em 21 de Fevereiro de 2011).

com carroças de refugiados na Angerburger Chaussee. (...) "Porque é que aquele segue para Ocidente?" admirava-se Hermann. "O que é que isso interessa?", dizia Peter. Ele não podia entender por que é que Hermann magicava sobre um blindado que seguia para Ocidente, apesar de no Leste se dispararem tiros. Peter pensava apenas nas bolachas e rebuçados que havia nas barracas dos arredores da cidade de Drengfurt.].

O carácter de autenticidade e verosimilhança do romance é-nos principalmente transmitido por um vasto conjunto de intertextos, a nível de enunciados de nomes de poetas (como o referido Robert Reinick), autores de poemas de canções, nomes de escritores, cujas obras eram lidas na época (como os referidos Karl May e Fritz Steuben), canções ouvidas em ocasiões públicas e em ambiente familiar, como a "Dorfschwalben aus Österreich" (a valsa Op.164 de Joseph Strauss) (42), e ainda as já referidas e diversas canções do nacional-socialismo (a título de mais uns exemplos, "Nur der Freiheit gehört unser Leben", "Das arme Dorfschulmeisterlein", "Erika", "Westerwald", "Blauen Dragoner", "Das Engellandlied", "Und die Morgenfrühe, das ist unsere Zeit").<sup>45</sup> No romance são igualmente mencionados os nomes de figuras históricas como Rudolf Heß<sup>46</sup> (24), Günter Prien<sup>47</sup> (158), Churchill (99), ou ainda Hermann Göring. Relativamente a este último, Surminski não deixou de fazer alusão à sua citação na rádio "Hermann Göring wollte Meier heißen, sollte ein feindliches Flugzug die Reichsgrenzen überfliegen." (186) [Hermann Göring queria chamar-se Meier, no caso de um avião inimigo sobrevoar as fronteiras do Reich.] nem omitiu o discurso de Göring relativamente à Batalha de Estalinegrado<sup>48</sup>, o "Görings Spartarede" [177] [o discurso espartano de Göring], evidenciando as farsas montadas por este líder militar do nacional-socialismo e o seu destaque na hierarquia política do Terceiro

---

<sup>45</sup> Estas canções estão compiladas no *Volksliederarchiv*, que pode ser acedido através do sítio <http://www.volksliederarchiv.de>.

<sup>46</sup> Rudolf Heß (1894-1987) foi um político alemão do nacional-socialismo e ministro do *Reich*, ao qual é atribuída uma história recambolésca passada na Segunda Guerra Mundial, por ter saltado de pára-quedas sobre a Escócia, com o intuito de alcançar a paz entre o Terceiro *Reich* e a Grã-Bretanha. As informações são divergentes relativamente ao facto de Hitler saber ou não do propósito de Heß, nesta busca de uma solução antecipada para o final da guerra (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf\\_Hess](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Hess), acedido em 22 de Fevereiro de 2011).

<sup>47</sup> Günter Prien (1908-1941) foi um oficial da Marinha, comandante do submarino U47, conhecido pela sua viagem a Scapa Flow, um porto na Escócia, uma base naval britânica, onde este oficial alemão torpedeou o navio de guerra britânico HMS Royal Oak (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Scapa\\_Flow](http://pt.wikipedia.org/wiki/Scapa_Flow), acedido em 22 de Fevereiro de 2011).

<sup>48</sup> A Batalha de Estalinegrado foi travada durante a Segunda Guerra Mundial (17 de Julho de 1942 e 2 de Fevereiro de 1943), entre os alemães e os seus aliados contra os russos, nas margens do Rio Volga, na antiga União Soviética e é considerada um marco da viragem na frente Leste da guerra, por ter marcado o limite da expansão alemã no território soviético (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha\\_de\\_Stalingrado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Stalingrado), acedido em 22 de Fevereiro de 2011).

*Reich*. Arno Surminski refere ainda vários acontecimentos históricos, como as batalhas e vitórias prussianas (a título de exemplo, a batalha de Roßbach e Leuthen (104), a Batalha de Smolensk (124) (a primeira grande batalha disputada a Leste, na Segunda Guerra Mundial), frequentemente como ponto de comparação entre o período áureo da Prússia militar e a política de conquista do nacional-socialismo. As relações intertextuais referidas, assim como as personalidades históricas reais e verídicas mencionadas têm por objectivo primário no romance tornar presente o quotidiano na época do nacional-socialismo.

A última terça parte do livro faz uma reconstrução das vivências da população durante a fuga, ocorrida em Janeiro e Fevereiro de 1945, e a posterior expulsão dos jokenianos pelo Leste da Prússia, a partir do dia 11 de Dezembro de 1945. Uma fuga que teve o seu início demasiado tarde e que decorreu de uma forma dramática, na qual muito poucos escaparam para o Ocidente, muitos perderam a vida, alguns foram feitos prisioneiros pelos soviéticos e após vários dias regressaram à aldeia destruída. É nesta fase que Hermann assiste ao rapto do pai e mais tarde da mãe. Juntamente com o seu amigo Peter, Hermann percorre as aldeias devastadas, envoltos num turbilhão de sentimentos, que confundem, por um lado, o medo, as saudades do que perderam, mas também, por outro, o desejo de aventura próprio de duas crianças.

A *Vertreibung*, a expulsão dos restantes jokenianos que sobreviveram, é descrita a partir da página 447, já no final do livro, quando a Polónia assume a administração da região e todos os alemães que ainda "restavam" são recolhidos e deportados em vagões de mercadorias "*nach Deutschland*" [para a Alemanha]:

"Alle Deutschen müssen raus" (...) Nach Deutschland ... in zwei Stunden ... Und nicht mehr Gepäck, als jeder tragen kann." Hermann stellte sich in die Tür des Soldatenzimmers, wunderte sich, dass die Deutschen nach Deutschland sollten. Waren sie denn nicht in Deutschland? (447) (...) Das sah alles so aus wie eine zweite Flucht. Die Leiterwagen, der kalte Wintertag – aber keine Schießerei. Und sie waren auch nur eine Handvoll, verglichen mit dem großen Treck, der damals von Jokehnen aufgebrochen war." (451) ["Todos os alemães têm de sair" (...) Para a Alemanha ... em duas horas ... e não podem levar mais bagagem do que a que cada um pode transportar." Hermann pôs-se à porta da sala do soldado, admirado por terem de ir para a Alemanha. Então eles não estavam na Alemanha? (447) (...) Tudo parecia uma segunda fuga. Os carros com grades, o frio dia de Inverno – mas sem o tiroteio. E eles também eram só uma mão cheia, comparados com o grande êxodo que tinha rebentado anteriormente em Jokehnen.].

Hermann pensa encontrar, nesta nova Alemanha para ele, os pais, mas em vão, e o seu amigo e companheiro das brincadeiras de infância acaba por morrer de doença num campo de refugiados (cf. 492). No final do livro ficamos a saber que Hermann foi acolhido por uma mulher viúva, pobre e com muitos filhos, a Schubgilla, mas uma alma caridosa que albergou mais um. A fantasia e ficção aqui presentes no romance foram mesmo realidade para muitos.

### **3.4. Recepção, organização e estrutura narrativa de *Jokehnen***

O romance *Jokehnen* foi publicado pela primeira vez pela editora Verlag Werner Gebühr, Estugarda e, na sua primeira edição, contou com uma tiragem de 3000 exemplares (Schneiß, 1996: 183).

A recepção do romance aumentou consideravelmente, pelo que o autor mudou pouco depois para editoras mais conhecidas à época, como a Hoffmann und Campe, sendo o romance publicado posteriormente como livro de bolso na Rowohlt (idem, ibidem: 183). As resenhas publicadas na altura da primeira edição reflectem uma opinião muito positiva em relação à obra, como sejam: "Wie die Hölle in Ostpreußen war, haben auch andere beschrieben. Aber so tränenlos nie" [Também outros escreveram como foi o Inferno na Prússia Oriental. Mas nenhum fez correr tão poucas lágrimas], segundo o jornal "Süddeutsche Zeitung" ou ainda

"Jokehnen ist ein erstaunlicher Erstlingsroman. Das liegt an der unsentimentalen Darstellung eines emotionsbeladenen Themas, an der Genauigkeit der Sprache, der Schönheit der Bilder. (...) Sein Roman informiert und unterhält, macht betroffen, ohne falsches Mitleid oder Hass gegen die "Sieger" zu wecken". (*apud* Schneiß, 1996: 184)  
[*Jokehnen* é um primeiro romance surpreendente. Isso reside na apresentação não sentimentalista de um tema repleto de emoção, na exactidão da linguagem, na beleza das imagens. (...) O seu romance informa e entretém, sem despertar falsa compaixão ou ódio contra os "vencedores".].

Podemos afirmar que a ressonância relativamente à recepção desta obra de Arno Surminski foi grande, no entanto, a sua análise e valoração por parte da teoria literária, resume-se a testemunhos de poucos autores.<sup>49</sup>

Do eco da esparsa embora positiva receptividade que esta obra poderá ter desencadeado aquando da sua publicação, o que de algum modo deixa em aberto a questão do interesse suscitado por este tipo de literatura, tomamos como rumo e sem mais demoras a análise da estrutura narrativa e o modo como se organiza *Jokehnen*.

Na sua estrutura externa o romance não apresenta a tradicional divisão por capítulos, sendo esta substituída por breves espaços intervalares entre partes da narrativa que designam o fim de uma sequência e o início de outra. A história de *Jokehnen* estende-se, assim, por 121 fracções, na sua maioria com duas a três páginas cada uma. A criação destes espaços em branco tem por intuito criar uma pausa no relato de diferentes episódios sequenciais, por exemplo, o da infância de Hermann, um importante acontecimento na vida da aldeia, um momento de relevo para os seus pais.

No encontro entre a estrutura externa e a estrutura interna do romance verificamos que estes episódios têm muitas vezes como pano de fundo a descrição simbólica de uma determinada estação do ano como forma de estabelecer e sublinhar laços íntimos entre o mundo natural e o mundo dos humanos, mesmo quando essa harmonia é posta em causa por factores externos ao viver quotidiano da aldeia. Alguns destes acontecimentos evidenciam, por exemplo, como "era a vida antigamente na aldeia". No entanto, acontecimentos, como seja a morte de Hindenburg, o irromper da guerra, a chegada dos primeiros prisioneiros, o ataque à União Soviética, entre outros descritos nestas fracções textuais, alcançam um significado especial e essencial no desenvolvimento da acção. O início destes episódios é quase sempre muito breve, lacónico e telegramático, como o começo do próprio romance o ilustra: "Gegen Mittag setzten die Wehen ein." (7) [Por volta do meio dia começaram as contracções.]. Ainda outros exemplos deste início comum:

---

<sup>49</sup> Dos estudos destes autores salientamos: Jean-Luc Gerrer e a obra "Arno Surminski, un auteur contemporain de Prusse Orientale", in: *Le texte et l'idée*, de 1986, Hermann Beyersdorf "... den Osten verloren". Das Thema der Vertreibung in Romanen von Grass, Lenz und Surminski", in: *Weimarer Beiträge*, S. 46-67, 1992 e *Erinnerte Heimat, Ostpreußen im literarischen Werk von Arno Surminski*, de Hermann Ernst Beyersdorf, sendo este um estudo mais completo sobre a obra literária do escritor. A par destas obras mais extensas, existem alguns artigos de poucos autores, dos quais destacamos o de autoria de Helmut Motekat "Die lange Fahrt von Ostpreußen nach Deutschland. Arno Surminskis Romane Jokehnen und Kudenow", in: *Kulturpolitische Korrespondenz, Sonderdienst*.

"Steputat trug die ganze Last des Krieges." (65) [Steputat carregava todo o peso da guerra.], "Tante Hedwigs Geburtstag im Dezember 1941." (140) [O aniversário da Tia Hedwig em Dezembro de 1941.], "Schweineschlachten bei Steputat." (216) [Matança do porco em casa do Steputat.], "Kirschenernte." (414) [Colheita das cerejas.], sendo o leitor confrontado de fragmento a fragmento com novas situações de uma forma abrupta, até mesmo como se de uma nova etapa se tratasse.

O romance está organizado de uma forma simples e Surminski recorre a modos convencionais para a apresentação da sua narrativa. De referir a narração consagrada ao relato por parte do narrador dos acontecimentos em si, a descrição, que inclui a caracterização das personagens e que corresponde a momentos de pausa no desenrolar da acção, e também o diálogo, o momento em que as personagens assumem a palavra. A narração decorre predominantemente no tempo "pretérito" utilizado no relato e narração. Na descrição de cenas particularmente dramáticas há uma mudança para o tempo presente do indicativo: "Hermann liegt auf dem Bauch und blickt rückwärts durch seinen Ausguck. Er ist der letzte, der Jokehnen verlässt, sieht die grauen Häuser langsam im weißen Schneefeld untertauchen. Drengfurt brennt noch immer." (314) [Hermann está deitado de barriga para baixo e olha para trás através da vigia. Ele é o último a deixar Jokehnen, vê as casas cinzentas desaparecerem lentamente no campo de neve branco. Drengfurt ainda continua a arder."] o que nos leva a constatar o ênfase transmitido ao acontecimento e que o aproxima de nós, leitores, fornecendo-nos a impressão da sua autenticidade.

Em *Jokehnen*, a narração é encadeada, as sequências da acção sucedem-se, dando o final de umas origens às seguintes. Estas sucessões são apresentadas por um narrador não participante, nomeadamente, um narrador heterodiegético, que nos relata a história de uma perspectiva omnisciente. Enquanto leitores estamos na presença de um "narrador autoral", para utilizarmos o conceito de Franz Stanzel na sua obra *Theorie des Erzählens* (Stanzel, 2008: 24), instância a que iremos dedicar no próximo subcapítulo alguma reflexão necessária para melhor compreensão do romance em estudo.

### 3.4.1. O narrador autoral

Para a caracterização do narrador do romance em análise consideramos fundamental debruçarmo-nos sobre esta voz que articula a narração, que nos conta a história ou, melhor ainda, nos informa e enquadra em relação à situação narrativa em que o narrador se coloca.

O narrador em *Jokehnen* não está dentro do universo ficcional em si, isto é, ele próprio não pertence ao mundo das personagens, como tal, não é um "Ich-Erzähler" [narrador de primeira pessoa], para utilizar a expressão de Franz Stanzel (Stanzel, 2008: 24). O narrador que nos conta a história em *Jokehnen* é antes um narrador que se encontra fora do universo ficcional e que estabelece uma ponte entre o autor do texto, isto é, do romance, e o leitor e, como tal, utilizando a expressão de Stanzel, é um narrador autoral: "In vielen Literaturgeschichten (...) wird jedoch auch heute noch häufig ein auktorialer Erzähler einfach als der Autor identifiziert." (Idem, ibidem: 28) [Em muitas Histórias da Literatura ainda hoje se identifica muitas vezes um narrador autoral simplesmente com o autor.]. Trata-se de um narrador que exerce uma função de mediador e, simultaneamente, de comentador, que mantém uma distância temporal, espacial e psicológica em relação à ficção em si.

Este narrador autoral conta a história na terceira pessoa, mas é um narrador que conhece tudo, incluindo os pensamentos e os sentimentos das personagens, analisa-os e critica-os e, conseqüentemente, é um narrador onisciente. Para além de onisciente, o narrador que nos conta a história em *Jokehnen* é um narrador heterodiegético, isto é, "paira" acima dos acontecimentos.<sup>50</sup>

Esta voz que tudo nos relata e comenta fá-lo de uma perspectiva predominantemente pessoal, mais precisamente, este narrador observa o ambiente onde uma criança cresce e, como tal, relata sobretudo "do ponto de vista das crianças", conhecendo, todavia, a perspectiva limitada do seu herói: "Die große Zeit ergriff alle, vor allem die Kinder." (106) [A grande época apanhou todos, sobretudo as crianças.]; "Nur die Kinder kannten keine Zweifel." (311) [Somente as crianças não tinham quaisquer dúvidas.]. Esta "grande época",

---

<sup>50</sup> Este tipo de narrador foi introduzido no domínio da narratologia por Gérard Genette que, no seu estudo "An Essay in Method", classifica o narrador heterodiegético como o narrador que não integra a história, o universo diegético, que relata como personagem: "We will therefore distinguish here two types of narrative: one with the narrator absent from the story he tells (...), the other with the narrator present as a character in the story he tells (...) I call the first type, for obvious reasons, *heterodiegetic*, and the second type *homodiegetic*." (Genette, 1980: 244, 245).

narrada no último terço do romance, denota a ironia do narrador que nos descreve sobretudo os sentimentos do protagonista, como as saudades das canções da mãe, as suas admirações, os seus receios, os seus pavores, apresentando-os de uma forma que apela à comoção, mas nunca ao excesso de expressão de emoções (Stüben *in* Fritsche, 2001: 157)<sup>51</sup>, o que só foi tornado possível pelo facto de o narrador autoral descrever os acontecimentos a partir da perspectiva dessa personagem do romance.

Como narrador autoral, a sua voz vai ainda comentando os acontecimentos e fazendo observações: "Mein Gott, diese jungen, blassen Menschen (...) was hatten sie mit Schießen, Kämpfen, Töten zu tun?" (110) [Meu Deus, estes jovens pálidos (...) o que é que eles tinham a ver com tiros, batalhas, mortos?] ou ainda "Wenn man bedenkt, wie lange es dauert, um auf die Welt zu kommen! Und wie schnell man sich wieder davonmachen kann!" (12) [Se pensarmos quanto tempo demoramos ao vir ao mundo! E a rapidez com que dele nos safamos outra vez!]. Como afirma Schneiß, na obra supracitada, estas observações são um exemplo de como a população se apresentava cega, em especial as crianças, perante o avanço do nacional-socialismo. O narrador, nesta sua função de comentador, fornece-nos também algumas lições político-morais, como acontece nas frases: "Man kann die Menschen nur beherrschen, indem man sie zusammentreibt: in Kolonnen, in Lagern, auf der Rampe". (376) [Só se pode dominar os homens, juntando-os: em colunas militares, campos, na plataforma.] ou ainda "Die Ideen machen die Welt böseartig." (222) [As ideias tornam o mundo mau.], como uma tentativa de explicação para as atrocidades cometidas.

### 3.4.2. O espaço e o tempo

O espaço físico, sobretudo o do idílio rural e a vida em condições muito rudimentares, como era o caso em muitas partes da Alemanha, especialmente na distante Prússia Oriental na primeira metade do século passado, é descrito com uma grande clareza e mediante passagens comoventes. Este pequeno mundo é apresentado de uma forma tão intensa que o

---

<sup>51</sup> Citação do artigo de Stüben, Jens, "'Flüchtlingskinder' 1945, Flucht, Vertreibung und Internierung von Kindern und Jugendlichen in deutschsprachigen Autobiographien und autobiographischen Romanen", integrado na obra de Fritsche, Michael (ed.), 2001, *Kinder auf der Flucht, Kinder- und Jugendliteratur zu einem globalen Thema im 20. Jahrhundert*, Bibliotheks- und Informationssystem Universität Oldenburg, S. 157-184.

leitor pode imaginar todo o espaço em Jokehnen e os seus arredores. Os cenários repetem-se várias vezes, mas sofrem mudanças consoante as estações do ano e o ciclo da Natureza: a casa dos pais de Hermann, as pequenas localidades em redor, a quinta do Tio Franz, os prados, o lago, o canavial com o ninho de cegonha, o castelo com o seu parque, as zonas limítrofes. A intensidade da descrição é de tal modo forte que nós, leitores, podemos facilmente reconhecer mais tarde estes locais e ficamos impressionados com as reminiscências do que existia outrora e do que deixou de existir, como afirma Motekat:

"Gerade diese auch die alltäglichen Dinge und ihre Zustände und Veränderungen detailliert und genau erfassenden Darstellungen des Lebens im Dorf und auf dem Gut sind von großer Bedeutung für den Roman als Ganzes. Denn erst die Vertrautheit des Lesers mit dem Lebensalltag vor Flucht und Vertreibung macht die Wirkungen des Verlustes der vertrauten Heimat für die Betroffenen verständlich und begreifbar..." (Motekat, 1985: 43) [Precisamente estas descrições detalhadas e que abarcam com exactidão a vida na aldeia e na quinta, assim como as coisas quotidianas e os seus estados e modificações, têm um significado fulcral para o romance como um todo. Pois só a convivência do leitor com o quotidiano antes da fuga e da expulsão torna compreensível e concebível os efeitos da perda da pátria familiar para os afectados.].

A casa do burgomestre é um local central da acção, o local onde existe um dos três únicos telefones montados em Jokehnen (cf. 7). É nesta casa que também ficamos a conhecer os problemas da maior parte dos habitantes da aldeia, uma vez que este é o lugar onde eles procuram a ajuda de Karl Steputat.

Um outro espaço físico importante ocorre com a *Angerburger Chaussee*, por vezes mencionada apenas como *Chaussee* (referida aproximadamente 50 vezes ao longo do romance). Esta estrada, a principal via de comunicação em Jokehnen, no início do romance prossegue no sentido "Von Westen nach Osten." (106) [de Oeste para Leste] (a evidenciar a direcção do exército alemão a caminho da Rússia), e estabelece a ligação entre a aldeia e o mundo exterior. Esta via representa uma relação de espaço relevante para o desenvolvimento da acção, uma vez que sobre ela se movimentam os dois exércitos em sentidos contrários: por ela marcha e recua a *Wehrmacht* alemã, assim como por ela também avança o Exército Vermelho.

O espaço social envolve as personagens, entre elas, um número reduzido que é relevante para o desenrolar dos acontecimentos, que vão sendo apresentadas à medida que a narrativa avança ("Wer gehört denn noch zur Jokehner Menagerie?") (53) [Quem é que

ainda faz parte da colecção de animais jokehniana?], e ainda um número considerável de figurantes que desempenham um papel importante na captação e compreensão do ambiente em si, mas que não são necessariamente relevantes para o desenvolvimento da acção.

O início do romance é preenchido por todas as personagens importantes, habitantes da aldeia, que voltam a ser apresentadas no final, quando os seus destinos são discriminados: das 31 personagens aqui listadas, 13 morreram no decurso dos acontecimentos descritos, duas são deportadas para o Leste, outras duas foram deportadas para prisões soviéticas e as restantes seguiram com os transportes para o Ocidente. Verifica-se que, em vez de um epílogo, o livro termina com um índice completo das personagens e figurantes do romance, no qual o destino dos muitos mortos e dos poucos sobreviventes é descrito de forma lacónica e com palavras que não revelam uma mínima emoção, mas que nos mostram a forma adoptada pelo escritor Arno Surminski para se colocar em relação aos factos e aos acontecimentos do período histórico por ele escolhido para o romance.

As personagens manifestam a natureza de pessoas simples e é desta forma que são apresentadas no seu ambiente rural. A sua vida também é modesta, assim como a forma do seu pensamento. O isolamento na "einfältigen, gläubigen Ostpreußen" (151) [na Prússia Oriental crente e ingénua] é indicador desta simplicidade dos seus habitantes e das suas relações sociais e pessoais que denunciam ainda tempos pré-modernos, onde a autoridade é exercida pelos que estão "em cima": "Wer auf dem Pferd sitzt, ist oben, weit über den anderen. Seit den Ordensrittern gehörte das Land zwischen Weichsel und Memel den Männern auf Pferden. Das war der Lauf der Welt." (155) [Quem está sentado sobre um cavalo, está em cima, muito mais acima do que os outros. Desde as Ordens dos Cavaleiros que o país entre o Vístula e o Memel pertencia aos homens sobre cavalos. Era este o percurso do mundo.] ou ainda "Zum erstenmal begriff der kleine Hermann, dass die Welt geschieden wurde zwischen Menschen, die auf Pferden sitzen, und jenen, die auf der Erde stehen. Das Pferd ist nicht nur ein Mittel zur Fortbewegung, sondern zur Erhöhung." (33) [Pela primeira vez o pequeno Hermann entendeu que o mundo fora dividido entre as pessoas que se sentam em cima de cavalos e aquelas que estão de pé sobre a terra. O cavalo é não só um meio de locomoção, mas também de promoção.]. Este princípio mantém-se ainda durante o período de ocupação soviética, como o narrador nos dá a conhecer de forma cómica e de acordo com a ingenuidade das crianças: "Einer stellte sich den Pferden in den Weg. Wollte der Pferde klauen? Wo die Russen doch so schöne Autos

hatten! (391) [Um pôs-se no caminho dos cavalos. Queria ele roubar cavalos? Logo quando os russos tinham carros tão bonitos!].

Em Jokehnen existe um grande latifúndio, o "allmächtiger Gut" (16) [a propriedade onipotente], com o qual poucos agricultores podem concorrer, entre eles o Tio Franz, cuja propriedade deve passar um dia para as mãos de Hermann (cf. 50). A comunidade é ainda composta por alguns artesãos independentes (como o pai de Hermann, o alfaiate que é, ao mesmo tempo, o burgomestre das "zweihundert deutschnationalen Seelen" (20) [duzentas almas nacionalistas alemãs]), assim como os capatazes que gerem o grande latifúndio "Die Herren auf den Pferden" (34) [Os senhores sobre os cavalos], que eram o tesoureiro Mikoteit e o inspector do latifúndio Blonski, e que constituem a classe média da aldeia. Os restantes habitantes são trabalhadores no latifúndio, cujas famílias têm muitos filhos e vivem em casas pequenas. Entre estas crianças encontra-se Peter, o melhor amigo de Hermann. Não parece existir, ao longo da narrativa, muito contacto social entre os diferentes tipos de trabalhadores. No entanto, no período da ocupação pelo exército soviético e durante a fase da expulsão, as diferenças são niveladas e extensivas a toda a população; a título de exemplo, enquanto Peter e Hermann crescem, primeiramente, em diferentes condições sociais, encontram-se ao mesmo nível durante os períodos conturbados mencionados. No final do romance, Hermann vem a ser recebido pela família mais pobre e com mais filhos, a do Schubgilla, o "varredor da estrada".

No decorrer da guerra, pelo facto de os homens se alistarem no exército, Jokehnen torna-se cada vez mais numa aldeia de crianças, mulheres e idosos.

Todas estas personagens podem ser consideradas como representativas de "tipos sociais" e serão apresentadas de forma mais detalhada no capítulo 3.5.

O tempo da diegese está construído de forma cronológica e começa, como referido, com o nascimento de Hermann, em 2 de Agosto de 1934 (cf. 16). Poucas páginas depois, atinge-se Setembro de 1939 e o início da Segunda Guerra Mundial. À data desta, Hermann tem cinco anos de idade e, no final do romance, passadas 400 páginas, Hermann tem onze anos. Em relação à integração do tempo histórico no romance, a História é representada na ficção, nomeadamente o enquadramento epocal dos acontecimentos narrados diz respeito ao período da Segunda Guerra Mundial.

A maioria dos episódios constituintes da acção tem uma indicação do tempo sucessiva, isto é, vamos tomando conhecimento do tempo cronológico, desde a data referida e chegando até "8. oder 9. Februar 1945" (355) [8 ou 9 de Fevereiro de 1945]. Ficamos ainda a saber que, em 9 de Abril, caiu a cidade de Königsberg (cf. 395) e que em 30 de Abril morreu Adolf Hitler "und niemand teilte es den Jokehnern mit." (395) [e ninguém o contou aos jokehnianos.], e o tempo cronológico só é novamente assinalado para os jokehnianos, quando se lhes pede para partirem: "Am Nachmittag des 11. Dezember 1945 erhielt Jokehnen wieder Anschluss an die Weltgeschichte" (447) [Na tarde de 11 de Dezembro de 1945, Jokehnen voltou a estar ligada à História mundial.]. De facto, na indicação das datas Surminski não escolheu os acontecimentos importantes para a História, mas para a aldeia de Jokehnen: "Nein, den 18. August 1939 würden die Jokehner so leicht nicht vergessen." (62) [Não, os jokehnianos não esqueceriam tão cedo o 18 de Agosto de 1939.]. Neste dia aconteceu algo muito importante, que o autor nos indica com uma conotação que podemos considerar cómica: foi o dia em que um habitante adquiriu o primeiro automóvel na aldeia. Pouco depois, no dia 6 de Setembro de 1939, ficamos a saber que o "Reichsverordnung über die Weiterbenutzung von Kraftfahrzeugen" (65) [Regulamento do *Reich* sobre a continuação da utilização de automóveis] proíbe o agricultor de continuar a utilizar o seu veículo. Entre estas datas encontra-se o dia 1 de Setembro de 1939 e sabemos da sua importância para a História mundial, mas esta data não é assinalada e, de facto, podemos pensar que para a aldeia de Jokehnen este dia não foi relevante. Há, contudo, menção à data de acontecimentos importantes para a Prússia Oriental, como seja, o impedimento da saída a cavalo de Hermann com o Tio Franz, pelo facto de a guerra ter começado no Leste: "Aber da kam jenes unerwartete Getöse dazwischen, das an jenem Morgen die Menschen von der Memel bis zur Weichsel erschreckte." (113) [Mas, entretanto, chegou ali aquele estrondo inesperado que, naquela manhã, assustou as pessoas do Memel até ao Vístula.].

Esta omissão de datas relevantes não significa que o leitor não toma conhecimento do tempo cronológico histórico mais abrangente, que é principalmente indicado pelos textos

da legislação nacional-socialista, de que os diversos regulamentos<sup>52</sup> são exemplo. De assinalar o último regulamento que chegou até aos jokehnianos, em 12 de Janeiro de 1945, para o narrador nos relatar, em seguida, que mais três regulamentos se seguiram a este, mas não chegaram à aldeia, e ficarmos a saber posteriormente que "Dann schwieg das Reichsgesetzblatt." (308) [Depois o diário oficial do *Reich* calou-se.] como o sinal de que o *Reich* perdera a guerra.

O tempo histórico é ainda fornecido através de comunicações apresentadas na rádio (cf. 117), de canções e marchas de guerra (cf. 62, 107, 227), filmes no cinema (cf. 173), nomes de jornalistas na rádio (sobretudo Hans Fritsche (cf. 134, 176, 177, 226), com os seus comentários às quartas-feiras) e muitos outros intertextos que enunciam uma vasta pesquisa feita e a cultura do seu autor, assim como garantem o carácter de autenticidade do romance, como observado no capítulo 3.2.

### 3.4.3. O estilo do autor

Uma das marcas do estilo do autor pode ser assinalada através das particularidades linguísticas alusivas ao dialecto local, como acontece com os diminutivos em "-che" (*das Adolfsche* [O Adolfozinho] (cf. 69, 104, 108, 267) ou *Jungche* [rapazinho] (cf. 73, 119, 172, 207, 238, 303, 401, 405, 406, 426, 446, 456, 461)). De assinalar que o recurso a estes diminutivos se torna mais frequente no final do romance, quando Hermann já está sozinho, sem os pais, o que indicia um sentimento de pesar por parte do autor para com a criança, visto o diminutivo ser um tratamento carinhoso. Porém, a presença de diminutivos ocorre

---

<sup>52</sup> Estes regulamentos são: o referido "Reichsverordnung über die Weiterbenutzung von Kraftfahrzeugen vom 6. September 1939" (65) [Regulamento do *Reich* sobre a continuação da utilização de automóveis de 6 de Setembro de 1939]; o "Verordnung über außerordentliche Rundfunkmaßnahmen vom 1. September 1939" (68) [Regulamento sobre as medidas extraordinárias da radiodifusão de 1 de Setembro de 1939]; o "Verordnung über Firmen von entjudeten Gewerbebetrieben" (118) [Regulamento sobre firmas de explorações comerciais "desjudicadas"]; o "Polizeiverordnung über die Kennzeichnung der Juden vom 1. September 1941" (118) [Regulamento policial sobre a caracterização dos judeus de 1 de Setembro de 1941]; o "Verordnung des Führers zum Schutz der Sammlung von Wintersachen für die Front" (135) [Regulamento do *Führer* para protecção da recolha de roupas de Inverno para a Frente]; o "Polizeiverordnung über Tanzlustbarkeiten im Krieg" (136) [Regulamento policial sobre festas e bailes durante a guerra]; o "Verordnung über die Meldung von Männern und Frauen für Aufgaben der Reichsverteidigung" (192) [Regulamento sobre a apresentação de homens e mulheres para tarefas de defesa do *Reich*]; o "Verordnung über die Aufhebung der Sonderbestimmungen für die Ostarbeiter" (308) [Regulamento sobre a anulação das determinações especiais para os trabalhadores de Leste]; e o último regulamento que chegou a Jokehnen foi sobre a "Stiftung eines Tieffliegervernichtungsabzeichens" (308) [Concessão de uma medalha para a destruição de voos rasantes].

também nos nomes de mulheres terminados em "-sche" (Frau Schubgilla, *die Schubgillasche*) [a Schubgilazinha]. Estas formações dialectais encontram-se ainda no seio de frases em alemão padrão, como seja: "Willst du noch wirklich ein *Schlubberche* trinken?" (208) [Ainda queres mesmo beber um *tragozinho*?] Refira-se a propósito das criações dialectais palavras como: *nuscht* [nada] (cf. 37, 173, 406, 426, 446, 456, 461) e *Marjell* [rapariga] (cf. 37), *scheene Peerdkes* [cavalos belos] (cf. 258), *plachandern* (cf. 151) para "erzählen" [contar], ou o modo como o Tio Franz blasfema: "Deikert, Pojatz, Schinder und Pomuchelskopp!" (cf. 205). Estes termos são indícios de um dialecto prussiano, o designado *Niederpreußisch* [baixo prussiano], falado na Prússia Oriental, na Prússia Ocidental e em Danzig até 1945 e que indicam um resquício do seu conhecimento na memória do autor e um trabalho por parte deste em evidenciar um diferente modo de falar na região.

Na selecção de vocábulos são frequentes as expressões do nacional-socialismo: *Endsieg* (cf. 117, 186, 283, 313, 334) [vitória final], *Neue Zeit und Neuer Geist* (cf. 26, 41, 43, 50, 51, 52, 53, 99, 186), [época nova e espírito novo].

Na escolha de recursos expressivos por parte do autor é de assinalar o recurso ao humor, à ironia e ao sarcasmo. Estes recursos estilísticos são, de facto, uma constante em todo o romance e estendem-se tanto aos habitantes simples da aldeia, como, naturalmente, às crianças. É neste estilo também que o autor manifesta a sua atitude e opinião em relação a questões políticas, sobretudo na sua referência ao nacional-socialismo. O sarcasmo está patente logo desde o início do romance quando, por exemplo, em memória do falecido Hindenburg, o narrador nos relata: "Zwanzig Jahre ist es her, da trieb er die Russen über diese Felder in die Masurischen Seen!" Während er sprach, hob sein Wallach den Schwanz und ließ einige Pferdeäpfel zur Düngung auf die Jokehner Erde fallen." (14) ["Já passaram vinte anos desde que ele empurrou os russos por estes campos fora para os Lagos Masurianos!" Enquanto ele falava o seu cavalo levantou a cauda e deixou cair em terra jokehniana alguns excrementos como adubo.], ou a recordação em forma anedótica dos cossacos na Primeira Grande Guerra, "kleine schnauzbärtige Kerle mit runden Mützen" (30) [tipos pequenos com barba e gorros redondos], ainda a distribuição das senhas para produtos alimentares (cf. 192), não menosprezando o significado das unhas sujas no decurso da História mundial (cf. 101) (numa das obrigatórias mostras das unhas, requeridas pelo Professor Klose, Peter denunciou que brincava com a máquina de construção de

estradas, pelo que foi acusado de "sabotagem na construção de estradas alemãs" e de poder danificar a máquina, sem a qual a estrada para o Leste não estaria pronta atempadamente e o plano de avanço alemão ter-se-ia atrasado). Com estes exemplos podemos salientar o modo como o autor graceja com o regime político da época, não deixando de embelezar o seu texto.

Surminski descreve acontecimentos terríveis e assustadores de uma forma não só sarcástica, como também provoca o sorriso no leitor: em *Jokehnen* evita-se uma guerra familiar, porque a guerra com a Polónia "por sorte" só durou três semanas (cf. 67); durante a fuga, os jokehnianos vêem desertores alemães que foram executados, um deles "hing an einem Chausseebaum (...), der Kopf noch dran (natürlich, den brauchte er zum Hängen). Aber einen Schuh hatte er verloren, der Ärmste. Bei dieser Kälte." (326) [estava pendurado numa árvore da estrada (...), ainda com cabeça (é óbvio, pois precisava dela para estar pendurado). Mas tinha perdido um sapato, o coitado. Com este frio.]. Quanto à devastação pelo Exército Vermelho, o narrador conta-nos: "Ach, es ist schön, einen Krieg zu gewinnen; nur für das Mobiliar ist es nicht schön." (395) [Ah, como é bom ganhar uma guerra; só para os móveis da casa é que não é bonito.]. E quanto à deportação, ficamos a saber: "Wenn man kein Gepäck hat, spart man sehr viel Arbeit." (456) [Quando não se tem malas, poupa-se muito trabalho.].

Este tipo de descrição sarcástica é mais evidente nas passagens textuais em que o narrador nos conta os acontecimentos trágicos, como na descrição da morte da avó de Peter Aschmoneit: "Dass die blinde Oma auch gerade hier sterben mußte, wo sie auf dem Jokehner Friedhof schon eine Grabstelle für sie bereitet hatten. (...) Irgendwann würden sie die blinde Oma nach Jokehnen zurückholen. Wenn es wärmer ist, wenn alles besser ist, wenn Frieden ist." (321) [Que a avó cega também tivesse que morrer agora mesmo aqui, ela, para quem até já tinham preparado uma sepultura no cemitério em Jokehnen. (...)] Numa outra altura iriam trazer de volta a avó cega para Jokehnen. Quando estiver mais calor, quando tudo estiver melhor, quando houver paz.].

A nossa análise leva-nos a concluir que, mediante este sarcasmo, o autor tenta tornar a sua própria memória dos acontecimentos suportável, permitindo-lhe apaziguar a amargura destes acontecimentos, salvaguardando a tristeza e a melancolia a eles associadas. Podemos ainda encontrar um exemplo para a dilucidação deste humor na personagem

Martha, porque ela "selbst aus der finstersten Ecke noch einen lichten Funken hervorzuzaubern vermag" (355) [conseguia fazer aparecer por encanto uma faísca interior mesmo do canto mais obscuro.].

Nos diálogos encontramos frases muito curtas, apresentadas como elipses, reflectindo uma proximidade do registo coloquial. Estas frases, embora muito reduzidas, transmitem-nos a impressão do que o autor pretende dizer, traduzindo mesmo um ambiente de tensão e expectativa, como, por exemplo, pouco tempo antes do período de horror da expulsão: "Am 5. November 1944 war Frieden in Ostpreußen. Ein später, sonniger Herbst: die ersten Nachtfröste. Dampfende Erde hinter den Pflügen, Krähenschwärme. Stille." (259) [Em 5 de Novembro de 1944 havia paz na Prússia Oriental. Um Outono tardio, soalheiro. As primeiras geadas nocturnas. A terra abafadora atrás do arado, bandos de galhas. Silêncio.].

De salientar a propensão do narrador para a descrição de pequenos pormenores, mesmo nas situações de extrema intensidade emocional, como acontece, por exemplo, a propósito da felicidade da mãe de Hermann por ter encontrado o descascador de batatas na casa totalmente destruída (cf. 361). E enquanto Karl Steputat, o pai de Hermann, é ouvido, um soldado toca ininterruptamente um dó no piano na sala ao lado (cf. 380). Todos estes pormenores conseguem transmitir e exprimir muito mais do que muitas palavras e, por serem gestos aparentemente simples e pequenos, podem ser confrontados com a crueldade e a devastação que observamos no desenvolvimento da acção.

O autor trabalha detalhes que nos fazem sentir a sua sensibilidade para com as crianças e o seu arguto sentido de observação. Tudo é descrito de uma forma convincente e que comove, como acontece com as cenas em que o pequeno Hermann entra em pânico, o episódio do pudim de baunilha (cf. 379), a greve da fome (cf. 386), quando Hermann dorme com Tulla (cf. 387) e ainda quando grita a dizer que quer a mãe. Estas descrições são, por vezes, acompanhadas do recurso a imagens ideográficas, como a propósito da montaria em Jokehnen que corresponde simultaneamente à "montaria" que ocorre nessa altura no Leste, durante a qual "(...) die Jäger zu Gejagten wurden" (134) [(...) os caçadores se tornaram nos caçados], ou a imagem do "Wolfsmonat" (290) [mês dos lobos], em que os "lobos" tanto podem ser os nacional-socialistas como o Exército Vermelho.

### 3.5. Representação da História na ficção

A História da Alemanha assume um papel preponderante na acção de *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*. Como referido no subcapítulo 3.2., logo no início do romance somos confrontados com uma ligação simbólica entre a morte do marechal Hindenburg, a História, e o nascimento do protagonista da história, Hermann Steputat, a ficção. O marechal Hindenburg, natural da Prússia Oriental, era considerado pelos habitantes da aldeia de Jokehnen como o salvador desta província na Primeira Guerra Mundial e a sua morte, assinalada no romance, vem confirmar o advir de uma nova fase histórica da qual Hermann Steputat virá a ser testemunha. Este simbolismo é evidenciado quando o narrador nos relata que Martha Steputat, a mãe do protagonista, assim que recebe a notícia pela parteira, se questiona: "Da war der größte Deutsche gestorben, den sie kannte. Und am gleichen Tag hatte sie einen Sohn geboren. Was hatte das zu bedeuten? Hatte der liebe Gott Großes mit ihrem Kind vor?" (15) [Acabara de morrer o maior alemão que ela conhecera. E no mesmo dia dava à luz um filho. O que é que isto significaria? Será que Deus Nosso Senhor tinha em mente algo grande com o menino?].

O período da Segunda Guerra Mundial ocupa o mais vasto espaço do romance, no entanto, o leitor tem a sensação de que a guerra está longe de Jokehnen. Como vimos igualmente, muito mais interessante do que o começo exacto desta guerra é o facto de o agricultor Behrend ter acabado de comprar o primeiro carro da aldeia (cf. 64 e seg.). Este episódio serve sobretudo para dar posteriormente a conhecer ao leitor o bizarro do regulamento do *Reich* que proíbe a continuação da utilização de automóveis, ou seja, o confronto com a política maquiavélica do nacional-socialismo e a sua vontade de dominar o povo.

Surminski refere, no entanto, o desfile das tropas alemãs por altura das festas do Pentecostes em 1941 ("Was unternimmt ein Bataillon Zwanzigjähriger zu Pfingsten 41 in einem kleinen, schmutzigen Dorf Ostpreußens?" (109) [O que faz um batalhão de rapazes de vinte anos no Pentecostes de 1941 numa aldeia pequena e suja da Prússia Oriental?]), que assinala o seu ataque à União Soviética e marca o início dos combates para a Prússia Oriental. Mas mesmo depois desta data, o Leste alemão permaneceu muito tempo intocado pelos acontecimentos bélicos, chegando a ser local de refúgio para os fugitivos dos bombardeamentos de Berlim: "Nur die NSV-Schwester blieb fröhlich. Sie behauptete, die Frauen seien hier ganz sicher vor Terrorbomben, denn in die ostpreußische Einsamkeit sei

noch nie eine Bombe gefallen." (188) [Apenas a irmã da NSV<sup>53</sup> continuava alegre. Ela afirmou que aqui as mulheres estariam certamente mais protegidas contra bombas terroristas, uma vez que na solidão do Leste da Prússia nunca caíra uma única bomba.].

As notícias da Segunda Guerra chegaram muito lentamente a Jokehnen através do aparelho de rádio, adquirido por Karl Steputat após a chegada de uma visita vinda de Königsberg, e que chamou a atenção para a guerra na Polónia (cf. 68). De salientar ainda o papel incluído na embalagem do rádio com o regulamento sobre as medidas extraordinárias da radiodifusão (cf. 68) (o governo do *Reich* sabia que o povo alemão conhecia os perigos das más influências dos inimigos estrangeiros, e como tal, era expressamente proibido ouvir emissores estrangeiros, caso contrário, incorriam na pena de prisão ou até de morte), pelo que podemos afirmar que os habitantes entre o rio Vístula e o rio Memel ficam de certo modo surpreendidos com o rebentar da Segunda Guerra Mundial: "Wo war denn der Krieg?" (66) [Onde era então a guerra?]. Em Jokehnen, só uma semana depois do seu começo, a rádio anuncia oficialmente o que tinha acontecido:

"Der Krieg hatte Jokehnen mit einem Donnerschlag aus dem Schlaf gerissen und sich dann verabschiedet. Er tobte sich nur noch im Radio aus, in Sondermeldungen von Finnland bis zum Schwarzen Meer." (117) [A guerra arrancara Jokehnen do sono com um trovão e despedira-se logo a seguir. Ela pairava agora somente na rádio, em comunicados especiais da Finlândia até ao Mar Negro.].

Hitler só vem a receber uma maior atenção e aprovação após a rápida vitória da Alemanha sobre a Polónia, a partir da qual os jokehnianos esperam a paz.

"Das Adolfche würde seine Sache schon gut machen. Millionen bauten nicht mehr auf den lieben Gott, sondern auf die Anständigkeit eines einzigen Mannes. So einfach war das." (108) [O Adolfozinho saberia certamente como tratar do assunto. Milhões de pessoas tinham deixado de confiar em Deus Nosso Senhor, para o fazerem nas boas maneiras de um único homem. Era tão simples quanto isto.].

Na verdade, a guerra praticamente não se sentia em Jokehnen e vamos tendo conhecimento de alguns passos bélicos históricos importantes, pelo facto de o autor os associar a momentos e actos concretos passados na aldeia. A título de exemplo, mencionam-se as lutas no oceano Atlântico associadas ao facto de Hermann receber de prenda de Natal um

---

<sup>53</sup> NSV é a abreviatura de "Nationalsozialistische Volkswohlfahrt", uma organização de caridade do nacional-socialismo que ajudava famílias pobres (informação consultada no sítio <http://histclo.com/essay/war/ww2/tol/ger/org/no-nsv.html>, acedido em 03 de Abril de 2011).

submarino para construir (cf. 83), e a campanha em França que faz com que cheguem prisioneiros de guerra franceses à Prússia Oriental "Kleine freundliche Männer (...) Sie brachten ein wenig Heiterkeit in den kalten Osten" (97) [Homens pequenos e simpáticos (...) Eles traziam um pouco de alegria para o Leste frio.]. A estes momentos, segue-se o desfile da *Wehrmacht* até ao Ocidente, que durou semanas (cf. 106, 107) e o ataque à União Soviética (cf. 113). E toda a situação bélica, até ao Inverno de 1944/45, é vivida pela população da Prússia Oriental exclusivamente através da rádio, como é relatado em *Jokehnen* num episódio relativo à noite de 28 para 29 de Junho de 1944, em que três bombas soviéticas acordaram a aldeia:

"Es war die erste greifbare Botschaft aus jener feuerspeienden Welt der Wochenschauen, Wehrmachtsberichte und Sondermeldungen, sie markierte – aber das wusste damals noch niemand – das Ende des beschaulichen, gemütlichen Teils dieses Krieges für das Land zwischen Weichsel und Memel." (235) [Foi a primeira mensagem palpável daquele mundo incendiário dos jornais, relatórios da *Wehrmacht* e comunicados especiais, que marcou o fim da parte tranquila e confortável desta guerra para o país entre o Vístula e o Memel – mas nessa altura ainda ninguém o sabia.].

Para além da rádio *Jokehnen* também vai tendo lentamente notícias da guerra através dos soldados que combatiam na frente e regressavam de férias, relatando o que viam: os "gefrorene Leichenhügel vor den deutschen Stellungen" (214) [montes de cadáveres gelados à frente dos postos alemães], a sujidade, o frio e a morte. O pai de Peter Aschmoneit, o amigo de Hermann, é o primeiro a morrer em combate (cf. 143). No entanto, a guerra continuava e nem as derrotas quase à porta da aldeia são notadas, apenas o racionamento dos alimentos impede que o mundo em *Jokehnen* continue o mesmo:

"In Jokehnen ist alles noch beim alten, die Pferdefuhrwerke, die Menschen, die Häuser. Jokehnen hat keinen Krieg, keine Bomben, keine Uniformen, Jokehnen ist wie eine friedliche Insel." (250) [Em *Jokehnen* continua tudo como dantes, as carroças dos cavalos, as pessoas, as casas. *Jokehnen* não tem guerra, nem bombas, nem uniformes, *Jokehnen* é como uma ilha pacífica.].

É o que constata a nora do *Major*, "die kleine weiße Frau" [a pequena mulher branca] que vem de Königsberg e, como tal, nota a diferença.

Na casa dos *Steputat* o mapa na parede complementa a informação sobre a guerra, como se de um jogo se tratasse, com bandeirinhas coloridas a marcarem as conquistas alcançadas (cf. 159). É também no atlas da escola de Hermann que Karl *Steputat* começa a observar

que a distância entre Jokehnen e a frente de guerra vai diminuindo, de tal modo que, em Janeiro de 1945, "So klein war die Welt geworden, dass sich die großen Geschehnisse des Wehrmachtsberichts auf einer simplen Heimatkarte von Ostpreußen verfolgen ließen!" (292) [O mundo tornara-se tão pequeno que os grandes acontecimentos do boletim de rádio da *Wehrmacht* podiam ser seguidos num simples mapa local da Prússia Oriental!].

Algumas passagens de *Jokehnen* levam-nos a notar a presença de um sentimento de ambivalência entre o que pensam e sentem as personagens em relação ao nacional-socialismo e o modo como elas agem no desenvolvimento narrativo. Esta coexistência de sentimentos antagónicos denota-se, por um lado, nas situações de adaptação e fé no *Führer*, por outro, regista-se uma certa distância interior, evidente no comportamento das diferentes personagens do romance, e que é traduzida na sua maior parte por meio do escárnio e da ironia.

Logo desde o início da obra é denotada a posição do próprio autor em relação a esta ideologia política. Esta sua posição é sobretudo manifestada mediante o estilo sarcástico e todos os "verdadeiros" seguidores do regime são apresentados no romance mediante este estilo peculiar, a título de exemplo: quando, no dia do funeral de Hindenburg, a comparência de Adolf Hitler para as exéquias fúnebres "Der Führer kommt!" (26) [O *Führer* vem aí!] é assinalada com pompa e impressiona pela seriedade do momento de apresentação do novo chefe de governo aos jokehnianos, o autor não deixa de retratar a circunstância por meio de um episódio cómico, no qual o porta-estandarte Rogall perde os sentidos de cansaço:

"Nein, das schafft er nicht mehr, links die Fahne halten, rechts die Hand erheben. Steputat greift nach dem Tuch (...), und Sattler Rogall legt sich in den Staub von Tannenberg. (...) Als sie alle Heil schreien, reißt er die Augen auf. Der Führer mit seinen Paladinen geht gerade vorüber." (27) [Não, ele já não consegue segurar a bandeira à esquerda e levantar a mão direita. Steputat agarra o pano da bandeira (...) e o seleiro Rogall cai sobre o pó de Tannenberg. (...) Quando todos gritam "Heil" ele abre bruscamente os olhos. O *Führer* com os seus paladinos passa nesse preciso momento.].

Podemos observar um outro exemplo de relutância em relação a Hitler quando Jokehnen adere, em Maio de 1933, ao "braunen Partei" [o Partido dos Castanhos], apesar de os Jokehnianos fazerem o que quisessem, "(...) ob nun mit diesem Hitler oder einem anderen." (24) [(...) quer com este Hitler agora quer com um outro.].

De facto, a vida em Jokehnen não mudou consideravelmente com a alteração do regime político: "Die Verfärbung Jokehnens von schwarz-weiß-rot in braun war ohne Aufsehen vor sich gegangen." (23) [A mudança de cor de Jokehnen do preto-branco-vermelho para o castanho decorreu sem grande sensacionalismo.] ou ainda na seguinte passagem, um período mais longo, com recurso à Natureza, que nos relata:

"Aber die Roggenfelder blieben gelb wie Jahrhunderte vorher und die Störche schwarz-weiß-rot. Die Sonne ging über den Masurischen Seen auf wie immer und tauchte ins Frische Haff. Die Sommer blieben heiß und die Winter kalt. Die Störche kehrten wieder und nach ihnen die Schwalben. Da sollte die Welt verändert werden, und in Wahrheit kleckste man nur ein paar braune Farbtupfer in das ewige Bild. Gelassen konnte man dem neuen Treiben zusehen. Es erschien so oberflächlich, so vergänglich, verglichen mit dem, was schon immer gewesen war zwischen Weichsel und Memel." (53) [Mas os campos de centeio continuaram amarelos como nos séculos passados e as cegonhas conservaram o preto, o branco e o vermelho. Como sempre o sol nascia sobre os lagos Masurianos e mergulhava na albufeira fresca. Os Verões continuavam quentes e os Invernos frios. As cegonhas tornavam a voltar e depois delas as andorinhas. Foi quando se tornou necessário mudar o mundo e, na verdade, bastou apenas esborratar a imagem eterna com umas quantas pinceladas de castanho. Podia assistir-se tranquilamente ao novo movimento. Parecia tão superficial, tão efémero, comparado com o que sempre tinha existido entre o Vistula e o Memel.].

É desta forma amarga, mas sem deixar de ser poética que o autor menciona a implantação do nacional-socialismo, sem grandes rupturas, na paisagem da Prússia Oriental. A forma como descreve as "pinceladas de castanho" indicia já que o próprio autor mantém uma posição adversa para com o nacional-socialismo. No entanto, na sua descrição é também notória a compreensão que apresenta em relação à colaboração prestada pelos habitantes da aldeia. Muitos vêem as suas esperanças concretizadas e não têm conhecimento ou não entendem o que está realmente por detrás dessa transformação. O próprio chefe das SA, Neumann, "diese Schlafmütze" (117) [este dorminhoco], que se costumava irritar quando recebia as circulares do *Reich* e dos chefes provinciais do Partido a relatarem as suas grandiosas prestações e também as SA em outras cidades e aldeias (117-118), mandou prender o único judeu de Drengfurt, Samuel Mathern, (cf. 118) simplesmente porque a força da autoridade o exigia. A prisão do judeu Samuel Mathern, proprietário da loja de têxteis em Drengfurt, é também uma representação da História, nomeadamente aquela que referencia a perseguição aos comerciantes judeus feita pelas SA (a "Tropa de Assalto", a

milícia paramilitar nazi). Ainda a propósito do judeu, podemos ler, na página 58, que a Noite de Cristal passou despercebida pela chefia de Drengfurt. Não deixou, no entanto, de ser assinalada, um dia mais tarde, após as notícias da demolição de lojas de judeus e incêndios, quando três figuras acometem Samuel Mathern. O propósito deste acometimento é realçado com a frase que nos indica que Samuel ficou muito feliz por, no final, não lhe terem levado o saco com os 250 marcos (cf. 58). Podemos reflectir um pouco sobre este episódio e qual será efectivamente o ponto de vista do narrador, que acreditamos pretender sublinhar a visão tradicional do comportamento avarento de um judeu aos olhos dos não judeus, em que a importância da bolsa com o dinheiro supera quase a própria vida. Esta passagem aponta-nos igualmente a falta de instrução dos partidários do nacional-socialismo que, ao sujarem a casa do judeu Samuel durante a noite, escrevem denunciando erros ortográficos:

"Ein Herink wird keine Forelle, und wenn er gleich im Bach ersäuft. Ein Jud bleibt ein Jud, und wenn er zwanzigfach getäuft." (59) [Um *arrenque* não se torna numa truta, mesmo quando se afoga logo num ribeiro. Um *judéu* continua um *judéu*, mesmo quando é vinte vezes baptizado.]

Este acto vem apenas a ser considerado "divertido" pela chefia do partido, mas o autor não deixa de referir que "Hering" [arenque] não se escreve com "k" (cf. 59), numa manifestação da falta de educação e cultura dos que perpetraram a barbaridade.

É também com ironia que se enumeram vários sinais do reconhecimento da presença e ocupação do regime nacional-socialista no espaço de *Jokehnen*. Para além da referida cor castanha, a menção à "limpeza alemã" ou ainda as expressões utilizadas anteriormente *die neue Zeit, der neue Geist* e *Endsieg*, como marcas linguísticas de ideologia e propaganda, é sobretudo a palavra pejorativa "*Adolfche*", proferida pelos habitantes, que mais atrai aqueles que a pronunciam com evidente falta de respeito e num tom motejador.

As referências concretas aos traços totalitários do regime passam, a título de exemplo, pela menção aos vários regulamentos proibitivos e à sua exequibilidade, igualmente referidos em momento anterior. Ficamos ainda a saber que os ciganos roubam as crianças, de preferência loiras e com olhos azuis (cf. 229), e que os crimes perpetrados sobre os judeus são referidos pelo *Major* apenas por meio de um sinal (quando pergunta a Karl Steputat se sabe o que as SS fazem aos judeus e faz o sinal de decapitação com a mão) (cf. 152). Apesar de o narrador nos dar a conhecer muito subtilmente a morte do judeu, ele

menciona, contudo, o desconhecimento das pessoas sobre a verdadeira causa dessas mortes: "Vielleicht geben sie den Juden nicht genug zu Essen", meinte Schubgilla." (196) [Talvez não dêem comida suficiente aos judeus", alvitrou Schubgilla.].

A representação da História é algumas vezes assinalada na estrutura ficcional da obra *Jokehnen*, mediante o confronto de um crime não alemão com um crime alemão. Como exemplo deste confronto podemos referir a indignação de Karl Steputat relativamente ao massacre em massa perpetrado pelos russos em Katyn sobre oficiais polacos (cf. 195), para logo de seguida, mais concretamente 8 linhas depois, podermos ler: "Samuel Mathern soll tot sein." (195) [Samuel Mathern deve estar morto.]. Este paralelismo entre o destino de um único judeu deve chamar a atenção para o assassinato de milhões de judeus posto em prática pelos alemães. Um outro confronto é dado ao leitor quando Hermann lê em sigilo o jornal do seu pai, o *Völkischer Beobachter*<sup>54</sup>, e descobre um artigo sobre os cadáveres e as imagens terríveis de Nemmersdorf<sup>55</sup> (cf. 261), onde se descrevem as atrocidades cometidas pelos russos sobre a população civil de Nemmersdorf para, logo de seguida, Hermann pegar no *Stürmer*<sup>56</sup> (cf. 262), nomeadamente no número especial sobre o Gueto de Varsóvia<sup>57</sup>. Prontamente a sua mãe procura retirar o jornal das mãos do pequeno Hermann, uma vez que "Nein, das war nichts für Kinder, weder die Leichen von Nemmersdorf noch die SS im Getto." (262) [Não, nada daquilo era para crianças, nem os cadáveres de Nemmersdorf, nem as SS no gueto.]. O autor apresenta-nos aqui o que o autor Hermann Beyersdorf apelidou de "Greuelat gegen Greuelat" (Beyersdorf, 1999: 33), ou seja, trata-se de compensar uma "atrocidade com uma outra atrocidade", uma vez que somos confrontados com um massacre perpetrado pelo Exército Vermelho, para logo a seguir

---

<sup>54</sup> O "Völkischer Beobachter" era um jornal que o NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*) adquiriu em Agosto de 1919 (descendente do antigo "Münchener Beobachter", criado em 1887). Com a chefia do partido por Adolf Hitler, este jornal tornou-se um importante veículo de propaganda do nacional-socialismo, passando de jornal semanal a diário a partir de 8 de Fevereiro de 1923. A sua publicação terminou no final de Abril de 1945, poucos dias antes da capitulação alemã na Segunda Guerra Mundial (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/V%C3%B6lkischer\\_Beobachter](http://de.wikipedia.org/wiki/V%C3%B6lkischer_Beobachter), acedido em 21 de Fevereiro de 2011).

<sup>55</sup> Nemmersdorf remete aqui para o massacre perpetrado, em 21 de Outubro de 1944, pelo Exército Vermelho, numa aldeia da Prússia Oriental. Soldados alemães registaram as atrocidades cometidas neste local sobre a população civil (sobretudo mulheres e crianças) e a propaganda nazi veio a utilizar este massacre na sua propaganda (informação consultada no Glossário da obra Geo, 2004: 269).

<sup>56</sup> O jornal anti-semita *Der Stürmer* foi fundado em Abril de 1923 pelo político nacional-socialista Julius Streicher e foi publicado pela última vez em 1 de Fevereiro de 1945 (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Der\\_St%C3%BCrmer](http://de.wikipedia.org/wiki/Der_St%C3%BCrmer), acedido em 21 de Fevereiro de 2011).

<sup>57</sup> Remete o leitor para o Gueto de Varsóvia e a revolta ocorrida neste gueto que durou de Janeiro a Maio de 1943, e que pode ser considerada a primeira insurreição massiva contra a ocupação nazi na Europa.

pensarmos na culpa em que o povo alemão se envolveu, quando reflectimos sobre o que aconteceu no Gueto de Varsóvia.

A fuga começa em Jokehnen no dia 26 de Janeiro de 1945 (cf. 310). Esta última fase da guerra é assinalada em Jokehnen por esperanças ilusórias (cf. 323), embora também seja alimentada por laivos de resignação ("Warum haben wir denn die Gräben ausgehoben?" "Zur Beruhigung.", sagte Steputat. Niemand hatte gekämpft. Jokehnen war ohne Widerstand in feindliche Hände gefallen;" (368) [Porque é que cavámos então as sepulturas?" "Para descanso." disse Steputat. Ninguém tinha lutado. Jokehnen caiu sem resistência em mãos inimigas;]. A população é chamada a participar e começa a reparar que a "Angerburger Chaussee" está repleta de carroças de refugiados (cf. 294) e soldados alemães que se retiram.

O romance descreve pormenorizadamente o caos que se estabeleceu e as atrocidades cometidas nas estradas da Prússia Oriental. As últimas medidas despóticas da *Wehrmacht* configuram cenas de morte que são descritas como uma indiscriminada matança: "Mit den Toten nahm es nun kein Ende mehr. Da begrub eine Familie unter fürchterlichem Geheul einen Säugling am Straßenrand (zum Glück keine Leute aus Jokehnen.)" (327) [Agora os mortos já não tinham fim. Ali uma família enterrou o seu bebé na berma da estrada num pranto horrendo (por sorte não era gente de Jokehnen.)]; A frase em parênteses curvos merece uma ressalva pela sua subtilidade, o alívio manifestado por não ser um jokehniano a passar por tão cruel situação. O pânico estabelece-se, por último, no encontro com a *Rote Armee*. Estes acontecimentos precipitam-se e o confronto com a afeição interior das pessoas aos seus lares e haveres vai-se tornando o objecto da apresentação narrativa e descritiva da acção. Apercebemo-nos de que quanto mais dramático é o perigo mais fortemente as pessoas se vão afeiçãoando a futilidades. As cenas de "empacotamento" de alguns haveres e a despedida do lugar de Jokehnen e das suas referências seculares são descritas de forma impressionante:

"Nun müssen wir doch flüchten. (...) Ob sie den Spinnwocken mitnehmen sollte? Und natürlich ordentlich Bauchstück aus der Räucherammer. (...) Aber was sollte aus dem Lebendigen werden? In dieser Jahreszeit! Ach die armen Hühnerchen! Nein, sie wollte doch nicht flüchten! Die Katz hatte auch nichts zu fressen. Na, die kann doch für kurze Zeit Mäuse fangen. Aber die Karnickel. Nein, das ließ sich nicht machen! Man kann die Kreatur nicht allein lassen. Und überhaupt: Hier ist unsereiner zu Hause, hier raucht der Schornstein, hier ist der Ofen warm. Hier muß man bleiben, da hat alles sein Platz und

seine Bestimmung." (305, 306) [Agora temos pois de fugir. (...) Será que devia levar a roca de fiar? E, claro, bastante banha do quartinho dos fumados. (...) Mas o que seria dos animais? Nesta altura do ano! Ah, coitadas das galinhas! Não, ela afinal não queria fugir! A gata também não tinha nada que comer. Ora, ela pode apanhar ratos por algum tempo. Mas os coelhos. Não, não podia fazê-lo! Não se podem deixar as criaturas sozinhas. E aliás: aqui é a casa de todos nós, aqui fumeja a chaminé, aqui está quente o fogão. Temos de ficar aqui, onde tudo tem o seu lugar e a sua ordem.]

Todavia, aos poucos, os habitantes de Jokehnen iam deixando o que possuíam pelo caminho. As estradas iam ficando repletas de objectos que deixavam de ter a quem pertencer:

"Reich hätte man werden können in jenen Tagen. Da lagen Gepäckstücke im Chausseegraben, (...) gut erhaltene Kleider, Decken, Pelze, ein Schifferklavier (...) Die Dinge hatten ihren Wert verloren, das galt sogar für die großen Reichsmarkscheine, die im Schneematsch lagen.) (346, 347) [Naqueles dias podia ter-se ficado rico. Havia malas nas bermas da estrada, (...), vestidos bem conservados, mantas, peles, um acordeão (...) As coisas tinham perdido o seu valor, isto até era válido para os marcos do *Reich* em grandes notas.]

Os soldados soviéticos, por seu turno, apoderavam-se de tudo o que lhes parecia valer a pena, fosse objecto ou ser humano: "Es wurde wieder eine Nacht mit Kontrollen, vergeblichem Suchen nach Uhren, Schmuck und brauchbaren Frauen." (348) [Voltou a ser mais uma noite com controlos, a procura em vão de relógios, jóias e mulheres que pudessem ser usadas.]. E cada vez mais se ansiava o regresso a casa:

"Nur nach Hause. Die Heizung reparieren. Ein bißchen nähen. Nach der Schneeschmelze den Garten umgraben. Derartig nebensächliche Gedanken beschäftigen einen in solchen Stunden. Nach Hause. Nicht zum Meer. Nicht nach Berlin." (336) [Ir apenas para casa. Consertar o aquecimento. Coser um bocadinho. Revolver a terra do jardim depois de a neve ter derretido. Uma pessoa ocupa-se de tais pensamentos secundários nessas horas. Para casa. Não em direcção ao mar. Não para Berlin.]

De realçar aqui o ritmo incisivo das frases, tão breves quanto possíveis, para dar o ênfase necessário a tão profundo sentimento nostálgico.

Naqueles tempos de desgraça colectiva e sofrimento individual a ideologia política perdera todo o sentido, porque dela não provinha qualquer conforto para o presente incerto nem nela se vislumbrava um único caminho aberto em direcção ao futuro. O que contava era a

mera sobrevivência sem mais, ter-se apenas o suficiente para comer e um tecto por cima da cabeça, independentemente de se gritar "Heil Hitler ou Heil Moscovo" (cf. 357).

Todas as "coisas" aparentemente "secundárias", como as anteriormente mencionadas e ainda a loiça de porcelana, o sal e o açúcar (cf. 345), uma sopa de leite (cf. 357), e muitas outras, levam-nos a afirmar que face à barbaridade da situação, são todas estas coisas do quotidiano que prendem as pessoas ao *Zuhause*, ao "lar", ao conforto da casa e da terra.

O regresso a casa das mulheres e crianças à Jokehnen desertificada e o confronto com as destruições e devastações foi, para elas, o mais assombroso (cf. 362). Tratou-se de uma chegada ao lar que tinha deixado de sê-lo, não só pela destruição em si, mas também por não haver ninguém na aldeia. A antiga comunidade já não podia ser restabelecida, os laços foram completamente cortados entre os seus habitantes. O romance de Surminski transmite de forma evidente a aproximação de um tempo marcado por este isolamento total:

"Abseits der großen Straße spürten sie, wie einsam Ostpreußen geworden war. (...) In den verlassenen Dörfern hinter Korschen begegnete ihnen die Einsamkeit. (...) Unheimlicher konnte es in finstersten Wald nicht sein als in diesen verlassenen, entstellten Dörfern." (356) [À margem da grande estrada eles sentiam como a Prússia Oriental se tinha tornado solitária. (...) Nas aldeias abandonadas atrás de Korschen a solidão ia ao encontro deles. (...) Nas trevas da floresta não podia ser mais lúgubre do que nestas aldeias abandonadas e desfiguradas.],

e pela anarquia:

"In den verlassenen Dörfern zwischen der Weichsel und der Memel herrschte die Freiheit des Alleinseins. Jeder konnte tun und nehmen, was er begehrte. Es gab keine Ordnung mehr, keine Verbote, keinen Schutz. Aber die Dinge hatten ihren Wert verloren. (...) Denn an sich sind die Dinge wertlos, gewinnen nur Bedeutung im Verhältnis zu anderen Dingen, zu anderen Besitzern." (372) [Nestas aldeias abandonadas entre o rio Vístula e o rio Memel reinava a liberdade de quem está só. Cada um podia fazer o que quisesse e levar o que cobixasse. Já não havia ordem, nem proibições, nem protecção. Mas as coisas tinham perdido o seu valor. Tinha deixado de haver ordem, proibições, protecção. Mas as coisas tinham perdido o seu valor. (...) Visto que as coisas não têm valor em si, só ganham importância em relação com outras coisas, com outros donos.].

Podemos verificar que, aquando deste regresso ao lar que já não o era e ao caos desolador, o narrador nos dá mais uma lição, nomeadamente a chamada de atenção de que uma coisa

é um mero objecto sem valor e só a sua pertença a alguém a torna valiosa, sobretudo se for confrontada com uma outra coisa.

Decorrido algum tempo sobre a fuga e o posterior regresso, a administração da região passou para mãos polacas e os jokehnianos começam a notar que os soldados polacos preparavam a deportação dos alemães. Dos ocupantes soviéticos, Arno Surminski forneceu-nos uma imagem realista: eles roubam, destroem, violam, assassinam alemães. Em contrapartida, muitos soldados russos são particularmente simpáticos para com as crianças "Ganz netter Kerl, dieser Aljoscha." (428) [Um tipo muito simpático, este Aljoscha.], às quais oferecem comida (cf. 413). O exemplo da família polaca que se estabelece em Jokehnen dá-nos igualmente a imagem das crianças polacas que brincam "(...) mit Steinen und Stöcken im Dreck der Straße, wie das die Kinder in Jokehnen schon immer getan hatten." (438) [(...) com pedras e paus na rua imunda, como as crianças em Jokehnen desde sempre o fizeram.]. Também aqui o autor está do lado dos fracos, todavia sem ressentimentos.

Ainda relativamente aos ocupantes soviéticos, de sublinhar a forma como Estaline é referenciado pelo narrador, com o habitual sarcasmo, "Väterchen Stalin" (cf. 411, 453) [paizinho Estaline] e os soldados russos, satisfeitos com a sua vitória, riem alto, afirmando "Chitler kapuut!" (cf. 334, 335).

A História está, por último, presente no final do romance, com a deportação e a expulsão dos últimos alemães sobreviventes "*nach Deutschland*" em vagões de mercadorias "voller Menschen" (466) [cheios de pessoas], quando já nada resta de "*ein Volk ... ein Reich ... ein Führer*" (249, 379) [um povo, um *Reich*, um *Führer*]: "Alle Deutschen müssen raus", sagte er. "Nach Deutschland ... in zwei Stunden ... Und nicht mehr Gepäck, als jeder tragen kann." (447) [Todos os alemães têm de sair", disse ele. "Para a Alemanha ... em duas horas ... e sem mais malas do que as que cada um pode transportar.]. A expressão "*nach Deutschland*" repete-se várias vezes neste final, certamente que o autor pretende com ela acentuar a indignação dos afectados que eram alemães e que sempre tinham vivido na Alemanha: "Waren sie denn nicht in Deutschland?" (447) [Mas eles não estavam na Alemanha?].

Durante este período repetem-se cenas idênticas às que tínhamos assistido e pressentíamos durante a anterior fuga. No campo de refugiados observamos um último olhar satírico que

incide sobre a capacidade de adaptação dos jokehnianos e, ao mesmo tempo, sobre o ritual antifascista na "zona de ocupação soviética" (cf. 483). Ficamos também aqui a saber de quem foi a culpa da situação dos refugiados: "Schuld an der ganzen Schweinerei hätten die Hitleristen." (483) [A culpa de todo este chiqueiro era dos Hitlerianos.] que queriam acreditar em tudo, "wenn es nur bald etwas zu Essen gebe und einen kleinen Ofen mit einem Feuerchen." (483) [se ao menos em breve houvesse algo que comer e um pequeno fogão com um luminho.].

De sublinhar ainda o contraste notado, por exemplo, em Berlim, onde, apesar da manifesta destruição (cf. 442) já era notável a diferença entre *den Heimatlosen* ["os apátridas"] e os habitantes da cidade que, aos poucos, vinham sentindo o regresso à normalidade da vida quotidiana.

As marcas da História que observamos representadas na ficção, confirmam-nos que Arno Surminski não pretende fazer uma análise do nacional-socialismo e desta fase da História mundial, assim como não tenciona apontar as questões de culpa e castigo dos seus intervenientes, mas procura mostrar-nos sobretudo como as pessoas se tornaram vítimas, apesar de não se sentirem culpadas, como quando Karl Steputat é interrogado pelos soviéticos e marcha em direcção à Sibéria com a fê de "não ter feito mal a ninguém" (cf. 381). O autor pretende sobretudo evidenciar que as vítimas mais inocentes eram, sem dúvida, as crianças, comprovado pelo comentário "Wenn einer den Krieg verliert, verlieren auch die Kinder den Krieg" (85) [Quando alguém perde a guerra, as crianças também perdem a guerra.].

### **3.6. Personagens – "tipos políticos" e as crianças em fuga em 1945**

Quando nós, leitores, contemplamos e vivemos o enredo de um texto, estamos a viver as vivências das suas personagens e a desfrutar do prazer estético associado à sua descrição. As personagens no romance *Jokehnen* podem ser entendidas não só como o eixo em torno do qual gira a acção, (Reis, Lopes, 2002: 314), como são elas próprias representativas de uma situação comum a um colectivo e, por este motivo, podem ser consideradas "tipos sociais". O discurso sobre esta categoria essencial da narrativa faz-nos perceber que, embora existam no romance personagens mais destacadas, nenhuma delas dá o nome à obra em si e abarcam um conjunto de atributos que é comum a muitas outras e as

aproximam de uma classe social, sobretudo tendo em consideração o regime político em que se inserem.

Hermann Steputat é o protagonista desta história e uma personagem-tipo, quando constatamos que este menino comporta em si o mesmo destino de todas as crianças que o nacional-socialismo enganou. O narrador mostra-nos um outro exemplo elucidativo deste ser fictício representativo do colectivo quando nos relata como funciona a consciência política de Karl Steputat. O pai de Hermann, ao assumir o cargo de burgomestre, de certo modo contrariado, fá-lo com sentido do dever (cf. 21) e fornece-nos, simultaneamente, uma dilucidação do seguimento dos habitantes da aldeia ao regime nacional-socialista. Estes dois exemplos, o protagonista e o seu pai, evidenciam a potencialidade de representação social das personagens: o primeiro é exemplificativo da influência do nacional-socialismo sobre a camada mais jovem e imatura da população e o segundo demonstra o sentido de obrigação de que dispunham aqueles que tinham a seu cargo posições de relevo e que, muito embora não fossem da mesma opinião, seguiam a esteira das ordens recebidas, o que nos leva à sua identificação com o "tipo político".

Os habitantes da aldeia eram, sem excepção, patriotas e conservadores: "Deutschnational und hindenburgtreu waren sie alle bis auf die Knochen (...)" (20) [Eram todos nacionalistas alemães e fiéis a Hindenburg até ao tutano (...)]. A figura histórica com quem mais se identificam é o marechal Hindenburg, visto este ter sido o salvador da Prússia Oriental na Primeira Guerra Mundial. Por esta razão também, ao sentirem-se desprotegidos, cada vez aderem mais à ideia expressa pelas seguintes palavras: "jene(n) Mann, den der Hindenburg vor anderthalb Jahren zum Reichskanzler gemacht hatte" (50) [àquele homem que o Hindenburg tinha tornado chanceler do *Reich* há ano e meio] que julgam estar à altura do seu patriotismo. O domínio nacional-socialista encontrou em Jokehnen um terreno fértil, quando ficamos a saber que tudo o que vinha da longínqua Berlim era aceite sem contestação:

"Die Verfärbung Jokehnens von schwarz-weiß-rot in braun war ohne Aufsehen vor sich gegangen. Die Jokehner erhielten ein Parteibuch und das Parteiabzeichen mit dem Hakenkreuz für den guten Anzug, sie zahlten Beiträge und hängten neben den alten Hindenburg jene schlichte Fotografie aus Braunau." (23) [A mudança de cor em Jokehnen de preto-branco-vermelho para castanho aconteceu sem alarido. Os jokehnicos receberam um livro do partido e o distintivo do partido com a cruz suástica

para o fato de domingo, pagavam contribuições e, ao lado do velho Hindenburg, penduravam aquela fotografia singela de Braunau<sup>58</sup>.].

A única oposição, se assim lhe podemos chamar, veio do latifundiário, o *Major*, que continuava a manter-se fiel à "Fahne des untergegangenen Kaiserreiches" (25) [bandeira do império desmoronado], no qual a Prússia era o Estado mais poderoso e, perante a queda deste império, é de salientar a relutância do senhor da terra que receava vir a perder o seu vasto poder:

"Karl Steputat führte keine Liste über die Personen, die den deutschen Gruß verweigerten. Der Major hatte als erster auf einer solchen Liste stehen müssen, denn er pflegte jeden Gruß nur stumm mit einem leichten Handaufheben zu erwidern. Mehr konnte niemand von dem Herrn des Gutes Jokehnen erwarten." (52) [Karl Steputat não listava as pessoas que renunciavam à saudação alemã. O *Major* teria de figurar em primeiro lugar numa lista dessas, uma vez que ele tratava de responder a todas as saudações apenas taciturnamente com um aceno ligeiro com a mão. Mais não se podia esperar do senhor do latifúndio de Jokehnen.].

Mais tarde ficamos a saber que o seu filho, o *Oberstleutnant* [tenente-mor] Siegfried, é levado como prisioneiro por um membro do partido com "schwarze Uniform mit dem Totenkopf" (246) [uniforme preto com a caveira] e auguramos que pertence à resistência e que era contra o regime nacional-socialista.

Também o tio de Hermann, Franz, se mostra desde o início desconfiado em relação aos objectivos dos nazis: "Wir brauchen keinen Krieg. Wir haben Ackerland genug, um zu leben." (69) [Não precisamos de nenhuma guerra. Temos terra de lavradio suficiente para viver.]. Assim, como cépticos ao regime (mas não propriamente resistentes) aparecem o *Major* e o Tio Franz.

Estas duas últimas personagens enquadram-se igualmente na classificação personagem-tipo, uma vez que podemos conceber na sociedade da época muitas pessoas relutantes ao *Dilettanten aus Braunau* (cf. 66, 179) [diletante de Braunau], por seguirem outras convicções ideológicas, mas que também eram contra a presunção deste líder, como no caso do *Major*. A expressão que o autor utiliza para Adolf Hitler merece a nossa atenção, como uma referência muito adequada para caracterizar um indivíduo que, embora não se

---

<sup>58</sup> Este lugar fica situado na Áustria, na fronteira com o Estado alemão da Baviera e foi a cidade onde nasceu Adolf Hitler, em 1889 (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Braunau\\_am\\_Inn](http://de.wikipedia.org/wiki/Braunau_am_Inn), acedido em 3 de Abril de 2011).

revelando à população como tal, conseguiu convencer um povo a perseguir os seus malévolos objectivos.

Karl Steputat representa no romance a figura do alemão "anständig", o alemão "decente" e honesto, mas que segue e confia totalmente no dever e na obediência. Por isso, permanece incapaz de reagir contra a ideologia anti-semita do nacional-socialismo, apesar de nos seus pensamentos existirem contradições:

"Es musste im Sinne des Führers sein, zwischen anständigen und unanständigen Juden zu unterscheiden. (...) Anständige Juden sind anders zu behandeln, dieser Samuel Mathern zum Beispiel." (121) [Deveria ser vontade do *Führer* diferenciar entre judeus honestos e judeus não honestos. (...) Os judeus honestos devem ser tratados de outro modo, como este Samuel Mathern, por exemplo.].

Karl Steputat era alfaiate e um homem que gostava de cultura e de ler; na sua sala encontrava-se uma pequena biblioteca, assim lhe podemos chamar, dada a natureza tão heterodoxa dos livros que a compunham: sobre a História da guerra franco-alemã, o jornal "Amtliche Kreisblatt", um livro de Rosa Luxemburg (cf. 21) e ainda livros de Felix Dahn<sup>59</sup>, Nietzsche, Alfred Rosenberg<sup>60</sup>, o "Quo vadis" e livros de astronomia (cf. 403). A marcha de Steputat para a deportação na Sibéria demonstra-nos o seu sentido de responsabilidade como burgomestre da aldeia, mas sobretudo como um indivíduo íntegro:

"Ja, so war Karl Steputat. Er glaubte, Ehrlichkeit müsse beeindrucken. Wer zu seinen Taten stehe, habe schon halb gewonnen. Und er fühlte keine Schuld. Er hatte niemand etwas getan. In diesem Glauben marschierte Karl Steputat von Jokehnen nach Sibirien." (381) [Pois, Karl Steputat era assim era. Ele acreditava que a sinceridade devia impressionar. Assumir os seus actos, já é meio caminho andado. E ele não sentia culpa nenhuma. Ele não tinha feito mal a ninguém. Com esta convicção caminhou Karl Steputat de Jokehnen para a Sibéria.].

Beyersdorf afirma, no seu artigo "...den Osten verloren. Das Thema der Vertreibung in Romanen von Grass, Lenz und Surminski"<sup>61</sup>, relativo ao tema da expulsão nos romances

---

<sup>59</sup> Felix Ludwig Julius Dahn (1834-1912) foi um professor alemão de jurisprudência, escritor e historiador (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Felix\\_Dahn](http://de.wikipedia.org/wiki/Felix_Dahn), acedido em 21 de Fevereiro de 2011).

<sup>60</sup> Alfred Rosenberg (1892-1946) foi um político do NSDAP e um ideólogo do Partido, durante o período da República de Weimar e do nacional-socialismo (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Alfred\\_Rosenberg](http://de.wikipedia.org/wiki/Alfred_Rosenberg), acedido em 21 de Fevereiro de 2011).

<sup>61</sup> Beyersdorf, Herman, 1992, "... den Osten verloren. Das Thema der Vertreibung in Romanen von Grass, Lenz und Surminski", in: "Weimarer Beiträge", 38, S. 46-67.

de Grass, Lenz e Surminski, que a personagem Karl Steputat é apresentada pelo nosso autor como vítima, uma vez que, apesar de ter contribuído para a estabilidade do sistema, tem um destino trágico.

A conduta de Karl Steputat pode ser mais uma vez considerada como uma referência ao colectivo, visto evidenciar uma certa ambivalência dos jokenianos em relação ao nacional-socialismo, quando a própria personagem, embora membro do Partido e uma alma seguidora do regime, mantém, por vezes, um certo distanciamento em relação ao *Führer*. Uma prova disto é que Karl Steputat não deu o nome "Adolf" ao filho recém-nascido: "Adolf wäre doch auch was Gutes", schlug die Hebamme vor." (16) ["Mas Adolf seria até uma coisa boa", sugeriu a parteira], "(...) dann entschied er sich für die Kultur, für Hermann Sudermann."<sup>62</sup> (16) [(...) ele optou depois pela cultura, por Hermann Sudermann.], mas não deixou, mais tarde, de acreditar de forma ingénuo nas decisões do *Führer*, que ao ter iniciado a guerra, teria com certeza um importante motivo para o fazer (cf. 115). Steputat chega a defendê-lo e, apesar de todas as notícias da retirada, acredita ainda numa viragem milagrosa da guerra. Só demasiado tarde, no dia 21 de Janeiro de 1945, lhe chegam as dúvidas (cf. 293) e reconhece terem sido todos enganados, mas não deixa de assumir a sua responsabilidade, como referido anteriormente.

Na aldeia só existem dois nazis convictos: o inspector Blonski e o ordenhador August. O primeiro segue a ideologia do nacional-socialismo, a criação do "*Lebensraum*" [o espaço vital] alemão na exploração de propriedades na Ucrânia: "Bei uns draußen wird das neue Deutschland gebaut! Germanische Wehrdörfer im slawischen Land." (186) [A nova Alemanha está a ser construída lá fora. Aldeias militares germânicas em terra eslava.] ou ainda "Die Nachricht vom Tod des Majors hatte ihn auf seinem Riesengut in der Ukraine erreicht, wo er deutschen Lebensraum und Nährstand sicherte." (181) [A notícia da morte do *Major* chegou à sua gigantesca propriedade na Ucrânia, onde ele garantia o espaço vital alemão e a lavoura.]. August, o ordenhador, o segundo, torna-se membro das SS e vem a participar no esmagamento da revolta do Gueto de Varsóvia, em 1943, como a edição especial do "*Stürmer*" que incluía uma fotografia sua (cf. 262) o dá a conhecer. No final do romance ficamos a saber de forma muito lacónica que, quando a guerra terminou, o ordenhador estava pendurado numa árvore em Kattowitz, não se sabe se enforcado pelos

---

<sup>62</sup> Dramaturgo e novelista, nascido na Prússia Oriental em 1857 e falecido em 1928 (informação consultada no sítio [http://de.wikipedia.org/wiki/Hermann\\_Sudermann](http://de.wikipedia.org/wiki/Hermann_Sudermann), acedido em 21 de Fevereiro de 2010).

próprios habitantes da aldeia ou se pelos russos ou polacos (cf. 495). Este momento do romance informa-nos ainda que o inspector Blonski fez parte dos sobreviventes, apesar dos crimes cometidos e conseguira iniciar um negócio de venda de vinhos na Alemanha Ocidental. De realçar que este nazi convicto foi, no entanto, quem levou os jokehnianos à fuga:

"Wir müssen alle verschwinden! Der ganze Osten brennt, das wackelt an allen Enden."

"Die Front ist doch ruhig", bemerkte Mikoteit.

"Das ist die Ruhe vor dem Sturm. Wenn wir nicht rechtzeitig in den Westen kommen, werden sie uns alle massakrieren. Es geht alles in Klump. Da ziehen wir lieber zu den Amerikanern oder Engländern. Hier im Osten wird es fürchterlich." (260)

[Temos todos de fugir! O Leste inteiro está a arder, todos os cantos abanam.]

"Mas a Frente está calma", fez notar Mikoteit.

"É a calma antes da tempestade. Se não chegarmos a tempo ao Ocidente massacraram-nos a todos. Fica tudo a monte. É melhor voltarmos para os americanos ou para os ingleses. Aqui no Leste vai ser horrendo.].

De facto, o Tio Franz e o Inspector Blonski são os que avaliaram a situação da forma mais realista e prepararam a fuga.

Os outros habitantes da aldeia protegem-se com a sua inocência pessoal, aliada ao desconhecimento que tinham dos factos reais, o que podemos ainda considerar uma consequência da sua simplicidade. A título de exemplo, refira-se o que diz Martha Steputat, que é da opinião que esta inocência pessoal os salvará do pior: "In Jokehnen hatte doch niemand etwas Böses getan, jeder nur seine Pflicht erfüllt. Deshalb musste es gutgehen." (271) [Mas em Jokehnen ninguém tinha feito nada de mal, cada um só cumprira o seu dever. Por isso tinha de acabar bem.]. Martha, a mãe do protagonista, fiel e submissa ao marido, com consciência da experiência e da idade que ele tinha a mais do que ela, tinha sempre receio de não satisfazer as exigências de Karl Steputat (cf. 15). A personagem Martha tinha sempre uma frase optimista (cf. 361), cantava para amenizar as situações mais sombrias e cruéis, mas não deixava de sentir a amargura do tempo "Was singt man denn in solchen Zeiten?" (356) [Mas o que se canta num tempo destes?]. No Natal de 1944, Hermann apercebe-se de que a mãe sentia os prenúncios do tempo que se aproximava: "Warum die wohl weinte! Das hatte sie Weihnachten noch nie getan." (276) [Mas porque é que ela chorava! Ela nunca tinha feito isto pelo Natal.].

O narrador salienta o destino das mulheres quando, por exemplo, nos relata que ter filhos é algo que domina naturalmente entre elas (cf. 8) e as suas vidas são marcadas pelo árduo trabalho e uma posição servil em relação aos maridos. Um exemplo desta constatação das tarefas, sobretudo no campo, e da forma como as mulheres as cumpriam com a convicção da sua obrigação, acontece com a tia Hedwig, "(...) die von Sonnenaufgang bis Sonnenuntergang mit Hühnerfühlen, Schweinefüttern, Essenkochen, Entenrausjagen, Entenreinjagen und Gemüsejäten beschäftigt war.", (191, 192) [(...) que desde o nascer ao pôr-do-sol estava ocupada a encher o papo das galinhas, dar de comer aos porcos, cozinhar, enxotar os patos para fora, enxotar os patos para dentro e sacher legumes.] ou com Martha Steputat que "(...) nur Frauen gelten..., die Kartoffeln schälen und Hühner schlachten konnten und die auch so aussahen." (191) [(...) só tinha em consideração as mulheres que sabiam descascar batatas e matar galinhas e as que com aquelas se pareciam.]. De referir, neste contexto, o confronto feito no romance entre os comportamentos das mulheres da aldeia e os das berlinenses que Jokehnen teve de albergar na Primavera, a salvo das bombas: "Die Berliner Frauen sangen damals schon "Lili Marleen", ja sie waren es, die das Lied in das einsame Jokehnen brachten. Und dazu rauchten sie Zigaretten. Massenweise. Wo hatten die das Kraut nur her?" (191) [As mulheres de Berlim já cantavam nessa altura "Lili Marleen", isso mesmo, foram elas que trouxeram a cantiga para a isolada Jokehnen. E ainda por cima fumavam cigarros. À farta. Onde é que elas arranjavam a erva?]. Este confronto escolhido pelo autor evidencia igualmente as actividades cumpridas pelas mulheres no campo, que agem em função da sua sobrevivência e as mulheres da cidade, representantes do ócio, que passam o tempo a cantar a nostalgia e a fumar para ocupar o tempo incerto. A única e verdadeira ligação ao mundo destas mulheres da cidade, não é a terra, como as mulheres da aldeia, mas o aparelho de rádio. Esta descrição no romance transmite-nos duas rotinas diferentes de um quotidiano que se tornara quase imperceptível durante a guerra.

No período iniciado na página 74 e que se estende até à página 80, são descritas as relações entre os prisioneiros polacos e os habitantes da aldeia, não sem uma chamada de atenção quando o bebé de Else Behrend, grávida de um polaco, morre quinze minutos depois do nascimento do filho. Ficamos a conhecer que o *Führer* tinha razão quando afirmou que "(...) Polenblut und deutsches Blut nicht zusammengehörten." (93) [(...) sangue alemão e sangue polaco não são compatíveis.]. Com esta afirmação o autor salienta, mais uma vez

de forma irónica, a hostilidade da relação entre polacos e alemães. No entanto, os prisioneiros polacos e russos são relativamente bem tratados na aldeia, o que nos fornece uma ideia da diferença entre a imagem propagandista do inimigo e a realidade vivida no quotidiano:

"Schneller als gedacht, gewöhnte sich Jokehnen an die fremden Menschen. Die Kinder verloren als erste die Scheu. (...) Das tägliche Beisammensein öffnete eine andere Welt, sehr weit entfernt von jenem erkünstelten Unterschied, der in den Zeitungen stand." (77)  
[Jokehnen habituara-se às pessoas estranhas mais rapidamente do que se pensara. As crianças foram as primeiras a perder o acanhamento. (...) A convivência diária abriu um mundo novo, muito afastado daquela diferença artificial que vinha nos jornais.]

A primeira impressão do próprio Hermann, com nove anos de idade, em relação aos prisioneiros de guerra, também denota a diferença entre a imagem oficial do inimigo e a sua própria experiência: "Die sind gar nicht so, wie man sich Russen vorstellt, ging es Hermann durch den Kopf." (222) [Eles não são nada como imaginamos os russos, passou pela cabeça de Hermann.].

Arno Surminski, na sua apresentação da sociedade jokehniana, descreveu ainda o destino dos judeus, embora um pouco à margem do enredo. A personagem Samuel Mathern é presa porque os quadros do partido responsáveis tinham de "apresentar trabalho". O facto de a maioria da população da aldeia não ter notado a sua prisão, nem o próprio Samuel saber para onde era levado, corresponde a um estereótipo, apesar de merecedor de pouca verosimilhança, uma vez que dificilmente podemos acreditar que ninguém desconfiava do destino real dessas pessoas.

O facto de o romance ser marcado pelo ponto de vista das pessoas simples da aldeia é ainda acentuado pela perspectiva das crianças, representadas sobretudo pelo protagonista, mas também pelo seu melhor amigo Peter Aschmoneit. O romance evidencia nitidamente a forte influência que o nacional-socialismo exercia sobre as crianças e os jovens "Deutschlands Zukunft" (224) [o futuro da Alemanha], expressão que se repete por algumas vezes. De tal modo que só as crianças continuam a acreditar na Alemanha e no *Führer* que lhe tinham sido inculcados com grande sucesso durante anos "Es gibt keine gefangenen Deutschen", behauptete Hermann. "Die deutschen Soldaten siegen oder sterben." (161) ["Não existem alemães prisioneiros", afirmou Hermann. "Os soldados alemães vencem ou morrem."]. A guerra, mesmo ao longe, é vivida pelas crianças como se

de uma grande aventura se tratasse, até a "gute Stube" (124, 305) [a boa sala] em casa dos Steputat se torna palco das brincadeiras bélicas de Hermann: "Mit einem Kreidestrich verwandelte Hermann einen Teil des Fußbodens in ein Meer, auf dem kleine und große Schiffseinheiten operierten und die Küste beschossen." (125) [Com um traço de giz Hermann transformou uma parte do chão num mar, no qual operavam navios grandes e pequenos que disparavam sobre a costa.], uma vez que "Ja, so war die Zeit. Kämpfen! Töten! Schießen!" (126) [Sim, assim era a época. Lutar! Matar! Atirar!]. E, é óbvio, no final quem ganhava era sempre a Alemanha, mesmo quando Hermann já tinha perdido o pai e a mãe ainda acredita "firmemente que a Alemanha não desmoronaria". (423) Uma criança que cresceu no regime do nacional-socialismo e em que os ideais desta ideologia, sobretudo a expansão de uma Alemanha forte, foram apregoados incessantemente por meio de uma potente propaganda, a custo deixou de acreditar nesse imaginário que marcou a sua formação.

O melhor amigo de Hermann, Peter, "(...) den armen Peter, der immer halb vom Klauen und halb vom Betteln gelebt hatte (...) (336) [(...) o pobre Peter que vivera a roubar ou a pedir (...)], evidencia por várias vezes a insensibilidade interior das crianças, que o destino trágico motivou. Peter era um pouco mais velho do que Hermann e tornou-se muito cedo independente: "Er entwickelte mehr Sinn für das Praktische, für Äpfelklauen im Gutsgarten, Fische fangen, Frösche morden und Spatzen schießen." (125) [Ele desenvolveu um maior sentido pelas coisas práticas, para roubar maçãs no jardim do latifúndio, apanhar peixes, matar sapos e atirar aos pardais.]. O seu pai morreu cedo na guerra, a avó cega permitia-lhe fazer tudo e a mãe entregou-se à prostituição para conseguir trazer abastecimentos para casa. Para Hermann este seu amigo vive as mais loucas aventuras, embora se apercebendo que o Pai Natal e o coelhinho da Páscoa só se deixavam ver em casa de Peter "aus Versehen" (337) [por acaso], não relacionando isso com o facto de Peter não ter a condição social que tal permitisse. De salientar o carácter de Peter quando o seu pai morre e o menino tem um medo horrendo que ele tenha morrido de frio, e não como herói. A personalidade de Peter é bem trabalhada e confrontada com a personalidade muito diferente do seu companheiro Hermann. No final, Peter morre de tifo no campo de refugiados e Hermann fica totalmente sozinho, sem pais e sem o amigo.

Como vimos, a influência que o nacional-socialismo e a sua ideologia exerciam sobre os jovens é frequente, no entanto, há episódios que mitigam o fascínio das crianças e denotam

mesmo um clima de apreensão e de receio: a título de exemplo, quando um avião se despenha perto da aldeia, Hermann, faz nessa noite "chichi na cama" (233); no Natal de 1944, quando vem o Pai Natal, ele pensa que poderia ser um homem com uma pistola (cf. 277). Mas estas são apenas cenas secundárias. Quando os jokehnianos começam a cavar abrigos e a *Chaussee* está repleta de refugiados e de militares, as crianças continuam, ainda assim fascinadas com o cenário de Guerra, como quando Peter e Hermann recolhem bombons e bolachas, tendo sido esse dia "ein glücklicher Tag" (300) [um dia feliz].

Mesmo a fuga é para Hermann, um acontecimento "como nos livros de aventuras no Oeste" (cf. 312), esperando que a professora que passava tantos trabalhos de casa (cf. 313) não voltasse mais. A visão geral da devastação, dos cadáveres, tornou-se uma realidade diária para as crianças: elas não têm escola, incendeiam casas, pescam com granadas de mão e brincam à "Frau komm" (cf. 394) ["Vem cá mulher"]. De salientar aqui este "jogo" impróprio para esta faixa etária, indiciador da perda de integridade das mulheres e que nos revela que, na realidade, o lugar de e o "ser" criança deixou de existir.

Hermann é pela primeira vez confrontado com o "eisige Grauen" (350) [gélido horror] quando vê um grupo de homens assassinados. A partir deste momento muito estará para lhe acontecer. Ele assiste à prisão do seu pai, que regressa posteriormente para ser novamente deportado para a Sibéria (cf. 263) e acaba também por perder a mãe, quando a vêm buscar na sua ausência (cf. 384). O sofrimento das crianças é apresentado de forma muito impressionante e comovente no romance de Arno Surminski, como sucede com Hermann, quando o seu pai parte pela primeira vez com soldados russos, e o pequeno corre, movido pelo pânico e o medo, atrás do grupo e quer segurar o pai (cf. 245); na segunda vez que o levam, a criança bate nas botas do soldado (cf. 381); quando a mãe se foi embora e ele fica horas sentado no parapeito da janela (cf. 384, 385); quando faz onze anos e festeja sozinho o aniversário (cf. 434); ou quando o pequeno tem de ver como sobrevive, durante um tempo sozinho em "sein Haus" (cf. 402) [sua casa], tentando repor a ordem e a arrumação. Nesta altura Hermann vive entre a tristeza e a esperança, o sentido da responsabilidade e a irreflexão própria de uma criança. Posteriormente muda para a casa da Wittkuhnschen, deixando, no entanto, um recado para os pais à porta de casa: "Dies ist mein Haus! Wenn Papa und Mama kommen, ich bin im Krug!" (406) [Esta é a minha casa! Quando o papá e a mamã voltarem, eu estou na taberna!]. Em seguida, tem de trabalhar para os russos, tal como todos os jokehnianos e só parte para a Alemanha, com o

argumento de ir à procura dos pais que certamente já lá estarão (cf. 450). A cena em que o menino grita de forma espontânea, em Berlim "Meine Eltern sind nicht umgekommen! (479) [Os meus pais não morreram!] mostra, muito mais do que quaisquer outras palavras explicativas, toda a tensão interior de ansiedade e angústia, que ele vive e a sua incapacidade para superar o trauma.

Estas passagens que evidenciam a solidão, o abandono e as saudades da criança são muito comoventes. A palavra *Heimweh* [saudades] lê-se com frequência e mostra que a "pátria" e o "lar" representam muito mais do que aquilo de que os jokehnianos tinham sentido a falta durante a fuga:

"Aus der Ferne sah es nicht anders aus als in jedem Frühling. Deshalb hatte ihn auch plötzlich das Heimweh überfallen, als er im Gras lag und über den Teich zu seinem Haus blickte. (...) Vielleicht erwartete ihn jemand an der Haustür und sagte: „Komm rein, Jungche!“ Aber er fand nur die bekannte Verwüstung, und die geschlachtete Kuh lag immer noch vor der Haustür.

Hermann stand auf der Schwelle und rief laut: "Mama!"

Natürlich wusste er, wie unsinnig es war, so etwas zu rufen, aber es tat ihm trotzdem wohl." (398) [À distância o aspecto não era diferente do de todas as Primaveras. Por isso as saudades assolaram-no de repente, quando ele estava deitado na relva e, por cima do lago, olhava para a sua casa. (...) Talvez alguém estivesse à sua espera à porta de casa e dissesse: "Entra, rapazinho! Mas ele encontrou apenas a devastação sabida e a vaca esartejada continuava ainda diante da porta da casa. Hermann estava de pé na soleira da porta e gritou: "Mamã!"

É óbvio que ele sabia que era um disparate gritar algo do género, mas, mesmo assim, fez-lhe bem."].

Nesta última parte do romance tornam-se frequentes os relatos sob a forma de monólogos interiores, em que o narrador se debruça sobre o protagonista, como acontece com as passagens que referem as suas saudades do passado, da cozinha aquecida, das canções da mãe, das bonitas flores à janela e do zumbir das abelhas no jardim (cf. 401). Todas estas descrições intensas podem ter as suas raízes nas saudades que o próprio autor sente da sua infância, o que pode ser comprovado numa passagem de um artigo que Arno Surminski escreveu para a revista Hörzu, em 1987, à data da projecção do filme *Jokehnen* na televisão: "Das Heimweh verging mir schon mit zehn Jahren, im Winter 1945. Es fehlte in jener Zeit vor allem an Menschen. (...) erfuhr ich in jenem einsamen Jahr 1945, dass wir

uns nicht nach Steinen, Mauern, Bäumen und Balken sehnen, sondern Heimweh immer nur nach Menschen haben, nach ihrer Wärme und Zuneigung." (Surminski "Auch die Zeit scheint in Masuren stehengeblieben zu sein...", "Hörzu" de 12/06/1987) [Eu já aos dez anos tinha saudades, no Inverno de 1945. Nessa altura sentia-se a falta sobretudo de pessoas. (...) eu senti nesse ano solitário de 1945 que não temos saudades de pedras, paredes, árvores e vigas, mas só temos saudades de pessoas, do seu calor e afecto.]

### 3.7. Prússia Oriental - "Heimat" e idílio nostálgico

A Prússia Oriental é descrita detalhadamente no romance, com a referência a lagos, rios, topónimos, florestas profundas e campos sem fim. O carácter especial da Masúria, a vizinha Lituânia, os animais que aí habitavam (cegonhas, lobos e alces), até os Outonos e os Invernos rigorosos nos são descritos e apresentados de forma tão convincente que nos imaginamos nessas paisagens, a sentir o vento e a neve.

Numa linguagem e estilo aparentemente muito simples, mas com um significado profundo nas suas entrelinhas, *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* faz o leitor percorrer de uma forma detalhada como era a vida no campo (e como esta vida deveria ser em muitos outros lugares na Alemanha), sobretudo na Prússia Oriental. Recordamos que na primeira metade do século passado, mais concretamente após a Primeira Grande Guerra, esta província se encontrava isolada da restante Alemanha e tinha como limites, a Norte o Mar Báltico, os rios Vístula a Ocidente e Memel a Leste, a Polónia e a Lituânia encerravam-na a Sul e a Leste. Duas regiões importantes devem ainda nela ser assinaladas: a região da Ermland, uma região costeira a Norte que pertenceu durante muito tempo à Polónia, assim como a Masúria, a Sul e a Sudoeste, pouco povoada, mas famosa pelas suas florestas e grandes lagos.

A impressão de lonjura e de isolamento da paisagem prussiana (cf. 166, 186) é corrente, assim como o afastamento e a solidão dos seus habitantes (cf. 188). Para os jokehnianos a própria viagem até Rastenburg parece uma volta ao mundo (cf. 206) e a cidade de Königsberg é esse grande mundo, uma estação antes de Berlim (cf. 20).

O período "Was gibt es denn Lustiges in Jokehnen? Das Lustigste ist immer noch ein bisschen traurig." (9) [O que há então de divertido em Jokehnen? Até aquilo que é mais

divertido continua a ser um pouco triste] indica-nos que estamos perante uma região triste, e a descrição das paisagens traduz uma certa melancolia. Convém associar a esta paisagem melancólica o comportamento das personagens do romance, onde constatamos o sentimento de saudade dos jokehnianos da situação harmoniosa por eles vivida e representada no início da obra.

O romance fornece-nos poucas informações sobre as tradições culturais da Prússia Oriental, de salientar, neste contexto, apenas o nome de Hermann Sudermann, como já referido e ainda Arno Holz<sup>63</sup>. Os nomes de pratos culinários dão um certo colorido local, como *Beetenbartsch* (cf. 91) [sopa de beterraba] e *Blaubeersuppe* (cf. 309) [sopa de mirtilos], *kalte Klopse und Schmalzbrot* (cf. 86) [almôndegas frias e pão com banha], "Kartoffelpuffer mit Schweineschmalz (...) Dazu kalte Brotsuppe mit Rosinen." (158) [Bolinhos de batata com banha de porco (...) a acompanhar sopa de pão fria com passas], e bebe-se *Lindenblütentee* (cf. 156) [chá de tília]. O autor dá-nos igualmente a conhecer os antropónimos comuns nesta antiga província alemã, as pessoas em Jokehnen chamam-se Steputat, Sablowski, Schubgilla ou Aschmoneit.

Quando Hermann Steputat vem ao mundo, em Jokehnen só há três telefones, não há luz eléctrica e ninguém possui um automóvel. A vida rural é marcada pelo ciclo da Natureza, as estações do ano, o árduo trabalho no campo e a relação estreita que os habitantes da aldeia mantêm com as suas casas, a quinta e o lavrar da terra (Schneiß, 1996: 184). De salientar aqui a conotação da cegonha, como o símbolo da Primavera, de um ambiente festivo (51) e portadora das cores da Prússia "Störche sind die Preußen unter den Vögeln (...)" (52) [As cegonhas são os prussianos entre os pássaros.], mas, também, no final, ao não aparecerem como era costume, prenunciarem o fim desta província: "Wo blieben nur die Störche? (...) Hatten sie die feindlichen Linien nicht überfliegen können?" (388) [Onde é que estavam agora as cegonhas? (...) Será que não conseguiram sobrevoar as linhas inimigas?].

A educação das crianças é feita de uma forma muito libertadora. Elas andam descalças sempre que as condições meteorológicas o permitiam (no Verão), têm o cabelo cortado à escovinha (por receio dos piolhos) e brincam todo o ano na Natureza. As crianças

---

<sup>63</sup> Escritor, poeta e dramaturgo alemão, nascido na Prússia Oriental (1863-1929) e representante do Naturalismo e do Impressionismo (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arno\\_Holz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arno_Holz), acedido em 15 de Fevereiro de 2011).

frequentam a escola da aldeia e todos os anos escolares são ministrados numa classe conjunta, reflexo de um método pedagógico que se adequa a pequenos lugares.

Uma grande parte do terror e da brutalidade do domínio nacional-socialista é atenuada por este "pequeno idílio" da aldeia (cf. 330). Podemos considerar que a distância da aldeia em relação aos centros do poder, assim como o facto de todos se conhecerem uns aos outros, fazem com que o fanatismo seja, de certo modo, atenuado. A título de exemplo, e como vimos na página 90 deste estudo, a Noite de Cristal passou sem grandes acontecimentos e sobressaltos na pequena cidade de Drengfurt (cf. 58), mas ficamos a saber, também como salientado na página seguinte, que esse cruel episódio não passou despercebido, por a loja do judeu Samuel Mathern ter sido assaltada e a sua montra ter sido suja com *slogans* anti-semitas. No entanto, este idílio é precário se pensarmos que, apesar de Karl Steputat ter escrito uma carta de referência a favor do judeu Mathern, de certo modo ingénua, isso não lhe impediu que a loja do judeu fosse fechada e que o seu destino não tivesse sido em nada alterado, uma vez que a direcção distrital em Rastenburg manda prendê-lo e sabemos no "posfácio" do romance que acabou por falecer de fome no Outono de 1942 num campo de concentração (cf. 495).

Também em relação aos prisioneiros polacos este idílio é limitado. Apesar de eles se terem adaptado à "vergleichsweise gemütlichen Jokehnen" (78) [comparavelmente agradável Jokehnen], em relação à sua pátria, pois podiam andar livremente pela aldeia, era-lhes, porém, proibido sair daquele espaço, e os que tinham fugido também chegavam às mãos terríveis dos nacional-socialistas (cf. 78).

Como referido no subcapítulo 3.3., o retrato dos "bons velhos tempos" faz-nos sentir a presença de uma nostalgia. Esta descrição é feita com muito humor e em termos jocosos, quer da paisagem, quer do modo de vida idílico: os caminhos acidentados, as habituais montarias, os animais nas pastagens, o lago da aldeia, mas também ficamos a saber da sujidade, das meias de lã tricotadas e que picavam nos pés. Estas impressões estão em primeiro plano e concordamos com Schneiß quando este afirma que é na descrição do idílio rural que reside o sucesso do romance (Schneiß, 1996: 185), como podemos constatar no seguinte período da obra surminkiana:

"Winter in Ostpreußen. Mit ungebrochener Kraft fegte der Wind den Schnee vom Ural her über die Weiten Rußlands bis an die Fenster der Steputatschen Schneiderstube in Jokehnen. Lustiges Aufstehen am Morgen. Dieses matte Schneelicht im Raum. Dann

der Blick durch die Scheibe, vor der Schnee bis zum Fensterkreuz lag, alle Geräusche dämpfend. (...) Plötzlich aus der Ferne das Quicken eines Schweins." (130) [Inverno na Prússia Oriental. O vento varria a neve dos montes Urais com uma força vigorosa sobre a vastidão da longínqua Rússia até à janela da pequena sala de costura do Steputat em Jokehnen. Um levantar divertido pela manhã. Esta débil luz da neve no quarto. Depois o olhat através do vidro, à frente do qual havia neve até ao caixilho da janela, a amortecer todos os ruídos. (...) De repente, o grunhir de um porco ao longe.].

No seio deste idílio com efeitos nostálgicos, o autor também nos faz reconhecer vários sinais sombrios: uma elevada taxa de mortalidade infantil e a falta de cuidados sanitários, o tema tabu da sexualidade, (a propósito das jovens empregadas que se têm de submeter ao *Major* (cf. 36)), a tendência para o alcoolismo de alguns homens da aldeia, as mulheres que trabalham de manhã à noite e, no final do romance, o facto de serem elas que carregam o maior fardo da guerra. Podemos ainda observar alguns preconceitos relacionados com a religião (cf. 178) e as superstições naturais de um mundo rural. No entanto, o pequeno Hermann cresce e passa a sua infância num mundo feliz e tranquilo, muito contribuindo para isso o facto de pertencer a uma das famílias mais abastadas da aldeia (Schneiß, 1996: 185).

Este mundo feliz e tranquilo, o antigo idílio, torna-se numa paisagem de terror quando a fuga dos seus habitantes se inicia. A região é abandonada e como que reconquistada pela Natureza:

"Ein Geruch von Verwesung, von faulenden Lumpen und verrottetem Bettzeug liegt über dem Dorf. Auf den Höfen wuchern Brennessel und Wegerich. Das Unkraut ist über die Pflüge und Eggen gekrochen, und in den Gärten stehen die weißen Pusteln der Butterblumen zwischen verkrauteten Spargelbeeten und giftgrünen Stachelbeeren. Auf den Treppen wächst Gras, und die Wolfshagener Pflastersteine sind zwischen Wegerich und Löwenzahn nur spärlich zu erkennen. Die Natur holt sich alles wieder." (406) [Um cheiro a decomposição, de farrapos putrefactos e roupa de cama apodrecida, paira sobre a aldeia. Nos pátios vicejavam urtigas e tanchagem. As ervas daninhas multiplicavam-se por cima dos arados e grades de lavoura, e nos jardins estão as pétalas brancas dos dentes-de-leão entre os alfobres de espargos cobertos de ervas e as uvas-espim de um verde venenoso. A erva cresce nos degraus e as pedras da calçada de Wolfshagen só a muito custo se reconhecem entre a tanchagem e os dentes-de-leão. A Natureza repete-se.].

Este excerto indica-nos como a própria força imparável da Natureza se alterou. O romance de Arno Surminski evidencia que a Natureza cria a sua própria desordem cíclica e o seu efeito segue lado a lado com o caos resultante da devastação da guerra efectuada pela mão do homem. As cegonhas deixam de vir porque lhes faltam as pessoas e o gado (cf. 388), os campos de trigo amadurecem, mas ninguém os ceifa (cf. 420). Esta alteração da Natureza representa ainda a mudança, a pátria que se perdeu (cf. 373), o fim do idílio, mas a permanência da nostalgia (cf. 390).

## **Conclusão**

O estudo que agora concluímos, e sobretudo a análise do romance *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* que lhe serviu de objecto, procurou demonstrar, de forma tão clara quanto possível, que a fuga e a expulsão dos alemães das províncias do Leste alemão, a partir dos finais da Segunda Guerra Mundial, se constituíram como um processo de transferência e aniquilamento de uma população, menos discutido e menos problematizado do que outros na história contemporânea.

Começámos por ver como a política do nacional-socialismo foi precursora desta transferência e a forma como o resultado da Conferência de Potsdam (de 17 de Julho de 1945 a 02 de Agosto de 1945) se tornou decisivo para a divisão da Alemanha e reordenação da Europa. De facto, as regiões da antiga Alemanha de Leste não se tornaram zonas de ocupação, mas ficaram sob a administração directa da União Soviética e da Polónia. A Prússia Oriental com a cidade de Königsberg (desde essa altura, Kaliningrado) passou para o domínio soviético e a Polónia recebeu a parte a Sul, a cidade de Gdańsk e parcelas da Pomerânia, do Brandemburgo e da Silésia, a Leste da linha Oder-Neisse, como compensação pelas regiões perdidas no Leste.

De um modo formal, com esta conferência, o futuro das regiões germânicas do Leste passou a ficar dependente de uma regulação baseada num tratado, cujo objectivo último seria a paz. Sendo assim, a expulsão dos alemães foi imposta, embora uma cláusula do tratado ressaltasse que deveria ser feita de forma "humana" e "ordenada", como referido no subcapítulo 1.4. Observámos que na prática esta expulsão resultou num destino trágico para aproximadamente catorze milhões de pessoas. Convém aqui ainda lembrar que, por culpa e responsabilidade dos

alemães, também milhões de pessoas pertencentes a outros povos e nações padeceram do mesmo sofrimento ou de outros piores, o que não deve ser menosprezado.

Esta expulsão, assim como a fuga que a precedeu, exerceram efeitos assinaláveis no desenvolvimento da Alemanha Ocidental após 1945. Em 1950, 16,5% da população da República Federal era constituída por refugiados e a sua integração é tida como um dos maiores feitos do pós-guerra.<sup>64</sup> Os expulsos exerceram uma grande influência no desenvolvimento da política interna da República Federal da Alemanha, devendo-se grandemente a eles o "milagre económico" do Ocidente alemão, como referimos, para além de terem estado representados em todos os partidos, assim como através de organizações e associações como as referidas *Landsmannschaften*. Até aos anos oitenta, os expulsos foram sobretudo importantes para o partido CDU/CSU, influenciando frequentemente a tomada de decisões políticas. Como tal, devemos manter sobretudo presente que estes acontecimentos históricos alteraram e marcaram decisivamente a Alemanha e a Europa no século passado.

Esta questão tem, todavia e sobretudo, vindo a manifestar-se como um conflito diplomático entre a Alemanha e a Polónia. A primeira aproximação entre os dois países ocorreu no âmbito dos *Ostverträge* [Tratados de Leste] assinados por Willy Brandt, o primeiro em Varsóvia em 7 de Outubro de 1970, segundo o qual se empreenderam esforços para "normalizar" as relações com a Europa de Leste. A questão da fronteira alemã-polaca veio a retomar alento com a reunificação da Alemanha em 1990 e levou à assinatura do "Tratado Dois mais Quatro"<sup>65</sup>, em 12 de Setembro de 1990, que implicou a aceitação formal pelo país das perdas territoriais sofridas no fim da Segunda Guerra Mundial. A Alemanha renunciava, deste modo, a todas as reivindicações referentes a territórios a Leste

---

<sup>64</sup> São várias as obras onde esta integração é descrita, salientamos, no presente contexto, as seguintes: Lemberg/Edding (ed.) (1959) *Die Vertriebenen in Westdeutschland, ihre Eingliederung und ihr Einfluss auf Gesellschaft, Wirtschaft, Politik und Geistesleben*, Kiel, três volumes que descrevem os acontecimentos a partir da perspectiva dos expulsos, e, enquanto tal, salientam o sofrimento e a grandiosidade da reconstrução; outro exemplo, menos heróico, mas pormenorizado: Albrecht Lehmann (1991), *Im Fremden ungewollt zuhaus. Flüchtlinge und Vertriebene in Westdeutschland 1945-1990*, München, C.H. Beck (GEO, 2004: Literaturverzeichnis).

<sup>65</sup> Tratado assinado em Moscovo, a 12 de Setembro de 1990, pela República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã (Dois) e as quatro potências que ocuparam a Alemanha no final da Segunda Guerra Mundial na Europa (Estados Unidos, França, Reino Unido e União Soviética) (Mais Quatro). Este tratado veio permitir a reunificação da Alemanha no dia 3 de Outubro desse mesmo ano. Nos termos do tratado as quatro potências renunciaram a todos os direitos que detinham na Alemanha, inclusive a Berlim, tornando-se este país plenamente soberano em 15 de Março de 1991 (informação consultada no sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_Dois\\_Mais\\_Quatro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_Dois_Mais_Quatro), acedido em 29 de Janeiro de 2011).

da linha Oder-Neiße, que viriam a ser nova e definitivamente confirmadas num tratado assinado entre a Alemanha e a Polónia em 14 de Novembro de 1990. Este tratado, "über die Bestätigung der zwischen ihnen bestehenden Grenze" [sobre a confirmação da fronteira existente entre elas (Alemanha e Polónia)], refere pela primeira vez o tema "perda da pátria" por parte de alemães e polacos "durch Vertreibung und Aussiedlung" [através de expulsão e de evacuação] (*apud* Schneiß, 1996: 43).

Ao analisarmos as consequências da fuga e da expulsão e as suas motivações políticas, estamos de acordo com este autor quando ele afirma que a questão reside no impacto que os tratados e os governos podem ter na reconciliação entre os povos. Se pensarmos concretamente na relação entre a Polónia e a Alemanha duvidamos que este esforço por parte dos governos consiga alterar totalmente o ambiente hostil, uma vez que uma reconciliação requer uma reflexão profunda sobre a História, para além de haver necessidade em fomentar um estudo sobre o que sucedeu no passado entre os dois países.

Torna-se importante na presente situação reafirmar a importância do desempenho da Literatura enquanto reflexão artística sobre um assunto histórico, político e social, nomeadamente através do romance apresentado e analisado neste trabalho que, sob a forma de exemplo, também contribuiu para ajudar na compreensão do fenómeno da fuga e da expulsão dos alemães das antigas províncias do Leste, sem esquecer a cumplicidade com as manifestações e acontecimentos bárbaros que levaram a essa ocorrência.

A literatura sempre se ocupou de temas como a fuga, a perda e a saudade da pátria, a procura do tempo perdido e tenta apresentá-los por meio do recurso à memória. Com este trabalho concluímos que a *Vertreibungsliteratur* se centra nessa temática e, como tal, representa um tipo especial de literatura, focando, mais precisamente, a relação perdida com o Leste alemão e faz uma avaliação de um destino humano colectivo trágico ocorrido nessa região concreta. Constatámos ainda que este tipo de literatura representa um processamento individual de uma perda irreversível de uma pátria, não apenas temporal, mas também espacial e procura, por meio de uma construção narrativa, recuperar aquilo que ainda é possível das relações antigas e perdidas com essa pátria.

No âmbito desta literatura, *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* fornece-nos, como vimos, através de meios aparentemente simples e convencionais, uma imagem completa de um território perdido, a Prússia Oriental, com todas

as suas particularidades, o dialecto, a vida e o idílio rural. Como afirma David Vickrey no seu *blog*<sup>66</sup>, nós, leitores, quase cheiramos o solo, sentimos a chuva e a neve, tomamos contacto com os animais. Este idílio pode ser acompanhado até à última terça parte do romance, a partir da qual se impõe o ritmo da devastação e a prevalência da nostalgia.

Percebemos que a estrutura narrativa do romance é sustentada pela História mundial e pela memória do seu autor e vimos como este recorreu a um narrador autoral para relatar a diegese, permitindo uma certa distância estética do conteúdo fortemente autobiográfico. O narrador serve de mediador entre o leitor e as personagens do romance, comentando sempre com muita ironia, até na forma lacónica da pergunta: "Ja, wie lange fährt man denn von Ostpreußen nach Deutschland?" (462) [Pois, quanto tempo é que demora então a viagem da Prússia Oriental para a Alemanha?] durante a viagem dos expulsos no vagão de mercadorias.

A análise do romance leva-nos a concluir que, embora presente e descrito o sofrimento da população da Prússia Oriental durante a fuga, a ocupação soviética e a subsequente expulsão, o tema central e real não é lembrar o sofrimento do povo alemão, como tem vindo a acontecer com alguns romances mais recentes sobre a temática. A finalidade principal de *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?* reside em mostrar como se chegou à tragédia do destino das vítimas alemãs da guerra e em evidenciar como a brutalidade do nacional-socialismo vitimou sobretudo as crianças indefesas e desarmadas, ao terem sido iludidas e utilizadas por esta ideologia. Como afirma Surminski, no prefácio da edição analisada, a sua mensagem a transmitir por meio deste seu romance é também: "Nie wieder Krieg, nie wieder Flucht und Vertreibung!" [Guerra nunca mais, nunca mais fuga e expulsão!].

Arno Surminski é um escritor do passado das antigas províncias germânicas, que pretende que este passado não caia totalmente no esquecimento, servindo o propósito de resposta à referida pergunta de Christa Wolf, simultaneamente individual e colectiva "Wie sind wir so geworden, wie wir heute sind" [Como é que nos tornámos naquilo que somos hoje], que não se restringe à geração que passou por essa época, mas também aos que estão por nascer:

Die zahllosen Menschen, die unbeachtet im Straßengraben verwesten, die irgendwo aus dem Zug geworfen oder in Massengräber gelegt wurden und bis zum Schluss nicht

---

<sup>66</sup> David Vickrey escreveu num *blog*, que pode ser acedido em <http://www.dialoginternational.com/>, recensões sobre alguns livros de Arno Surminski, entre as quais se pode ler a sua crítica ao romance do presente estudo, escrita em 31 de Dezembro de 2008.

begreifen konnten, was sie verbrochen hatten, sie verdienen es, wenigstens erwähnt und nicht um des lieben Friedens willen vergessen zu werden." (Surminski "Der Schrecken hatte viele Namen": 72) [As inúmeras pessoas que apodreceram sem disso se aperceberem nas bermas da estrada, que foram algures atiradas dos comboios ou colocadas em valas comuns e que até ao fim não puderam entender o crime que tinham cometido, elas merecem ser no mínimo mencionadas e não ser esquecidas em nome da querida paz.].

Este trabalho pode servir ainda de base a futuras pesquisas, nomeadamente no âmbito da tradução, visto nenhum dos romances do autor Arno Surminski estar traduzido em Portugal, abrindo uma nova questão a explorar. Com esta finalidade, se procura agendar um encontro pessoal com o escritor na Dittchenbühne e.V<sup>67</sup>, em Elmshorn no Estado de Schleswig-Holstein na Alemanha, no Outono deste ano de 2011.

---

<sup>67</sup> Forum Baltikum Dittchenbühne e.V é uma associação fundada em 1982, com aproximadamente 1.000 membros, que tem como objectivo, entre outros, a promoção da colaboração intercultural principalmente com os Estados vizinhos no Mar Báltico, dentro da área metropolitana de Hamburgo, o concelho de Pinneberg e a cidade de Elmshorn (informação consultada no sítio <http://www.dittchenbuehne.de/>).

## **Bibliografia**

### **Bibliografia activa**

Surminski, Arno, 2003, *Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?*, Berlin, Ullstein Buchverlage GmbH.

### **Bibliografia passiva**

Augstein, Rudolf (ed.), 2002, *Spiegel Special Das Magazin zum Thema Die Flucht der Deutschen*, Hamburg, SPIEGEL-Verlag Rudolf Augstein.

Augstein, Rudolf (ed.), 2007, *Spiegel Special Geschichte Preussen Der kriegerische Reformstaat*, Hamburg, SPIEGEL-Verlag Rudolf Augstein.

Beyersdorf, Herman Ernst, 1999, *Erinnerte Heimat, Ostpreußen im literarischen Werk von Arno Surminski*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag.

Beyersdorf, Herman, 1992, "...den Osten verloren. Das Thema der Vertreibung in Romanen von Grass, Lenz und Surminski", in: "Weimarer Beiträge", 38, S. 46-67.

Clark, Christopher, 2008, *Preußen Aufstieg und Niedergang 1600 – 1947*, München, Pantheon Verlag.

Danyel, Jürgen e Ther, Philipp (ed.), 2003, "Flucht und Vertreibung in europäischer Perspektive", in: "Zeitschrift für Geschichtswissenschaft", Heft 1.

de Zayas, Alfred Maurice, (2) 1987, *Anmerkungen zur Vertreibung der Deutschen aus dem Osten*, Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer.

Dornemann, Axel, 2005, *Flucht und Vertreibung aus den ehemaligen deutschen Ostgebieten in Prosaliteratur und Erlebnisbericht seit 1945: eine annotierte Bibliographie*, Stuttgart, Anton Hiersemann Verlag.

Dückers, Tanja, 2005, *Himmelskörper*, Berlin, Aufbau Taschenbuch Verlag.

Erl, Astrid, 2005, *Kollektives Gedächtnis und Erinnerungskulturen*, Weimar, Stuttgart, Metzler.

Ferguson, Niall, 2007, *The War of the World*, London, Penguin Books.

Feuchert, Sascha, 2001, *Flucht und Vertreibung in der deutschen Literatur*, Frankfurt am Main, Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften.

Fichte, Johann Gottlieb, 2008, *Reden an die deutsche Nation*, Hamburg, Felix Meiner Verlag.

Fritsche, Michael (ed.), 2001, *Kinder auf der Flucht, Kinder- und Jugendliteratur zu einem globalen Thema im 20. Jahrhundert, Bibliotheks- und Informationssystem*, Universität Oldenburg.

- Genette, Gérard, 1980, *Narrative Discourse, An essay in Method*, New York, Cornell University Press.
- GEO G + J Redaktion, 2004, *Flucht und Vertreibung. Europa zwischen 1939 und 1948*, Hamburg, Ellert & Richter Verlag.
- Gil Costa, Fernanda, 1998, *Literatura Alemã I*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Grass, Günter, (5) 2009, *Im Krebsgang. Eine Novelle*, München, Deutscher Taschenbuch Verlag.
- Grass, Günter, 1959, *Die Blechtrommel*, Neuwied am Rhein und Berlin-West, Hermann Luchterhand Verlag.
- Grube, Frank, Richter, Gerhard, 1980, *Flucht und Vertreibung, Deutschland zwischen 1944 und 1947*, Hamburg, Hoffmann und Campe.
- Gumpert, Gregor, 2005, "Noch einmal: das "gemiedene Thema", zur literarischen Reflexion auf Flucht und Vertreibung 1945/46", in: "Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur", S. 104-116.
- Helbig, Louis Ferdinand, 1986, "Das Flucht- und Vertreibungsgeschehen in Belletristik und Literaturforschung 1945-1985: Wie Menschen Geschichte erleiden", in: "Jahrbuch der schlesischen Friedrich-Wilhelms-Universität zu Breslau", S. 223-278.
- Helbig, Louis Ferdinand, (2) 1989, *Der ungeheure Verlust, Flucht und Vertreibung in der deutschsprachigen Belletristik der Nachkriegszeit*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz.
- Keil, Ernst-Edmund, 1985, mit e. hist. Exkurs von Hans-Werner Rautenberg, "Vertrieben ...: literarische Zeugnisse von Flucht u. Vertreibung; e. Ausw. aus Romanen, Erzählungen, Gedichten, Tagebüchern und Zeichnungen der Jahre 1945 – 1985", Kulturstiftung der Deutschen Vertriebenen, Bonn, S. 7-13, 319-339.
- Kempowski, Walter, 2006, *Alles umsonst*, München, btb Verlag in der Verlagsgruppe Random House.
- Korff (ed.), 1981, *Katalog, Ausstellung "PREUßEN-Versuch einer Bilanz"*, Band I, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag.
- Kossert, Andreas, (3) 2008, *Kalte Heimat, Die Geschichte der deutschen Vertriebenen nach 1945*, München, Siedler.
- Kuhn, Ekkehard, 1987, *Nicht Rache, nicht Vergeltung - Die deutschen Vertriebenen*, München, Langen Müller.
- Lehmann, Albrecht, 1991, *Im Fremden ungewollt zuhaus: Flüchtlinge und Vertriebene in Westdeutschland 1945-1990*, München, C.H. Beck.
- Machado, Álvaro Manuel, Pageaux, Daniel-Henri, 2001, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Editorial Presença.
- Martinez, Matias, Scheffel, Michael, (1999) 2009, *Einführung in die Erzähltheorie*, München, Verlag C.H. Beck.

- Mehnert, Elke, 2001, *Landschaften der Erinnerung: Flucht und Vertreibung aus deutscher, polnischer und tschechischer Sicht*, Frankfurt am Main, Peter Lang.
- Mitscherlich, Alexander und Margarete, (1967) 2009, *Die Unfähigkeit zu trauern. Grundlagen kollektiven Verhaltens*, München, Piper.
- Motekat, Helmut, 1985, "Die lange Fahrt von Ostpreußen nach Deutschland. Arno Surminskis Romane Jokehnen und Kudenow", in "Kulturpolitische Korrespondenz", Sonderdienst.
- Nawratil, Heinz, (1982) 2007, *Schwarzbuch der Vertreibung 1945-1948: Das letzte Kapitel unbewältigter Vergangenheit*, Universitas Verlag.
- Opitz, Alfred, 1998, *Sociedade e Cultura Alemãs*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Rees, Laurence, 2010, *Segunda Guerra à Porta Fechada, Estaline, os Nazis e o Ocidente*, Lisboa, D. Quixote.
- Reis, Carlos, 2001, *O conhecimento da Literatura, Introdução aos Estudos Literários*, Coimbra, Almedina.
- Reis, Carlos, Lopes, Ana Cristina, 2002, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina.
- Rogasch et alri, 2006, *Erzwungene Wege. Flucht und Vertreibung im Europa des 20. Jahrhunderts*, Katalog, Ausstellung der Stiftung Zentrum gegen Vertreibungen, Berlin, Brandenburgische Universität und Verlagsgesellschaft Potsdam.
- Schaal, Björn, 2006, *Jenseits von Oder und Lethe, Flucht, Vertreibung und Heimatverlust in Erzähltexten nach 1945*, Trier, Wissenschaftlicher Verlag.
- Schieder, Theodor et alri, (1954) 2004, *Die Vertreibung der deutschen Bevölkerung aus den Gebieten östlich der Oder-Neiße*, Bundesministerium für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte 1954 – 1961, 5 Bände, München, Deutsche Taschenbuch Verlag.
- Schneiß, Wolfgang, 1996, *Flucht, Vertreibung und verlorene Heimat im früheren Ostdeutschland. Beispiele literarischer Bearbeitung*, Frankfurt am Main, Peter Lang.
- Smith, Anthony D., 1991, *National Identity*, Nevada, University of Nevada Press.
- Stanzel, Franz K., 2008, *Theorie des Erzählens*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.
- Surminski, Arno, 2009, *Aus dem Nest gefallen, Geschichten aus Ostpreußen*, Berlin, Ullstein Buchverlage.
- Surminski, Arno, 2004, *Der Winter der Tiere, Erzählungen*, Berlin, Ullstein Buchverlage.
- Surminski, Arno, 2001, *Besuch aus Stralsund*, Berlin, Ullstein Buchverlage.
- Ther, Philipp, Siljak, Ana, 2001, *Redrawing Nations, Ethnic Cleansing in East-Central Europe, 1944-1948*, Maryland, Rowman & Littlefield Publishers.
- Villas-Boas, Gonçalo, 1998, *Literatura Alemã III*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Wagner-Egelhaaf, Martina, 2005, *Autobiographie*, Stuttgart, Metzler.

Wiegrefe, Klaus, Pieper, Dietmar (ed.), 2007, *Die Erfindung der Deutschen, Wie wir wurden, was wir sind*, München, Deutsche Verlags-Anstalt.

### **Artigos de jornais**

- Baron, Ulrich (20.11.2010), "Das große Leichentuch des Meeres" 31. Januar 1945: Arno Surminski hat einen Roman über das Massaker von Palmnicken geschrieben", *Literarische Welt*, S. 32.
- Benning, Adolph (03.07.1987), "Szenen, die man nicht vergisst", *Hörzu*, Nr. 25, S. 8.
- Busch, Monika (26.06.1987), "Braune Zeiten", *WZ*, S. 12.
- Dietrich, Stefan (12.12.2002), "Leichen im Geschichtskeller", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 12.
- Dietrich, Stefan (07.09.2006), "Unfähig zur Versöhnung", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 1.
- Diner, Dan (07.04.2002), "Eigentum und Erinnerung", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 9.
- Drewitz, Ingeborg (13.10.1974), "Heimatflucht mit den Augen eines Kindes", *Der Tagesspiegel*, Nr. 8841, S. 47.
- Facius, Gernot, und Reif, Adelbert (12.01.1998), "Arno Surminski: Ostpreußen ist nur noch ein Mythos", *Die Welt*, Nr. 9, S. 9.
- Giordano, Ralph (13.07.2003), "Ein Herz für den geschlagenen Feind", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 9.
- Glötz, Professor Dr. Peter (11.08.2003), "Wider den Nationalismus", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 6.
- Jeismann, Michael (05.12.2005), "Tränen sind nicht aus Blei", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 39.
- Jessen, Jens (17.08.2006), "Die Mitschuld der Opfer", *Zeit Online*.
- Karsten, V. (25.06.1997), "Ostpreußen oder Irgendwo", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S.30.
- Kramberg, K.H. (11-12.01.1975), "Die behaltene Heimat, Eine Kindheit in Ostpreußen", *Süddeutsche Zeitung*, S. 72.
- Kraus, Hans-Christof (30.08.2002) "Nicht alles blieb unerzählt", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 36.
- Maidt-Zinke, Kristina (28.08.2001), "Arno Surminski, Schriftsteller und Ombudsmann der Krankenversicherer", *Süddeutsche Zeitung*, Nr. 197, S. 4.
- Maidt-Zinke, Kristina (20.08.2004), "Ostpreußens Seele, zum Geburtstag des Schriftstellers Arno Surminski", *Süddeutsche Zeitung*, Nr. 192, S. 12.
- Neumann, Nicolaus (15.06.1978), "Dicker Dreck, dünne Moral", *Stern*, Nr. 25, S. 210f.
- Safranski, Rüdiger (19.03.2006), "Der ganze Wahnsinn des zwanzigsten Jahrhunderts", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 8.
- Schmiese, Wulf (7.11.2006), "Lange Schatten", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 4.
- Schwarz, Karl-Peter (10.08.2006), "Anker der Erinnerung", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 4.

Schwarz, Karl-Peter (11.08.2006), "Erinnerung und Geschichte zusammenführen", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, S. 1.

Seibt, Gustav (26.02.2007), "Jenseits des Aufrechnens. Die Deutschen, der Luftkrieg und die Vertreibung", *Süddeutsche Zeitung digital*.

Sperr, Monika (15.11.1974) "Kennen Sie Jokehnen?" *Die Zeit*, Nr. 47, S. 4.

Surminski, Arno (12.06.1987) "Auch die Zeit scheint in Masuren stehengeblieben zu sein...", *Hörzu*, Nr. 25, S. 32.

Surminski, Arno (4.05.1999), "Damals blieb das Leiden sprachlos", *Die Welt*, Nr. 102, S. 13.

Thieringer, Thomas (25.07.1987), "Am Schluß ist Hermännchen allein", *Süddeutsche Zeitung*, Nr. 142, S. 23.

Zschau, Mechthild (21.06.1987), "Ein Dorf gerät in den Sog der Zeit", *Süddeutsche Zeitung*, Nr. 138, S. 13.

### **Sitiografia:**

<http://www.berlinerliteraturkritik.de/detailseite/artikel/literaturpreis-fuer-arno-surminski-stimme-fuer-kriegsopfer.html>, acedido em 20 de Abril de 2010.

<http://de.wikipedia.org/wiki/Jiddisch>, acedido em 24 de Maio de 2010.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Versalhes\\_%281919%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Versalhes_%281919%29), acedido em 15 de Junho de 2010.

<http://www.ipv.pt>, Alberto Manuel Vara Branco "O Nacionalismo nos séculos XVIII, XIX e XX: o princípio construtivo da modernidade numa perspectiva histórico-filosófica. Um caso paradigmático: A Alemanha", acedido em 15 de Outubro de 2010.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich\\_Ratzel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Ratzel), acedido em 23 de Novembro de 2010.

<http://www.dhm.de/lemo/html/weimar/innenpolitik/beobachter/index.html>, acedido em 30 de Novembro de 2010.

[http://www.dialoginternational.com/dialog\\_international/2008/12/review-arno-surminskis-jokehnen.html](http://www.dialoginternational.com/dialog_international/2008/12/review-arno-surminskis-jokehnen.html), acedido em 30 de Novembro de 2010.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Lebensraum\\_im\\_Osten](http://de.wikipedia.org/wiki/Lebensraum_im_Osten), acedido em 19 de Janeiro de 2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Decretos\\_de\\_Beneš](http://pt.wikipedia.org/wiki/Decretos_de_Beneš), acedido em 21 de Janeiro de 2011.

<http://de.wikipedia.org/wiki/Andreas-Gryphius-Preis>, acedido em 24 de Janeiro de 2011.

<http://de.wikipedia.org/wiki/Hannelore-Greve-Literaturpreis>, acedido em 24 de Janeiro de 2011.

<http://www.amazon.de/>, acedido em 24 de Janeiro de 2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_Dois\\_Mais\\_Quatro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_Dois_Mais_Quatro), acedido em 29 de Janeiro de 2011.

<http://www.dva.uni-freiburg.de/publikation/jahrbuch/jahrbuchreg/liedreg>, acessido em 1 de Fevereiro de 2011.

<http://www.volksliederarchiv.de>, acessido em 1 de Fevereiro de 2011.

<http://www.amazon.de/Fremdes-Land-oder-Freiheit-haben/dp/3548245676>, acessido em 8 de Fevereiro de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Schlacht\\_bei\\_Tannenberg\\_%281914%29](http://de.wikipedia.org/wiki/Schlacht_bei_Tannenberg_%281914%29), acessido em 8 de Fevereiro de 2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arno\\_Holz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arno_Holz), acessido em 15 de Fevereiro de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Hermann\\_Sudermann](http://de.wikipedia.org/wiki/Hermann_Sudermann), acessido em 21 de Fevereiro 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Karl\\_May](http://de.wikipedia.org/wiki/Karl_May), acessido em 21 de Fevereiro de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Fritz\\_Steuben](http://de.wikipedia.org/wiki/Fritz_Steuben), acessido em 21 de Fevereiro de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Reinick](http://de.wikipedia.org/wiki/Robert_Reinick), acessido em 21 de Fevereiro de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/V%C3%B6lkischer\\_Beobachter](http://de.wikipedia.org/wiki/V%C3%B6lkischer_Beobachter), acessido em 21 de Fevereiro de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Der\\_St%C3%BCrmer](http://de.wikipedia.org/wiki/Der_St%C3%BCrmer), acessido em 21 de Fevereiro de 2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Otto\\_von\\_Bismarck](http://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_von_Bismarck), acessido em 23 de Fevereiro de 2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilhelm\\_von\\_Humboldt](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_von_Humboldt), acessido em 23 de Fevereiro de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Sturm\\_und\\_Drang](http://de.wikipedia.org/wiki/Sturm_und_Drang), acessido em 30 de Março de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Christa\\_Wolf](http://de.wikipedia.org/wiki/Christa_Wolf), acessido em 2 de Abril de 2011.

<http://histclo.com/essay/war/ww2/tol/ger/org/no-nsv.html>, acessido em 3 de Abril de 2011.

[http://de.wikipedia.org/wiki/Braunau\\_am\\_Inn](http://de.wikipedia.org/wiki/Braunau_am_Inn), acessido em 3 de Abril de 2011.

[http://www.klett.de/sixcms/media.php/229/350450\\_0068\\_Weizsaecker\\_Weltkrieg.pdf](http://www.klett.de/sixcms/media.php/229/350450_0068_Weizsaecker_Weltkrieg.pdf), acessido em 5 de Abril de 2011.

### **Filmografia:**

*Die Flucht*, Directed by Kai Wessel (180 min., Warner Home Video, DVD, 2007).

*Flucht und Vertreibung*, Dokumentation von Eva Berthold und Jost von Morr (170 min., Polar Film + Medien GmbH, DVD, 2005).

*World War II, Behind Closed Doors, Stalin, the Nazis and the West*, Written and Produced by Laurence Rees, (344 min. BBC Worldwide Ltd., DVD, 2008).

## Índice onomástico

### Autores das fontes bibliográficas:

- Augstein, Rudolf: 12, 13
- Baron, Ulrich: 65
- Beer, Mathias: 27, 29, 31, 34
- Benning, Adolph: 64
- Beyersdorf, Herman Ernst: 52, 60, 63, 64, 68, 73, 91, 99
- Busch, Monika: 64
- Clark, Christopher: 13, 14
- Danyel, Jürgen: 47
- de Zayas, Alfred Maurice: 12, 30, 52
- Dornemann, Axel: 48, 54, 59
- Faulenbach, Bernd: 44
- Ferguson, Niall: 24
- Fritsche, Michael: 76
- Genette, Gérard: 75
- Gerrer, Jean-Luc: 73
- Gil Costa, Fernanda: 22
- Glutz, Peter: 43
- Grube, Frank: 39
- Gumpert, Gregor: 59
- Helbig, Louis Ferdinand: 10, 49, 50, 51, 52, 53, 54
- Karsten, V.: 64
- Keil, Ernst-Edmund: 48, 49
- Korff, Gottfried: 12
- Kossert, Andreas: 7, 18, 31, 32, 33, 41, 44
- Kramer, Mark: 27
- Kuhn, Ekkehard: 14, 15, 25, 33
- Lehmann, Albrecht: 12, 112
- Lejeune, Philippe: 61
- Mitscherlich, Alexander: 51
- Mitscherlich, Margarete: 51
- Motekat, Helmut: 62, 73, 77
- Nawratil, Heinz: 7, 28, 42
- Opitz, Alfred: 21
- Rees, Laurence: 28
- Reich, Heinz: 7
- Reis, Carlos: 57, 96
- Richter, Gerhard: 39
- Safranski, Rüdiger: 44
- Schaal, Björn: 48, 55, 57
- Schneiß, Wolfgang: 10, 53, 72, 108, 109, 110, 113
- Smith, Anthony: 21
- Stanzel, Franz: 74, 75
- Stobbe, Dietrich: 12
- Stüben, Jens: 76
- Surminski, Arno: 8, 10, 53, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 70, 71, 74, 94, 95, 100, 106, 111, 115
- Ther, Philipp: 19, 23, 24, 34, 40, 42, 43, 47
- Thieringer, Thomas: 64
- Vara Branco, Alberto Manuel: 20
- Vickrey, David: 114
- Wagner-Egelhaaf, Martina: 61, 62
- Walter, Stefan: 15, 36
- Wiegrefe, Klaus: 12
- Ziemer, Gerhard: 52

**Figuras históricas:**

Bismarck, Otto von: 14  
Brandt, Willy: 55, 112  
Churchill, Winston: 38, 41, 70  
Estaline, Josef: 38, 41  
Göring, Hermann: 70, 71  
Heß, Rudolf: 70  
Heuss, Theodor: 25  
Hindenburg, Paul von: 67, 85, 97  
Hitler, Adolf: 25, 28, 29, 43, 67, 86, 88, 98  
Hohenzollern, Friedrich von: 13  
Humboldt, Wilhelm von: 14  
Kemal, Mustafa: 29  
Papen, Franz von: 67  
Prien, Günter: 70  
Roosevelt, Franklin: 41  
Truman, Harry: 38  
Venizelos, Elefthérios: 29  
Weizsäcker, Richard von: 51

**Escritores, filósofos, músicos, cantores,  
locutores, geógrafos:**

Böll, Heinrich: 67  
Borchert, Wolfgang: 67  
Brückner, Christine: 53  
Dahn, Felix: 99  
Döblin, Alfred: 18  
Dückers, Tanja: 9  
Eichendorff, Joseph von: 18  
Fichte, Johann Gottlieb: 22, 23  
Fritsche, Hans: 81  
Grass, Günter: 9, 19, 53, 58, 100

Hemingway, Ernest: 67  
Herder, Johann Gottfried: 21, 23  
Hoffmann, E.T.A.: 18  
Holz, Arno: 108  
Kant, Immanuel: 18  
Kempowski, Walter: 8  
Lenz, Siegfried: 67, 100  
Luxemburg, Rosa: 99  
Marleen, Lili: 102  
May, Karl: 69, 70  
Montesquieu: 20  
Nitzsche: 99  
Ossowski, Leonie: 53  
Ratzel, Friedrich: 29  
Reinick, Robert: 69, 70  
Rilke, Rainer Maria: 18  
Rosenberg, Alfred: 99  
Rousseau: 21  
Siedlecki, Julian: 28  
Steuben, Fritz: 69  
Steuben, Fritz: 69, 70  
Strauss, Joseph: 70  
Sudderemann, Herman: 100, 108  
Wolf, Christa: 19, 58  
Zaron, Piotr: 27

**Outros:**

Carmo, Ana do: 64  
Garbe, Eva: 8, 9, 36, 37, 38  
Mendonça, Maria Antonieta: 58  
Topa, Helena: 53

## Anexos

### ANEXO I – RUA BODDERBARG

Em 1989



Em 2011



## ANEXO II – "AUSWEIS FÜR VERTRIEBENE UND FLÜCHTLINGE" [PASSAPORTE PARA EXPULSOS E REFUGIADOS]

Behördliche Eintragungen	Zur Beachtung Dieser Ausweis ist eine amtliche Urkunde. Mißbrauch und Fälschung werden bestraft. Änderungen dürfen nur von Amts wegen vorgenommen werden.	BUNDESREPUBLIK DEUTSCHLAND  AUSWEIS für Vertriebene und Flüchtlinge  A  Nummer des Ausweises  <u>113903 / 4178</u>  Dieser Ausweis gilt nur in Verbindung mit einem gültigen Personalausweis.
--------------------------	--	---

Name (bei Frauen auch Geburtsname) <u>Muschketat</u> Vornamen (Rufname unterstreichen) <u>Paul Otto</u> Geburtsdag <u>29. Mai 1908</u> Geburtsort (Land, Kreis) <u>Gnottau, Kreis Insterburg/Ostpr.</u> Kinder unter 16 Jahren Vorname                      Geburtstag 1. <u>Jürgen</u> <u>15.9.1944</u> 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____ 6. _____	Ständiger Aufenthalt im Bundesgebiet (Berlin-West) seit: <u>15. Juni 1945</u> Wohnort und Wohnung <u>Pinneberg/Schlesw.-Holst.</u> <u>Bodderberg 4</u> <i>Paul Muschketat</i> Unterschrift des Inhabers <u>Pinneberg, den 23.4.1957</u> Ort                                      Datum <b>Stadt Pinneberg</b> <b>Der Beauftragte für Vertriebene,</b> <b>Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte</b> <i>Goldbad.</i> Unterschrift	Nr. des Personalausweises <u>SH 216 280 c</u>  Behördliche Eintragungen
--	--	--

Behördliche Eintragungen		<b>BUNDESREPUBLIK DEUTSCHLAND</b>
		AUSWEIS für Vertriebene und Flüchtlinge
		<b>A</b>
		Nummer des Ausweises
		<b>113903 / 4177</b>
	<b>Zur Beachtung</b> Dieser Ausweis ist eine amtliche Urkunde, Mißbrauch und Fälschung werden bestraft. Änderungen dürfen nur von Amts wegen vorgenommen werden.	Dieser Ausweis gilt nur in Verbindung mit einem gültigen Personalausweis.

Name (bei Frauen auch Geburtsname) <u>Muschetat geb. Potritt</u> Vornamen (Rufname unterstreichen) <u>Gertrude Frieda</u> Geburtstag <u>20. Februar 1916</u> Geburtsort <u>Sanditten, Kreis Wehlau/Ostpr.</u> Kinder unter 16 Jahren Vorname                      Geburtstag 1. <u>Kinder sind im Ausweis</u> 2. <u>des Vaters eingetragen</u> 3. _____ 4. _____ 5. _____ 6. _____	Ständiger Aufenthalt im Bundesgebiet (Berlin-West) seit: <u>März 1945</u> Wohnort und Wohnung <u>Pinneberg/Schlesw.-Holst.</u> <u>Bodderberg 4</u> _____ _____ _____ Unterschrift des Inhabers <u>Pinneberg, den 23.4.1957</u> Ort                                      Datum <b>Stadt Pinneberg</b> Der Beamte für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte <u>Joh. Beck</u> Unterschrift	Nr. des Personalausweises <u>SH 90 635 e</u> Behördliche Eintragungen
---	---	---

<p>Behördliche Eintragungen</p>	<p><b>Zur Beachtung</b></p> <p>Dieser Ausweis ist eine amtliche Urkunde. Mißbrauch und Fälschung werden bestraft. Änderungen dürfen nur von Amts wegen vorgenommen werden.</p>	<p><b>BUNDESREPUBLIK DEUTSCHLAND</b></p> <p><b>AUSWEIS</b> für Vertriebene und Flüchtlinge</p> <p><b>A</b></p> <p>Nummer des Ausweises</p> <p>1139/15863</p> <p>Dieser Ausweis gilt nur in Verbindung mit einem gültigen Personalausweis.</p>
---------------------------------	--	---

<p>Häfer geb. Name (bei Frauen auch Geburtsname)</p> <p><u>Algie</u> Vornamen (Rufname unterstreichen)</p> <p><u>Karin Gudrun Erika</u></p> <p>Geburtsort <u>Boltenhagen/Krs. Belgard (Pommern)</u></p> <p>Geburtsort (Land, Kreis)</p> <p>Kinder unter 16 Jahren</p> <table border="0"> <tr> <td>Vorname</td> <td>Geburtsstag</td> </tr> <tr> <td>1.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>2.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>3.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>4.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>5.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>6.</td> <td></td> </tr> </table>	Vorname	Geburtsstag	1.		2.		3.		4.		5.		6.		<p>Ständiger Aufenthalt im Bundesgebiet (Berlin-West)</p> <p>seit: <u>8.4.1952</u></p> <p>Wohnort und Wohnung <u>Pinneberg (Holstein), Kirchhofsweg 42</u> <u>jetzt: Rellingen, Hohle Str. Nr. 4</u></p> <p>Unterschrift des Inhabers</p> <p><u>Pinneberg, den 26.7.1965</u> Ort</p> <p><b>Kreis Pinneberg</b> Der Landrat — Amt für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte — Ausstellende Behörde</p> <p></p> <p>(Raymann)</p>	<p>Nr. des Personalausweises <u>SH 114710 c</u></p> <p>Behördliche Eintragungen</p> <p><u>Vermerk</u></p> <p>Seit dem 6. August 1965 verheiratet (Eheschließung Nr. 161 des Standesamtes Pinneberg). Pinneberg, den 15.9.1965</p> <p><b>Stadt Pinneberg</b> Der Beauftragte für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte</p> <p></p> <p><i>Wolke</i></p>
Vorname	Geburtsstag															
1.																
2.																
3.																
4.																
5.																
6.																

**ANEXO III – CD COM A GRAVAÇÃO DE UMA ENTREVISTA  
EFECTUADA A EVA GARBE EM DEZEMBRO DE 2010**

## **ANEXO IV – CARTA DO ESCRITOR ARNO SURMINSKI COM A RESPOSTA ÀS PERGUNTAS DE UMA ENTREVISTA QUE LHE TINHA SIDO EFECTUADA POR VIA DE UM E-MAIL**

**From:** Ana do Carmo [mailto:anadocarmo@mail.telepac.pt]  
**Sent:** Friday, July 16, 2010 6:19 PM  
**To:** 'buero@dittchenbuehne.de'  
**Cc:** 'juergen.muschetat@gmx.de'  
**Subject:** Portugiesische Masterarbeit - Kontakt zu Arno Surminski

Sehr geehrter Herr Neufeldt,

ich wende mich an Sie auf Empfehlung meines Schwiegervaters Jürgen Muschetat, Ihres ehemaligen Schulkameraden.

Gestatten Sie mir, dass ich mich als erstes vorstelle. Mein Name ist Ana do Carmo, ich bin Portugiesin, lebte in den Neunzigern 8 Jahre in Pinneberg und wohne seit 10 Jahren wieder in meiner Heimat, in Loulé an der Algarve.

Nachdem ich lange Jahre infolge meines ersten Studiums als Übersetzerin tätig war, habe ich mich entschieden, die Deutsche Sprache, Literatur und Kultur an einer Universität in Lissabon zu studieren. Zur Zeit schreibe ich meine Masterarbeit, deren Thema lautet: "Der verlorene Osten – die Deutschen zwischen Vertreibung, Schuld und Leiden in den Romanen "Alles Umsonst" von Walter Kempowski und "Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland" von Arno Surminski.

Auf dieses Thema bin ich gekommen, da mein deutscher Mann Nachkömmling ehemaliger Vertriebener aus dem Osten ist und ich begeistert war von den Erzählungen der Großmütter, die die schlimmen Zeiten der Vertreibung durchgemacht haben. Außerdem handelt es sich um ein völlig neues Thema in Portugal.

Ich verfüge über eine umfangreiche Bibliographie (welche ich zum Teil aus dem Deutschen Literaturarchiv in Marbach mitgebracht habe) und habe schon relative gute Kenntnisse über das Thema.

Da der Schwerpunkt meiner Arbeit die Analyse zweier Romane bildet, einer davon der Erstlingsroman von Arno Surminski, war es für mich eine freudige Überraschung zu erfahren, dass mein Schwiegervater Zugang zu jemandem hat, der sich einerseits mit der ostpreußischen Kultur beschäftigt und andererseits den Schriftsteller Arno Surminski persönlich kennt.

Ich habe mir nunmehr erlaubt, ein Paar Fragen an Herrn Surminski auszuarbeiten und möchte Sie bitten, diese Fragen Herrn Surminski zu überreichen, soweit es möglich ist.

Meine Fragen wären:

- 1) In dem Werk von Wolfgang SchneiB "Flucht, Vertreibung und verlorene Heimat im früheren Ostdeutschland, Beispiele literarischer Bearbeitung", (Lang, 1996) kann ich Folgendes lesen: "Den Vertriebenenverbänden steht er nach eigenem Bekunden "distanziert" gegenüber, dem Ausdruck "Vertriebenen-Schriftsteller" will er für sich nicht gelten lassen." Diese Aussage hat ihren Ursprung wohl in einem Privatbrief. Sehen Sie sich immer noch nicht als "Vertriebenen-Schriftsteller"? Warum nicht, in Beachtung der zahlreichen Erzählungen und Romane, in denen Sie Ihre ostpreußische Heimat und das Schicksal der Vertriebenen schildern?
- 2) "Jokehnen" ist sehr autobiographisch geprägt. Welche persönlichen Kindheitserinnerungen haben Sie heute vor allem präsent?
- 3) Viele Kritiker/Rezensenten schreiben über Ihre Werke, dass Ihnen "Sentimentales Pathos ... fremd" ist. Sehen Sie das auch so? Welche Schreib-Methoden haben Sie bewusst benutzt, so dass Sie, zum Beispiel in "Jokehnen", die "Erinnerungen an Ihre verlorene Heimat" so unsentimental beschreiben können?
- 4) Ihre Romane "Jokehnen oder Wie lange fährt man von Ostpreußen nach Deutschland?" (1974), "Kudenow oder An fremden Wassern weinen" (1978), "Fremdes Land oder Als die Freiheit noch zu haben war" (1980) und "Polninken oder Eine deutsche Liebe" (1984) haben jeweils die koordinierende Konjunktion "oder ..." als Ergänzung des Titels. Was genau bedeutet für Sie diese Ergänzung im Titel von "Jokehnen"?
- 5) In ihrem ersten Gespräch mit Hermann Beyersdorf in 1995 (Beyersdorf, "Erinnerte Heimat, Ostpreußen im literarischen Werk von Arno Surminski", Harrassowitz, 1999) haben Sie Ihre frühen Kurzgeschichten erwähnt. Haben Sie diese zwischenzeitlich in einem Werk zusammengefasst? Die *Kurzgeschichte* hat eine lange Tradition in der deutschsprachigen Literatur (Lessing, E.T. A. Hoffmann, Kleist, Schnitzler, Brecht, Kafka, Marie Luise Fleißer, etc.). Hat Sie einer der genannten oder ein anderer Autor bei der Wahl dieser Untergattung der Literatur beeinflusst? Welche Bedeutung hat diese kurze Form der Prosa für Sie?
- 6) Sie haben 2009 das Buch "Amanda oder Ein amerikanischer Frühling" (hier noch einmal Ihr Titel-Stil) veröffentlicht. Ich kann mir vorstellen, dass das Schreibbedürfnis eine Konstante in Ihrem Leben ist, da Sie immer noch schreiben und sogar völlig neue Themen annehmen. Ist das "Vertreibungs-Thema" für Sie abgeschlossen? An welchem Thema arbeiten Sie momentan?

Herr Neufeldt, ich wäre Ihnen sehr dankbar für die Weiterleitung der Fragen an Herrn Surminski und bedanke mich im Voraus sehr herzlich dafür.

Mit freundlichen Grüßen,

Ana do Carmo

**Arno Surminski**

**Schwalbenstraße 33  
22305 Hamburg**

 040 / 691 43 28  
FAX: 040 / 611 83 942

Ana do Carmo  
Tradutora-Intérprete  
Urb. das Romeirinhas, lt 37  
8100-659 Loulé / Portugal

11. August 2010

Sehr geehrte Frau do Carmo,

über die Dittchenbühne in Elmshorn erhielt ich Ihre Anfrage, gern will ich die darin gestellten Fragen beantworten.

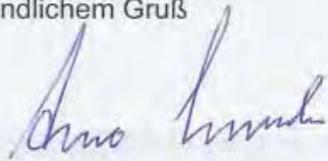
1. Der Ausdruck Vertriebenen-Schriftsteller ist hier in Deutschland negativ besetzt und wird in einem Atemzug mit Revanchismus und Ewig-Gestrigen gebraucht. Das war ich nie und werde es auch nicht sein. Meine Bücher befassen sich auch nicht vorrangig mit dem Vertreibungsgeschehen, sondern mit Flucht, Verschleppung, Vergewaltigung und all den anderen Schrecken des Kriegsendes. Fast die Hälfte der Bücher hat damit gar nichts zu tun, sie spielen in Kanada, den USA und der Schweiz.
2. Natürlich ist es das dörfliche Leben mit seinen kleinen Aufregungen. Und dann die große Weltgeschichte. Der Aufmarsch der deutschen Armeen vor dem Rußlandkrieg 1941 und die Rückkehr dieses Krieges nach Ostpreußen 1944/45.
3. Ein Thema wie „Jokehnen“ ist sentimental genug, das muß man nicht durch Stil und Schreibweise verstärken. Im Gegenteil: Von Anfang an war es mein Bestreben, den Stoff so nüchtern wie möglich zu schreiben. Beim Leser wirkt diese Nüchternheit um so emotionaler.
4. Nicht ich, sondern mein damaliger Verleger kam auf die Idee, „Jokehnen“ mit einem Oder-Titel zu versehen. Daraus ist dann eine Gewohnheit geworden. Mit einem Oder-Titel kann man mehr ausdrücken. Alles was hinter dem Oder steht, löst Fragen und Anregungen aus.
5. Etwa 25 ostpreußische Kurzgeschichten waren ursprünglich in dem Band „Aus dem Nest gefallen“ zusammengefaßt. Inzwischen sind rund 50 in einem Band unter dem gleichen Titel erschienen.  
Heinrich Böll, Wolfgang Borchert, Siegfried Lenz haben mich zu Kurzgeschichten angeregt, vor allem aber die amerikanischen Erzähler (Hemingway).

6. In „Amanda“ habe ich die Heldin zu allen Stätten fahren lassen, die ich einmal besucht habe.

Schreiben ist mir ein Lebensbedürfnis, ich habe noch viele Stoffe in Arbeit. Der Osten ist keineswegs abgehakt. In wenigen Wochen erscheint ein Roman mit dem Titel „Winter 45 oder Die Frauen von Palmnicken“. Sie können sich denken, worum es dabei geht.

Ich wünsche Ihnen für Ihre Masterarbeit viel Erfolg. Vor zwei Jahren war ich mit meiner Frau übrigens auch in Ihrer Nähe an der Algarve.

Mit freundlichem Gruß

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Ana do Carmo', written in a cursive style.